



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE- IEAA
PÓS-GRADUAÇÃO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E HUMANIDADES- PPGECH

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO
EDUCATIVO EM UMA ESCOLA DO CAMPO DE PARINTINS/AM**

HUMAITÁ-AM
2023

BRUNA DOS SANTOS PRATA

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO
EDUCATIVO EM UMA ESCOLA DO CAMPO DE PARINTINS/AM**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de PósGraduação em Ensino de Ciências e Humanidades, do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eulina Maria Leite Nogueira.

Linha de Pesquisa: Perspectivas teórico-metodológicas para o ensino das Ciências Humanas.

HUMAITÁ-AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P912p Prata, Bruna dos Santos
As práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo
em uma escola do campo de Parintins/AM / Bruna dos Santos
Prata. 2023
114 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Eulina Maria Leite Nogueira.
Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Práticas Pedagógicas. 2. Trabalho. 3. Educação do Campo. 4.
Formação de professores. I. Nogueira., Eulina Maria Leite. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

TERMO DE APROVAÇÃO

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO EM UMA ESCOLA DO CAMPO DE PARINTINS-AM

Mestranda: Bruna dos Santos Prata

Projeto de Qualificação defendido em: 15/ 06/ 2023

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado eletronicamente por **Eulina Maria Leite Nogueira, Professor do Magistério Superior**, em 19/06/2023, às 08:38, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Prof.ª Dr.ª Eulina Maria Leite Nogueira Orientadora/ Presidente



Documento assinado eletronicamente por **Ângela Maria Gonçalves de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 22/06/2023, às 12:37, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

**Prof.ª Dr.ª Ângela Maria Gonçalves de Oliveira
Membro -Titular interno**



Documento assinado eletronicamente por **Zilda Gláucia Elias Franco, Professor do Magistério Superior**, em 23/06/2023, às 08:56, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

**Prof.ª Dr.ª Zilda Gláucia Elias Franco Membro -Titular
interno**



Documento assinado eletronicamente por **Josemir Almeida Barros, Usuário Externo**, em 23/06/2023, às 14:55, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Prof. Dr. Prof. Josemir Almeida Barros Membro

Titular Externo

Agradeço a Deus que até aqui me ajudou e guiou os meus passos durante esta caminhada acadêmica, assim como todas as demais conquistas. Sou grata a minha família, em especial aos meus avós maternos Izabel e José Prata que faleceram e minha mãe Gracely Prata que sempre me dá forças e me apoia em tudo que faço, aos meus poucos amigos que sempre acreditaram no meu potencial, e sempre me motivam para que eu continue acreditando e não desista dos meus sonhos. Gratidão!!

AGRADECIMENTO

*Agradeço, primeiramente, a **Deus**, que é maravilhoso na minha vida, pelos grandes prodígios, dando-me saúde, sabedoria e livramento, guiando-me e mostrando-me sempre os melhores caminhos. Sem Ele eu nada sou. Sou grato a Deus por estar realizando uma etapa importante em minha vida, pois durante esse período no Mestrado, passei por dificuldades e desafios, os quais guardo comigo e contribuíram para meu amadurecimento nessa caminhada e continuei caminhando colocando Deus à frente de tudo que fazia e me surpreendia sempre. Obrigada Deus, por me amar tanto assim!!!*

*À gestora, aos **professores**, aos **colaboradores** e aos **comunitários da Comunidade São Sebastião do Boto** que me acolheram permitindo-me aprender junto com eles na realização desta pesquisa.*

*Sou grata à **FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas** pelo apoio na realização da pesquisa.*

*À professora Orientadora **Eulina Maria Nogueira Leite**, que me incentivou e orientou durante a construção da pesquisa com muita paciência e me ensinou muito, foi uma grande mãe científica que me ensinou a ter autonomia.*

*À Professora **Francisca Izabel Castro Porto**, que compreendeu quando precisei viajar para apresentar trabalhos científicos e durante o período da pesquisa de campo, e aos colegas da escola.*

*À professora **Simone Souza Silva** que foi minha orientadora na graduação que sempre perguntava sobre como estava o percurso do mestrado dentre outros professores e pessoas conhecidas que foram essenciais na caminhada acadêmica, pelas palavras amigas, mas, sobretudo, pela importância de me incentivar a estudar e prosseguir em busca dos sonhos.*

*Aos colegas de mestrado **Aline**, **Kin** que quando tinha alguma dúvida recorria a eles, em especial ao **Enicelmo** que foi um colega muito prestativo e incentivador na trajetória.*

*Aos **amigos** e **colegas** da educação, de modo especial à **Érica de Souza**, **Alessandra Santos** e **Tarcísio Guimarães** pela cumplicidade nesta trajetória.*

Agradeço a todos pelo apoio e que me ajudaram a chegar até aqui. Sou grata a todos vocês!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNE/ CEB Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo

CPT - Comissão Pastoral da Terra

CUT - Central Única dos Trabalhadores

EFAS - Escolas famílias agrícolas

FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

FOPINECAF - Fórum Parintinense de Educação do Campo, das florestas e das águas Paulo Freire

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICSEZ - Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia

IDAM - Instituto de desenvolvimento agropecuário do Estado das Amazonas

IFAM - Instituto Federal de Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONGs- Organizações não governamentais

PNATE - Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

TCC -Trabalho de Conclusão de curso

UEA - Universidade do Estado do Amazonas

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UNB - universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (

UNICEF - Fundo de Emergência Internacional para Crianças das Nações Unidas

UNIP - Universidade Paulista

UNOPAR - Universidade Norte do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista aérea de Parintins, terra dos bumbás Caprichoso e Garantido.....	52
Figura 3: Bumbódromo em noite de apresentação.....	56
Figura 4: Bois Caprichoso e Garantindo.....	57

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 2: Barco de recreio.....	53
Fotografia 5: Frente da escola São Sebastião do Boto.....	59
Fotografia 6: Nova igreja de assoalho e madeira.....	61
Fotografia 7: Construção da nova escola em alvenaria (escola núcleo)	62
Fotografia 8: Frente da escola Santa Rita (escola anexo)	63
Fotografia 9: Igarapé do Boto.....	65
Fotografia 10: Percurso até a escola anexo.....	65
Fotografia 11: Educação física na comunidade.....	66
Fotografia 12: Mapa da comunidade São Sebastião do Boto.....	67
Fotografia 13: Mapa Comunidade Santa Rita.....	67
Fotografia 14: Escola núcleo na enchente.....	68
Fotografia 15: Uma das casas da comunidade.....	68
Fotografia 16: Transporte escolar da escola anexo.....	69
Fotografia 17: Transporte escolar da escola núcleo.....	69
Fotografia 18: Estudantes dirigindo as rabetas.....	70
Fotografia 19: Estrutura da sala de aula.....	72
Fotografia 20: Sala de aula escola núcleo	74
Fotografia 21: Sala da escola núcleo.....	74
Fotografia 22: Texto fatiado de colagem.....	74
Fotografia 23: Reconhecendo os números.....	74
Fotografia 24: Atividade de coordenação.....	75
Fotografia 25: Atividade de matemática com massinha de modelar.....	75
Fotografia 26: Atividade com letras do alfabeto.....	76
Fotografia 27: Chegada na frente da escola núcleo.....	78
Fotografia 28: Indo para cidade vender produtos.....	79
Fotografia 29: Indo de cavalo até a escola anexo.....	80
Fotografia 30: Atividade artística 1º período, 1º e 2º ano escola núcleo.....	81
Fotografia 31: Atividade artística em grupo.....	81
Fotografia 32: Atividade artística 1º período, 1º e 2º ano	82
Fotografia 33: atividade artística em grupo na escola anexo.....	82
Fotografia 34: Atividade artística 3º,4º e 5º ano.....	83
Fotografia 35: Atividade artística entre os grupos.....	83
Fotografia 36: Roda de conversa	85
Fotografia 37: Dinâmica.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadros 3: Quantitativo das escolas e comunidades pesquisadas.....	68
Quadro 4: Perfis dos pais, líderes de movimentos sociais participantes da pesquisa.....	85
Quadro 5: Perfil dos professores participantes na pesquisa.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
O CENÁRIO DE LUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL.....	17
1.1 Contexto de luta da Educação no Brasil.....	17
1.2 A importância do MST.....	24
1.3 Educação do Campo nas legislações	27
1.4 O Currículo da Educação do Campo.....	30
1.5 Formação de professores.....	32
2. TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO.....	36
2.1 O trabalho como princípio educativo no Brasil.....	36
2.2 O trabalho como princípio educativo e a prática pedagógica	45
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	50
3.1 Pesquisa Científica.....	50
3.2 Contexto da Pesquisa: Município de Parintins.....	54
4. EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NA ÁREA DE VÁRZEA EM UMA ESCOLA DO CAMPO.....	65
4.1 Comunidade pesquisada: São Sebastião do Boto.....	72
4.2 Meio de transporte.....	75
4.3 Escola multisseriada.....	77
4.4 Práticas pedagógicas em uma escola do campo na área de várzea.....	79
4.5 Fenômenos naturais.....	83
4.6 Realização de atividade artística com os estudantes.....	87
4.7 Roda de conversa com pais, professores e líderes de movimentos sociais.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS.....	111

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO EM UMA ESCOLA DO CAMPO DE PARINTINS/AM

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo: compreender as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo em uma escola do campo de Parintins/AM e seus impactos no processo de construção do conhecimento. Foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos: realizar estudo sobre Educação do Campo no Brasil, contextualizar a Educação do Campo no Município de Parintins-AM, identificar os desafios dos docentes em incorporarem o trabalho como princípio educativo em suas práticas pedagógicas. A inquietação consistiu com a problemática, as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo estão sendo desenvolvidas em uma escola do campo de Parintins/AM? Foi realizada a pesquisa em duas escolas de várzea, na escola núcleo Washigton Luiz Teixeira que está situada na comunidade São Sebastião do Boto e na escola anexo Santa Rita que no decorrer da pesquisa foi necessário pesquisar em ambas para melhor compreensão e análise dos dados. O percurso metodológico da pesquisa foi quali-quantitativo, abordagem dialética, observação participante, entrevista semiestruturada, questionário, rodas de conversa, registros fotográficos e no término da pesquisa realizamos uma atividade artística nas turmas pesquisadas. Os sujeitos envolvidos são 10 entre eles líderes de movimentos sociais, professores, trabalhadores e pais dos estudantes. Os resultados dessa pesquisa são significativos para os profissionais da área educacional, principalmente para os que trabalham no campo, pois nos fez refletir sobre a valorização na formação dos professores e principalmente a efetivação de políticas públicas nas escolas do campo para que possam ter uma educação digna e de qualidade, articulando com os saberes tradicionais e científicos.

Palavras-Chave: Práticas Pedagógicas. Trabalho. Educação do Campo. Formação de professores.

PEDAGOGICAL PRACTICES AND WORK AS AN EDUCATIONAL PRINCIPLE IN A SCHOOL IN CAMPO DE PARINTINS/AM

Abstract

This research aims to: understand the pedagogical practices and work as an educational principle in a school in the countryside of Parintins/AM and its impacts on the knowledge construction process. It was broken down into the following specific objectives: to carry out a study on Rural Education in Brazil, contextualize Rural Education in the Municipality of Parintins-AM, identify the challenges facing teachers in incorporating work as an educational principle in their pedagogical practices. The restlessness consisted with the problem, the pedagogical practices and work as an educational principle being developed in a school in the countryside of Parintins/AM? The research was carried out in two floodplain schools, in the core school Washigton Luiz Teixeira which is located in the community São Sebastião do Boto and in the annexed school Santa Rita which, during the research, it was necessary to research in both for better understanding and analysis of the data. The methodological course of the research was quali-quantitative, dialectical approach, participant observation, semi-structured interview, questionnaire, conversation wheels, photographic records and at the end of the research we carried out an artistic activity in the surveyed groups. The subjects involved are 10, including leaders of social movements, teachers, workers and students' parents. The results of this research are significant for professionals in the educational area, especially for those who work in the countryside, as it made us reflect on the appreciation of teacher training and especially the implementation of public policies in rural schools so that they can have a decent education. and quality, articulating with traditional and scientific knowledge.

Key words: Pedagogical Practices. Work. Rural education. Teacher training

INTRODUÇÃO

É necessário discutir sobre Educação do Campo dentro do contexto amazônico, pois através de estudos e pesquisa surgem reflexões críticas e questionamentos necessários que incidem em possíveis mudanças na realidade educacional, principalmente por movimentos sociais do campo que lutam para conquistar dignidade e políticas públicas para os povos do campo.

Diante desta perspectiva, propomo-nos pesquisar as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo em uma escola do campo do Município de Parintins e como elas vêm sendo desenvolvidas, onde há um grande desafio na maioria das vezes colocá-las em prática. Uma vez que os sujeitos do campo precisam reconhecer e valorizar o lugar onde vivem, que é um território rodeado pela natureza e animais, e por meio da agricultura, da pesca entre outras características da vida no campo, que eles podem resgatar a identidade histórica, assim como organizar-se de forma social e cultural.

Para isso, é necessário valorizar a diversidade e o contexto em que se encontram para uma construção de uma proposta de ensino significativo que parta do processo identitário humano e social com a perspectiva de superação do ensino tradicional, visto que a educação é essencial para viver em um país justo e democrático.

Ao realizarmos a pesquisa sobre a Educação do Campo, adquirimos uma compreensão mais profunda da luta pela terra e pela educação, bem como das desigualdades sociais enfrentadas pelas pessoas que vivem, estudam e trabalham nas áreas dos campos. Além disso, identificamos outras necessidades e demandas que esses indivíduos expressam e que devem ser constantemente discutidas em diversos contextos.

Esta pesquisa surgiu a partir do Trabalho de Conclusão de curso (TCC) por meio das rodas de diálogo do Fórum Parintinense de Educação do Campo, das florestas e das águas Paulo Freire (FOPINECAF), da qual buscamos nos aprofundar sobre os desafios e as perspectivas da educação no campo, assim como perceber a realidade das comunidades ribeirinhas de forma mais aprofundada.

Através desta pesquisa pretendemos compreender as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo em uma escola do campo de Parintins/AM e seus impactos no processo de construção do conhecimento. Como objetivos específicos elencamos: realizar estudo sobre Educação do Campo no Brasil, contextualizar a Educação do Campo no Município de Parintins-AM, identificar os desafios dos docentes em incorporar o trabalho como princípio educativo em suas práticas pedagógicas.

Para responder aos objetivos da pesquisa elencamos as seguintes questões norteadoras que serão imprescindíveis durante a pesquisa: Como realizar estudos sobre Educação do Campo no Brasil? Como contextualizar a Educação do Campo no município de Parintins-AM? Como identificar os desafios dos docentes para incorporar o trabalho como princípio educativo em suas práticas pedagógicas?

A metodologia desta pesquisa está pautada numa proposta crítica de educação, a qual foi realizadas nas escolas de várzea: escola Washington Luiz Teixeira que está situada na comunidade São Sebastião do Boto e escola anexo Santa Rita no Município de Parintins-AM, fazendo um percurso metodológico quali-quantitativo, numa abordagem dialética, observação livre e participante, entrevista semiestruturada, rodas de conversa, questionário, registros fotográficos, caderno de campo. Os sujeitos envolvidos foram um total de dez (10), entre eles líderes de movimentos sociais, professores, trabalhadores e pais de estudantes da comunidade.

Os resultados dessa pesquisa são de suma importância para os profissionais da área educacional e, principalmente para os que trabalham no campo, pois a sociedade está em constantes mudanças e nós, mestrandos e pesquisadores em formação juntamente com as universidades, escolas e instituições, pretendemos contribuir para superar os desafios que emergem do campo para se ter uma educação digna e de qualidade.

Desse modo, este estudo pretende propor possíveis iniciativas para serem implementadas no espaço educacional do campo, envolvendo universidades, escolas e secretarias de educação, assim como profissionais que atuam na área, a fim de oferecer melhorias para a educação no meio rural.

Deste modo, no mês de agosto teve início a pesquisa de campo, uma vez que a mesma foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética, como forma de garantir a lisura da pesquisa.

A estrutura desta dissertação está organizada em seções, sendo a primeira, intitulada “o cenário de luta pela Educação do Campo no Brasil”, a segunda aborda sobre o “trabalho como princípio educativo”, na terceira seção está o percurso metodológico e na quarta seção vai apresentar os resultados por meio das experiências e vivências na área de várzea em uma escola do campo, e para completar as considerações finais do trabalho.

1. O CENÁRIO DE LUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

A luta pela Educação do Campo continua sendo um grande desafio que requer resistência e um movimento social organizado que defenda os direitos que estão sendo negados ao povo do campo, pois lida com diversas situações e necessidades desses sujeitos que serão abordados nesta seção. Partindo dessa premissa, propomo-nos a compreender as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo em uma escola do campo de Parintins/AM e seus impactos no processo de construção do conhecimento.

1.1 Contexto de luta da Educação no Brasil

A Educação do Campo no Brasil foi e continua sendo um cenário de lutas, da qual os camponeses decidiram sair da condição de oprimidos, expressando as condições em que vivem, para que suas vozes pudessem ecoar e fossem reconhecidas a partir do coletivo para alcançar a melhoria da sua comunidade e serem os protagonistas do campo, uma vez que os conflitos e as dificuldades do processo histórico perdura, pois insistem em descaracterizar as particularidades do campo, sem levar em conta que nós vivemos em uma sociedade heterogênea.

Os movimentos sociais do campo buscam ir além do contexto educacional, pois existem diversos conjuntos de ações culturais, sociais que merecem ser respeitadas e valorizadas pela sociedade. Neste sentido, este estudo apresenta resultados de reflexões sobre a realidade de duas escolas na área de várzea.

E para compreendermos esse contexto é necessário fazer um retorno do início da história, quando homens e mulheres aguerridos lutaram por essa causa, para que hoje nós estivéssemos debatendo e discutindo sobre essa importante questão que é educação do e no campo.

A transição da Educação Rural para a Educação do Campo acontece por meio das discussões de movimentos sociais que impulsionaram para que houvesse uma outra educação voltada para os povos do campo, buscando respeitar as peculiaridades da vida de homens e mulheres que moram, trabalham no campo.

A partir disso, aos poucos a educação vai trilhando outros rumos, e em 1996 o setorial de educação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), conseguiu ampliar esse debate para buscar políticas públicas que garantiam o direito à educação do e no campo.

A concepção de educação rural era vista antes somente como uma educação que preparava mão de obra para o mercado de trabalho, sem direito à reflexão ou preocupação com o desenvolvimento dos sujeitos (CALDART, 2012).

Ou seja, a educação rural pensava somente em um espaço para produção, enquanto a Educação do Campo buscou conhecer esse pluralismo que existe na organização social, política, econômica na produção da vida no território do campo.

Segundo Fernandes (2006), “a educação rural vem sendo construída por diferentes instituições a partir dos princípios do paradigma do capitalismo agrário, em que os camponeses não são protagonistas do processo, mas subalternos aos interesses do capital”. Então, a educação rural surge por meio dos interesses do capitalismo, na qual emerge somente o desenvolvimento do capital no campo, e não pensa na qualidade de vida das pessoas, pois foi criada com essa finalidade de transmitir somente instruções mínimas.

A educação rural no Brasil não levava em consideração os conhecimentos, onde o camponês vendia sua produção e força de trabalho. Ribeiro (2012), diz que para contrapor a educação rural surge a Educação do Campo, a qual é criada por meio dos movimentos camponeses e populares, que buscavam e continuam a lutar por uma educação escolar que se articule com o trabalho produtivo, firmado no princípio da solidariedade, cooperação das pessoas que vivem no campo.

Segundo Ribeiro (2012), a educação rural estava voltada para as pessoas que trabalhavam na agricultura, vivem e moram na área rural, no entanto a população agrícola ainda não é valorizada e tem na agricultura sua principal fonte de renda e sustento. Infelizmente ainda existe a educação rural, onde muitas pessoas ainda são desconhecedores dos seus direitos.

Caldart (2012) ressalta que não houve somente uma mudança de nomenclatura, mas uma oposição sobre a trajetória dos sujeitos que começam a perceber que são sujeitos de direitos sociais e humanos, principalmente com o apoio dos movimentos sociais (MST), os trabalhadores do campo começam a ter outro olhar. Nesse sentido, Souza e Meireles (2014, p. 72), ressaltam sobre a conjuntura contra hegemônica. Considerando que,

As escolas rurais, de modo geral, desde o seu surgimento, centram-se num modelo de educação com princípios e políticas voltadas para a educação urbana. Trata-se, pois, de uma lógica urbana transferida para a escola rural, atentando para uma perspectiva que desconsidera o contexto rural e a cultura local. Nesse sentido, a educação rural, foi e ainda hoje, é marcada por uma visão urbano-centrada que desvaloriza, desqualifica e por vezes negligencia as especificidades e singularidades do espaço rural. Trata-se de uma educação, vista preponderantemente pelos diversos governos brasileiros como simplesmente um prolongamento/transferência da escolarização urbana [...].

Esse modelo de educação que desrespeita e não valoriza os sujeitos do campo precisa ser superado. Nesse sentido, a contextualização dos aspectos políticos e sociais na Educação do Campo se deu por meio dos movimentos sociais e precisamos compreender como surgiu e como foi seu marco histórico, pois a educação rural foi marcada pela mão de obra escrava e com o

avanço da industrialização, o êxodo rural aconteceu e continua nos dias de hoje. Onde a migração das pessoas da área rural para a cidade trouxe diversas consequências como o aumento do desemprego, moradias informais, desestrutura e poluição urbana, falta de saneamento entre outros. Isso poderia ser revertido se houvesse a efetivação de políticas públicas no campo.

Atualmente a industrialização do agronegócio se encontra presente, a qual visa a modernização do campo, embora seja um setor importante para a economia do país, somente uma parte da sociedade como os empresários entre outros da alta sociedade têm o acesso e facilidade para desenvolver essas atividades agrícolas modernizadas. E esse ponto ainda é um empecilho para os sujeitos do campo, em especial os agricultores que continuam a luta pela reforma agrária¹ e direitos básicos que ainda são negados.

Caldart (2012), evidencia que há décadas os sujeitos do campo vêm sendo explorados e frente a esse processo histórico os sujeitos do campo se organizam em movimentos sociais, formam lideranças do campo e se mobilizam para reivindicar seus direitos à terra e à Educação do Campo e no campo.

A autora é enfática ao afirmar sobre a importância do processo de luta dos sujeitos por igualdade e justiça social contra os latifúndios, e o quanto é necessário esse fortalecimento e superação de desigualdades sociais.

[...] Para compreender a origem deste conceito é necessário salientar que a Educação do Campo nasceu das demandas dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Este é um fato extremamente relevante na compreensão da história da Educação do Campo (FERNANDES, 2006. p. 28)

Na contramão da concepção de educação rural, os movimentos sociais se articularam para lutar contra o contexto de subordinação executada pela classe dominante que perdurou por muito tempo, e que busca autonomia para criar e recriar o processo educacional para as realidades dos sujeitos e essa luta de resistência dos movimentos sociais perduram para atender a demandas dos sujeitos do campo.

A partir da I Conferência Nacional por uma Educação do Campo, em 1998 onde essa modalidade começa a ter visibilidade, onde os movimentos civis e sociais começam a se organizar para defender uma educação que valorizasse a identidade dos sujeitos do campo, em substituição a educação rural. Por isso, é necessário o fortalecimento das organizações do

¹ Reforma Agrária: Reorganização mais justa da terra

campo para permanecer na luta dos camponeses por uma educação capaz de promover a transformação do sujeito do campo.

Caldart (2012), enfatiza que a Educação do Campo nasceu primeiramente como educação básica do campo na I Conferência Nacional por uma educação básica do campo que aconteceu em Luziânia, Goiás nos dias de 27 a 30 de julho de 1998.

A realização do II Seminário Nacional Por Uma Educação do Campo, em novembro de 2002, realizado em Brasília, um evento significativo organizado pela Unesco, MST, Unicef, UnB, CNBB e outras instituições como órgãos públicos, universidades, secretarias municipais, estaduais e ONGs foi o ápice para ter um olhar voltado para essa modalidade de educação.

Desde então deu-se o nome Educação do Campo através dos debates e discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro de 2002, onde foi ressaltada especialmente na II Conferência Nacional realizada em julho de 2004, por mais valorização e reconhecimento da educação no e do campo.

A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra- hegemônicas, ela exige teoria, e exige cada vez maior rigor de análise da realidade concreta, perspectiva de práxis. Nos combates que lhe têm constituído, a Educação do Campo reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana de longo prazo. Faz isso ao se mover pelas necessidades formativas de uma classe portadora de futuro (CALDART, 2012, p. 262).

Uma conquista em prol a Educação do Campo foi a aprovação do Parecer nº 36/2001 e da Resolução CNE/ CEB 1/2002, em abril de 2002, um Projeto voltado para as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo, estabelecido nos artigos 23, 26 e 28 da Lei 9.394/96, um direito conquistado na câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, a qual considera os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos do campo. Aqui trazemos o art. 28 da LDB, o qual estabelece:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL/MEC, LDB, 9.394/96, art. 28).

A aprovação das Diretrizes aponta esperança e perspectiva para a vida do campo, uma vez que é importante compreender que a educação no campo não está relacionada somente à escola que é um lugar de transformação e desenvolvimento humano, mas a tudo que está no campo, buscando respeitar a diversidade e especificidades regionais e locais.

O Decreto nº 7.352 de 2010 reconhece que os sujeitos do campo são os pescadores, agricultores familiares, os quilombolas extrativistas, os ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, os povos das florestas, os trabalhadores assalariados, os caboclos que são sujeitos de saberes, memórias, identidades culturais diversificadas, distintos modos de vida e raízes de pertencimento com direito e políticas públicas que precisam ser respeitados e valorizados.

Através das conferências, segundo Caldart (2004), foi possível ampliar ainda mais essa modalidade em diversos ambientes, pois traz a trajetória realizada atualmente sobre a Educação do Campo, caracterizados por marcos históricos que possibilitaram pensar e olhar as questões do campo com mais profundidade.

Aliás, como destaca Arroyo (2004), a Educação do Campo está esquecida, a maioria das escolas são improvisadas, precárias e de difícil acesso, os professores são mal remunerados e às vezes pouco qualificados para o exercício das práticas pedagógicas.

Os sujeitos do campo continuam socialmente marginalizados, mesmo essa luta sendo travada há décadas, ainda há a necessidade de superar esse cenário nacional como categoria social. Silva (2017) destaca que as desigualdades sociais ainda continuam devido o avanço industrial impulsionado cada vez mais pelo capitalismo² e pelas políticas neoliberais³ que tem expulsado homens, mulheres, jovens e crianças do campo, ocasionando a marginalização e êxodo rural.

Diante dessa realidade, o movimento da Educação do Campo é uma importante organização que tem como uma de suas bandeiras de luta, investimento na educação, pois, atualmente, ainda é compreendida como gasto por alguns governantes.

Estudos realizados por Silva (2017), diz que o setor privado ver a educação como um serviço, a qual beneficia o setor econômico dominante, que mesmo investindo, há segundas intenções por detrás, pois de fato o que importa para este é que o campo continue um espaço de

² Capitalismo: é um sistema econômico que visa ao lucro e à acumulação das riquezas e está baseado na propriedade privada dos meios de produção.

³ Políticas Neoliberais: é um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia, onde deve haver total liberdade de comércio, para garantir o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país.

reprodução dos modos de produção, sendo que na maioria das vezes, a aplicação de investimentos públicos ocorre somente quando convém ao capital.

O movimento por uma educação do campo vincula a luta por uma educação como um conjunto das lutas pela transformação das condições sociais de vida no campo; [...] discutimos a educação vinculada aos processos sociais de formação dos sujeitos do campo porque aprendemos na prática que não há como educar verdadeiramente o povo do campo sem transformar as condições atuais de sua desumanização; e também já compreendemos que é na própria luta por estas transformações que o processo de humanização é retomado (CALDART 2008, P.152).

Em outras palavras, é preciso discutir sobre as práticas e trazer as experiências da classe trabalhadora entre outros assuntos, em especial com os estudantes do campo de modo que estes compreendam a importância da luta da coletividade, Arroyo, Caldart e Molina (2004) defendem que a Educação do Campo tenha como foco principal os direitos básicos e seja pensada por todos.

Furlanetti (2007, p. 11) aponta as necessidades de uma Educação do Campo que valorize as experiências e culturas vivenciadas por meio das reflexões pedagógicas onde,

[...] deve levar em conta a cultura, as características, as necessidades e os sonhos dos que vivem no campo e do campo, assumindo a identidade do meio rural num contexto específico de um projeto de desenvolvimento do campo. Uma escola do campo não precisa ser uma escola agrícola, mas uma escola vinculada à cultura que se produz por meio das relações sociais mediadas pelo trabalho na terra, com isso estaremos tratando a população do campo como sujeitos de um projeto de desenvolvimento com base na agricultura familiar, cooperativa e solidária, e, assim promovendo um amplo programa de desenvolvimento social. Que tenha como objetivo a permanência do homem e da mulher, do jovem e do adulto do campo no campo.

Sobre isso, a luta por uma Educação do Campo de qualidade socialmente referendada e pública, quer garantir que os sujeitos sejam educados no seu lugar de origem e considerem os as territorialidades dos povos do campo, se assim desejarem. É preciso dar as condições mínimas para ter uma vida digna e de qualidade no campo.

Se hoje em dia, as famílias mudam-se do campo para cidade é devido à falta de desenvolvimento social por políticas públicas e incentivo para os agricultores, pescadores, trabalhadores que vivem, moram e estudam no campo, onde possam orgulhar-se dos investimentos realizados na comunidade.

Para tanto, Arroyo (2004), chama atenção que ainda há estudantes que não têm acesso à educação, uma vez que está previsto em lei, que todos têm direito à educação independentemente do lugar onde se vivem, situação ou território.

Nessa perspectiva, Arroyo, Caldart e Molina (2004) argumentam a necessidade dos governantes garantirem o acesso à educação de crianças e adolescentes, de jovens e adultos que vivem, moram e trabalham no campo.

A luta do povo do campo por políticas públicas que garantam seu direito à educação e uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a uma educação no lugar onde vive. Do: o povo tem direito a educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais (CALDART, 2004, p. 25-26).

A luta coletiva de todos os sujeitos do campo, moradores e trabalhadores das comunidades rurais é importante para reivindicar as problemáticas e demandas do campo, pois o que não falta são denúncias e reclamações que revelam políticas afastadas do campo. Os governantes precisam assumir um compromisso com os sujeitos do campo, especialmente em relação a uma educação digna e de qualidade.

a realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo [...] (CALDART, 2012, p. 261).

Entende-se que é através da Educação do Campo que os sujeitos irão compreender o verdadeiro significado desse movimento de resistência, e, assim, se organizar e lutar pelos direitos necessários, por uma atenção maior do poder público e órgãos fiscalizadores, pois a exclusão e desigualdade em relação aos sujeitos do campo ainda existe, seja social, econômica e territorial ainda é grande na atualidade.

A Educação do Campo carrega em si uma longa história de mulheres e homens amazônidas com raízes históricas na constante luta por respeito, dignidades e igualdade, seja ele por índios, negros, ribeirinhos, principalmente pelos movimentos sociais que estão em constante luta.

Segundo Júnior e Mourão (2012), “no caso do Amazonas, o agravante é que a maioria dos municípios que abrigam as comunidades rurais se encontram tão distantes”, ou seja, por um desses motivos, advém diversas justificativas para o não monitoramento e fiscalização das políticas públicas.

Para Cunha (2009, p.3) enfatiza que “os povos do campo se caracterizam pelo seu jeito peculiar de se relacionar com a natureza”, por isso é necessário não somente ensinar os conteúdos escolares, mas adaptar as metodologias para as especificidades dos estudantes.

A desigualdade social continua grande no contexto amazônico, principalmente para quem mora no campo, seja pelos desafios geográficos como a distância, transporte e estruturas

físicas que ainda é um grande empecilho desde muito tempo, no qual proporciona um nível de escolarização boa para os estudantes e moradores do campo.

No Estado do Amazonas residem mais de 4 milhões de habitantes, segundo o IBGE (2010), onde há diferentes modos de vida: indígenas, ribeirinhos, quilombolas, assentados e populações urbanas. É um estado heterogêneo, miscigenado, plural com relações ambientais e sociais com diversas manifestações culturais, tendo como principal via os rios, através dos quais as pessoas se deslocam de sua comunidade até a cidade, na maioria das vezes.

É necessário que os sujeitos do campo participem ativamente das discussões e decisões, que sejam de fato os protagonistas da sua trajetória, ou seja, as ideias e projetos precisam ser pensados coletivamente, estudantes, professores, comunitários, lideranças e instituições de educação precisam estar juntos nessa empreitada (HAGE, 2013).

Por isso, como defensores da Educação do Campo, precisamos pôr em prática os legados que Paulo Freire nos deixou, buscar articular os saberes da escola com a realidade dos estudantes, local que eles estão inseridos. Desse modo os sujeitos do campo precisam lutar por políticas públicas efetivas, educação digna que os valorizem como protagonistas do saber e respeitem como cidadãos de direitos que vivem e moram no campo.

1.2 A importância do MST

Para compreendermos a linha de raciocínio do que estamos discutindo, precisamos antes de mais nada começar falando sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que foi fundado em 1984 pela Comissão Pastoral da Terra. Pois,

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas no final da década de 1970, especialmente na Região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro (CALDART, 2019, p. 1)

A inspiração do MST surgiu inspirada por Marx⁴ diante da necessidade do campo e em busca de possíveis soluções para os problemas do campo sempre apoiada pela luta, mas infelizmente a Educação do Campo nunca foi prioridade para os governantes do nosso país, “o poder público, a quem compete a obrigação jurídica de viabilizar o direito à Educação”

⁴ Karl Marx foi um filósofo, sociólogo, economista, jornalista e teórico político alemão. No século XIX, Marx identificou a marcante desigualdade e a exploração de uma classe detentora dos meios de produção (burguesia) sobre a classe explorada (proletariado), o que marcou profundamente a sua carreira.

(MOLINA, 2008, p. 27), ou seja, até os dias atuais a luta continua, pois não são garantidas esse direito às populações do campo.

A educação do campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas; nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação das escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas e resistências de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seus territórios, sua identidade (CALDART, 2008. p. 71).

Por meio do surgimento da Educação do Campo, lutou e reivindicou para que o mesmo dialogasse com a realidade do campo com a inconformidade da exclusão da terra, moradia, educação, cultura e vida, ou seja a Educação do Campo surge em meio a diversos conflitos, na qual busca romper com o processo de dominação e imposição relacionado aos sujeitos do campo (FERNANDES, 2006).

A luta do MST por uma Educação do Campo não vem de agora, a desigualdade ainda é expressiva tanto no processo histórico e social das famílias que vivem e trabalham no campo que continuam lutando para mudar esse cenário. A organização luta pela reforma agrária e continuam lutando como movimento social e isso é imprescindível para a sobrevivência e garantia desta população permanecer produzindo sua vida no campo.

Duas entidades contribuíram com as organizações foram elas: Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). A CUT apoiou de forma direta nas ocupações e a CPT contribuiu de forma direta na defesa e organização dos trabalhadores rurais. A luta do MST é a conquista para além das terras, pois lutam pela educação, saúde, condições dignas entre outros.

Os acampamentos para os sem-terra é o espaço/tempo de transição entre a ocupação e posse de terra e os assentamentos representam a territorialização do movimento. Para o MST a educação tem um papel de grande importância na formação identitária dos trabalhadores rurais sem terra.

O MST está organizado em setores partindo da realidade local do sujeito que fizessem a diferença e incluísse a história de permanência no campo. Uma das propostas das famílias Sem Terra é organizar e produzir uma proposta pedagógica específica para as escolas e educadores que trabalham nessa perspectiva e que possam continuar a luta.

Não é possível entender o surgimento do MST sem compreender as características da formação social brasileira, que prescinde de fazer a Reforma Agrária, mesmo em moldes capitalistas. Do mesmo modo, também não é possível entender por que o MST entra no trabalho com educação, e notadamente com educação escolar, sem ter presente, além das características de sua luta, a realidade educacional de um país que

ainda não conseguiu garantir a universalização do acesso à educação básica. (KOLLING; VARGAS; CALDART, 2012, p. 503).

Percebe-se que a desigualdade é maior em regiões que apresentam os piores índices de analfabetismo, uma das causas para isso é o deslocamento do campo até a cidade e outras condições precárias, além das famílias acreditarem que as escolas da cidade oferecem melhor ensino. Infelizmente as políticas públicas educacionais são negadas à classe trabalhadora.

As lutas dos movimentos sociais foram necessárias para a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) voltada para aos camponeses, visando a ampliação de políticas públicas e acesso a permanência na escola. Para Paulo Freire (1979) ressalta que a educação é um instrumento de libertação do sujeito trabalhador, para pensar a respeito das suas vivências e para romper a exploração a que a maioria da classe trabalhadora são submetidos, aumento a miséria e desemprego. O MST valoriza a educação do e no campo e que foi a partir dessa luta que formou-se e tornou-se num dos movimentos mais importantes do Brasil por meio de lutas concretas e que os trabalhadores se organizaram pela conquista de terra.

Não podemos deixar de mencionar que o campo é um lugar de possibilidade, principalmente no nosso país, por outro lado é desvalorizado, principalmente em relação a ausência de políticas públicas, que poderia investir no trabalho agrícola para melhor produção de mercadorias, sendo que o MST surgiu com o propósito de lutar pela reforma agrária e pela Educação do Campo que deveria ser garantido pelo estado, entre elas: redistribuição de terra, modos de produção que geralmente estão nas mãos dos grandes empresários, relação de trabalho por influenciar na infraestrutura, formação dos professores principalmente os que não conhecem as especificidades do campo, transportes, espaços físicos inadequados entre outros fatores.

Segundo Caldart (2004), destaca que as escolas só terão o jeito do campo quando for pensada e construída de forma política e pedagógica pelos sujeitos que vivem, moram e trabalham no campo. Sabemos que há uma dicotomia entre campo-cidade e percebe-se a necessidade de adaptar o currículo para os sujeitos do campo.

Há medidas públicas sendo tomadas a favor do campo, uma delas foi a criação do PRONERA que buscou fortalecer a Educação de Reforma Agrária, “utilizando metodologias voltadas para a especificidade do campo” (CARVALHO, 2007, p.7).

A partir do momento que as atividades dos sujeitos do campo são valorizadas e embasado na realidade deles, o currículo de alguma forma acaba compreendendo o trabalho como um princípio educativo que auxilia nesse processo de formação. Logo o trabalho no campo caracteriza os sujeitos que vivem nesse espaço pelas suas especificidades.

Os autores Teixeira; Trindade; Bernartt (2008), afirmam que a metodologia da Pedagogia da Alternância⁵ é importante referência para a Educação do Campo que são utilizadas pelas Escolas famílias agrícolas (EFAS).

A EFAS foi iniciada por meio da insatisfação dos agricultores franceses, na qual não atendia às especificidades do sistema educacional para o campo. Segundo os autores Teixeira; Trindade; Bernartt (2008), uma das grandes dificuldades da EFAS é dar continuidade a agricultura familiar, uma vez que a maioria dos jovens não têm perspectivas de permanecer no campo e buscam o ensino urbano.

Neste sentido, Di Pierro e Andrade (2009, p.225) enfatizam que “mantendo a escola afastada da história, da cultura, do trabalho, do ambiente e dos projetos de mudança política e econômica dos protagonistas da reforma agrária”, acabam por afastar ainda mais os jovens do campo, uma vez que a visão hierárquica e dicotômica entre espaço rural e urbano continua, devido a desestruturação da base cultural do currículo, segundo os autores eles afirmam que acabam por influenciar na organização escolar e prática pedagógicas, mesmo o currículo sendo voltado para o campo, a dicotomia entre cidade e campo continuará.

1.3 Educação do Campo nas legislações

A bandeira que se luta hoje é por uma educação no e do campo. Que seja uma educação com sonhos, esperanças e conquistas. A regulamentação e garantia das Leis, Diretrizes e Bases do Ensino são direitos conquistados com muito esforço e suor ao longo da história.

Esse percurso estabeleceu as diretrizes e princípios para o desenvolvimento da Educação Básica do Campo. Essa luta ocorre porque a população pode ter educação no lugar onde vive, e também tem o direito de ter uma educação construída com sua participação e vinculada a sua realidade. Desse modo, as Leis da educação brasileira trazem aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento adequado da educação no campo.

⁵ Pedagogia da Alternância: é um método que busca a interação entre o estudante que vive no campo e a realidade que ele vivencia em seu cotidiano, de forma a promover constante troca de conhecimentos entre seu ambiente de vida e trabalho e o escolar.

A Educação do Campo é marcada por acontecimentos históricos, onde os documentos da Educação do Campo apontam como direito educacional reconhecido pelo Ministério de Educação, pois representa a conquista de muitas lutas.

No entanto, conforme observamos nas comunidades do campo, não podemos deixar passar despercebido a falta de comprometimento do poder público, que deixa a desejar em muitos aspectos e não podemos normalizar uma exclusão social. Pois será que de fato os direitos estão acontecendo nas comunidades rurais?

Segundo Caldart (2008, p.150) “a educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que por trás da identificação da indicação geográfica e da frieza de dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no campo.”

Um dos pontos que contribui para auxiliar e efetivar a Educação do Campo é debater sobre esses assuntos, pois não podemos deixar de observar e refletir sobre a realidade ao nosso redor. As pessoas do campo merecem viver com dignidade, com segurança, conforto, alimentação saudável entre outros direitos, pois antes de serem do campo, elas são pessoas com direitos humanos.

A estrutura física ainda é um dos grandes gargalos para a educação no campo, porém não estamos falando por ser feita de madeira, mas sim da condição em que se encontram, entre outros pontos como materiais, merenda escolar, transporte entre outras situações que precisam ser levadas em consideração.

É necessário fazer uma reflexão sobre a situação das comunidades do campo. Segundo Fernandes (2006), há 20 anos atrás a Educação do Campo não existia e ela surge por meio dos movimentos camponeses na construção da política educacional para os assentamentos da reforma agrária, que em sequência criou o PRONERA.

A luta pela Educação do Campo é histórica e se estende até os dias de hoje, pois é necessário continuar lutando pelos direitos básicos como educação, saúde a qual requer o apoio de todos. Por isso os debates, discussões e lutas pelos movimentos sociais continuam.

1.4 O Currículo da Educação do Campo

O currículo do campo tem a finalidade de articular os saberes socioculturais dos estudantes com o conhecimento científico, ou seja, é uma prática com intencionalidade e que busca compreender, potencializar e organizá-la.

Para Saul e Silva (2014, p.13) “o currículo é, na acepção freireana, a política, a teoria e a prática do que fazer na educação, no espaço escolar, e nas ações que acontecem fora desse espaço, com intencionalidade educativa, numa perspectiva crítico-transformadora”.

As práticas curriculares e políticas devem partir do diálogo com todos que fazem parte desse processo pais, filhos, professores, agricultores, merendeiros entre outros, pois ao mesmo tempo é um ato de inclusão de todos. Pois escutando que cada um pensa é importante para o desenvolvimento.

[...] currículo é um instrumento de confronto de saberes: o saber sistematizado, indispensável a compreensão crítica da realidade, e o saber de classe, que o aluno representa e que é resultado das formas de sobrevivência que as camadas populares criam. Valoriza o saber de classe e coloca como ponto de partida para o trabalho educativo (VEIGA 1995, p.82)

A Educação do Campo luta por uma proposta curricular diferenciada uma vez que as turmas são na maioria das vezes multisseriadas onde é necessário uma proposta curricular que considere a realidade do estudante do campo, através da prática pedagógica do professor na educação básica que através das diversas culturas cria-se a identidade da Educação do Campo. Nesse sentido, Gomes (2007, p. 21) destaca:

Devido a sua história e cultura, garantem sua sobrevivência e produzem conhecimentos por meio de uma relação mais direta com o ambiente em que vivem. Entre eles podemos destacar os indígenas, as comunidades tradicionais (como os seringueiros), os remanescentes de quilombos, os trabalhadores do campo e demais povos da floresta. Estes constroem conhecimentos variados a respeito dos recursos da biodiversidade que nem sempre são considerados pela escola. Nos últimos anos, esses grupos vêm se organizando cada vez mais e passam a exigir das escolas e dos órgãos responsáveis por elas o direito ao reconhecimento dos seus saberes e sua incorporação aos currículos.

É importante destacar que há algumas adaptações nos currículos para o ensino do campo, porém precisam ser enfatizados de fato, uma vez que a LDB oferta a educação básica assegurando que os sistemas promovam a adequação conforme cada região, onde não podemos nos conformar com o mínimo.

Segundo Caldart (2004), a formação política, social e cultural do cidadão é a educação que faz os sujeitos identificarem no meio onde vivem e trabalham, e percebem diversas identidades que existem na sociedade. E quando a palavra currículo é mencionada, logo pensamos em metodologia, planejamento, conteúdo etc.

Assim, o currículo é alcançado por meio do processo de ensino e avaliado em diferentes graus de escolarização por meio das experiências e relações sociais que contribui na identidade do sujeito por meio da construção do currículo pensado e produzido pelos sujeitos do campo que serão colocadas em prática nas salas de aulas.

Neste sentido, ressaltamos que desde 2010, a Educação do Campo é considerada uma modalidade de ensino, segundo a Resolução CNE/CEB n.º 04, de 13 de julho de 2010, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, onde estabelece na Seção IV, artigo 35, que:

Art. 35 Na modalidade de Educação Básica do Campo, a educação para a população rural está prevista com adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo-se orientações para três aspectos essenciais à organização da ação pedagógica: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 2010 a, p. 12).

Por isso é importante haver uma organização curricular, pois é a partir dessa organização que o trabalho escolar fluirá e essas mudanças vêm ocorrendo aos poucos. Diversos fatores contribuem para a elaboração do currículo, como os fatores políticos, políticos, sociais e culturais.

Como enfatiza Sacristán (2000), o currículo das escolas do campo se constrói, não podem ser vistos como algo indiferente, mas se concretiza por meio das diversas realidades. Contudo,

O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula. Daí a necessidade de constantes discussões e reflexões, na escola, sobre o currículo, tanto o currículo formalmente planejado e desenvolvido quanto o currículo oculto. Daí nossa obrigação, como profissionais da educação, de participar crítica e criativamente na elaboração de currículos mais atraentes, mais democráticos, mais fecundos (MOREIRA; CANDAU, 2008, p.19).

A Educação do Campo não pode ser pensada somente em adaptar os conteúdos à realidade, pois todos os sujeitos precisam se envolver e precisa ser uma construção coletiva para que assim haja esse avanço educacional. É preciso ter uma educação comprometida com o processo social e educação dos povos do campo.

Segundo Gomes (2007), entende-se que o currículo é uma relação social, produção de conhecimento, saber e poder como um meio de transformação que deve ser pensado e planejado conforme a realidade dos povos do campo.

Ou seja, Souza (2013), ressalta sobre as inúmeras atividades que são realizadas no dia a dia dos sujeitos do campo como pescar, ir até a escola, tomar banho na beira do rio que precisam ser descritos e pensar no currículo a partir dessa realidade. Pois é a partir dessas propostas que se define qual tipo de cidadãos quer ajudar a construir.

Segundo Arroyo (2004, p.34), “(...) uma escola do campo não precisa ser uma escola agrícola, mas será necessariamente uma escola vinculada à cultura que se produz, através de relações sociais mediadas pelo trabalho na terra”. É necessário pensar o trabalho no currículo como um ato emancipador.

Por isso, o currículo deve sempre ser pensado e construído coletivamente como foi mencionado pelos autores, pois considera a cultura, prática pedagógica do professor e as políticas educacionais da educação básica, uma vez que a escola do campo tem sua singularidade e precisa ser respeitada.

1.5 Formação de professores

Os professores do campo precisam compreender o lugar onde vivem, trabalho, cultura e relações com a comunidade, dando possibilidade aos estudantes expressarem seus anseios e perspectivas e não apenas reproduzirem algo, pois um currículo voltado para a realidade dos sujeitos contribui para fortalecer a identidade dos mesmos, valorizando a cultura para além do ensino tradicional reconhecendo como sujeitos de conhecimento.

Reconhecer que os sujeitos podem transformar o meio que estão inseridos, mas é necessário a práxis e reflexão para que haja uma educação inclusiva e democrática para que seja uma ação libertadora. Por meio desse percurso o sujeito descobre e redescobre como ser pensante.

Tanto a formação de professores em nível médio quanto em nível superior, são fundamentais para a qualificação docente e consequentemente a melhoria da qualidade da Educação do Campo. E este foi apontado como um dos maiores méritos da estratégia nesta frente: optar por investir na formação dos educadores residentes nas próprias comunidades, por formar educadores dos próprios assentamentos. Os cursos de formação de professores são muito relevantes visto que, a maior parte dos professores do campo não tem os níveis de escolaridade exigidos atualmente pela legislação (MOLINA, 2003, p. 103).

Percebemos que há necessidade de políticas públicas que busquem incentivar escolas do campo com estrutura, materiais pedagógicos que auxiliem no ensino do campo, que não veja o campo somente como um lugar precário, de atraso, ignorância. Posto que uma visão distorcida acaba desvalorizando os sujeitos, diminuindo devido o território, disseminando que o espaço urbano é melhor por oferecer bens e serviços que não são oferecidos no campo. É necessário perceber a Educação do Campo como uma educação emancipadora que leve os sujeitos a assumirem, agir e pensar como sujeitos da cultura e aprendizagem.

O professor, por sua vez, é o principal mediador desse processo que precisa ter uma formação voltada especificamente para o campo e não somente adaptar o processo educativo

para o meio, “esse entendimento nos ajuda a afirmar que a formação do educador do campo não pode se dar alheia à realidade da escola do campo em toda sua estrutura, que vai muito além do espaço físico. Trata-se de um território de cidadania e formação humana” (COSTA, 2012, p. 60).

O professor tem a responsabilidade de mostrar que os estudantes podem ser seres históricos, sociais, podem transformar sua realidade e que são realizadores dos seus sonhos, mas para isso o professor precisa compreender isso antes. Dessa maneira Freire (2002) argumenta que:

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora [...] assumam-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos. (FREIRE, 2002, p.18).

O professor é quem auxilia no processo de ensino e aprendizagem, e precisa conhecer as peculiaridades do campo, além de contribuir com outros saberes, mas ajudando no desenvolvimento da sua comunidade. Ou seja, valorizar as pessoas, crenças, valores, pesca, agricultura familiar etc.

A formação do professor precisa se dar nessa construção. Em relação à formação de educadores para as escolas do campo as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica (2002), em seu artigo nº 13, destaca que:

Os sistemas de ensino além dos princípios e diretrizes que orientam a Educação Básica no país observarão, no processo de normatização complementar da formação de professores para o exercício da docência nas escolas do campo, os seguintes componentes:

I – Estudo a respeito da diversidade e o afetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do País e do mundo;

II – Propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (BRASIL. Resolução CNE/CEB n. 1, de 3 de abril de 2002, Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, 2002, p. 41).

Podemos perceber que a educação rural se destina à participação das pessoas, já a educação do campo é organizada pelos movimentos sociais, lutando pelos seus direitos e a efetivação destes. É preciso continuar lutando para que seja cumprido esta lei que já existe

amparando a Educação do Campo, respeitando a diversidade. Onde os estudantes e professores precisam ser a engrenagem desse processo educacional.

Uma reflexão feita relacionada à Educação do Campo é sobre manter e garantir as lutas sociais e culturais, pois essa modalidade parte da proposta de educação que seja construída pelos sujeitos do campo.

Em dezembro de 1961 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (nº 4024/1961), após diversos debates em relação a educação surge essa lei, a qual busca regular os níveis de ensino público e privado, em relação ao currículo, implementação de disciplinas optativas etc.

Os cursos de licenciatura dificilmente trabalham as especialidades locais dos estudantes ou levam em consideração os conhecimentos prévios, especialmente no campo, devido não ter uma proximidade, com os costumes da terra, com as tradições culturais. No entanto varia de professor para professor, pois alguns, frente a essa realidade buscam se envolver com a realidade do campo e outros nem tanto. Mas o compromisso do professor é necessário, pois contribui para o desenvolvimento do estudante, melhora a relação e dão credibilidade a um ensino de qualidade para o campo.

As experiências adquiridas pelos professores parte do processo de observações por meio dos saberes, em que “[...] pensar a escola do campo é não reduzir a questão aos limites da escola, mas considerar os diversos espaços e formas de educação” (PIRES,2012, P.109).

Desse modo, o trabalho e a prática do professor vão depender bastante da postura e da identidade particular de cada indivíduo. Ou seja, esse paradigma para uma Educação do Campo precisa ser compreendido como sujeito de direitos independente da diversidade que há é preciso acontecer na práxis, onde busca contribuir com a formação do cidadão, e não somente ficar no mundo das ideias.

Arroyo, Caldart e Molina (2008) acentuam que mesmo lidando com diferentes sujeitos, os direitos são os mesmos, na qual deve abranger as diferenças socioculturais e identidades humanas, na qual busca entender a diversidade.

As discussões estão sendo bastante significativas, pois tem levado a escola repensar sobre o seu papel na sociedade e principalmente a atuação na área do conhecimento, seja na cidade ou comunidades rurais. Os autores Arroyo, Caldart e Molina reforçam que:

Não basta ter escolas no campo; queremos ajudar a construir escolas do campo, ou seja, escolas com um projeto político-pedagógico vinculadas às causas, aos desafios, aos sonhos, a história e a cultura do povo trabalhador do campo (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2008, p. 27)

Construir somente escolas no campo não é suficiente, como enfatizam os autores, mas é preciso fazer a diferença, seja no ato de ensinar e aprender, como investir na educação como um todo, desde a estrutura física até a formação dos professores. Este seria o começo de muitas transformações.

É importante que o professor tenha uma boa relação com os estudantes para que possa conhecê-los melhor, suas opiniões, como eles vivem. Nesse sentido as práticas pedagógicas se caracterizam na formação do professor, na qual incide a reflexão do coletivo para uma transformação social.

A formação deve levar em consideração liberdade de consciência para o diálogo e para as decisões em conjunto, o que implica em desvendar a realidade e se organizar para transformá-la, sintetizando os interesses dos grupos sociais, o que compreende a lógica freireana do ser para ser mais, onde o democrático, ou participativo, se aprende na prática (ARAÚJO E SILVA, 2011, p. 36)

O processo de ensino e aprendizagem precisam ser refletidos, seja pelo ponto de vista dos estudantes quanto de toda equipe escolar. Ou seja, a ordem e sequências lógica de ensino revela bastante sobre a atuação profissional do professor. Uma vez que na sala os professores lidam com diversas personalidades, assim como: raças, classes, etnias, território, gênero entre outros e precisa estar preparado para lidar com cada especificidade.

A liberdade de se expressar é essencial, uma vez que os seres humanos não estão prontos, acabados, pois a condição humana é um processo contínuo, ninguém tem a resposta definitiva para nada, porque os conhecimentos são infinitos e a humanidade está nesse processo de construção. Por isso, impedir o saber e a liberdade de pensamento é uma ação desumanizadora no sentido que interrompe o movimento de nossa compreensão sobre as transformações que ocorrem permanentemente na humanidade.

Portanto, por meio desta pesquisa apresentamos a compreensão de que a Educação do Campo vem contrapor o ensino tradicional e busca articular a particularidade dos sujeitos que vivem, moram e trabalham no campo. E por meio de políticas públicas, pesquisas e a parceria de instituições e movimentos sociais que lutam por melhorias no campo, buscam superar essa realidade e assim aperfeiçoar o ensino e aprendizagem das práticas e valores das comunidades rurais.

2. TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

O que falar do trabalho como princípio educativo? Nessa seção iremos fazer uma retrospectiva da humanidade e como ela era vista, em seguida trouxemos algumas reflexões

tecidas, uma vez que nós estamos em constante construção de conhecimento e precisamos compreender esse contexto.

2.1 O trabalho como princípio educativo no Brasil

Quando pensamos o trabalho como princípio educativo retornamos a sociedade primitiva para compreender o processo atual, onde iremos perceber que a principal característica do trabalho era a solidariedade e o coletivo, na qual todos participavam e desfrutavam da produção, uma vez que só retiravam da natureza conforme suas necessidades.

No decorrer do trabalho difundiu a classe social e aumentou a exploração dos trabalhadores, na qual o trabalho vem da origem latim tripalium “tri- três e palium-paus”, que era um instrumento de tortura formada por paus, na qual os trabalhadores pobres eram submetidos.

Na sociedade primitiva não havia classes, os homens produziam em comum e se educavam por meio da sua realidade, com a natureza, terra que passava de geração para geração. E por meio de produção aos poucos surgem as propriedades das terras e cria as classes, entre elas as hierarquias.

A característica da sociedade primitiva era solidária e coletiva, mas com o impacto da abertura de mercado deixou de ser uma característica social passando a ser uma mercadoria. Para Saviani (1984), “o homem nasce, se desenvolve e age sobre a natureza”, sabemos que o ser humano precisa transformar a natureza para suprir suas necessidades e aos poucos vai aprimorando, se nós deixássemos de trabalhar com certeza deixaríamos de existir, pois faltaria recurso para nossa existência como a subsistência por meio do trabalho que é uma prática social.

Na Antiguidade grega e romana, começa a ocorrer a classe dos proprietários e não proprietários, uma classe que tem terra, porém não precisa trabalhar, pois tem pessoas para fazer isso por ele, e os que não tem terras trabalham para os donos da terra e para o seu próprio sustento.

A partir das sociedades de classes surge a educação e a origem da “escola” vem da palavra grego que significa lugar do “ócio”, portanto a escola era esse lugar que atendia as classes ociosas. Logo, percebemos que as desigualdades vêm desde de nossas origens.

Na Idade Média os homens viviam da atividade agrícola, no campo e do campo. E aos poucos começaram, o deslocamento do processo de produção do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, ocorrendo assim o êxodo rural e aumentando as situações de

misérias, desemprego, marginalização e pobreza, tanto que o Brasil está em um dos primeiros rankings nesse quesito.

Para a classe burguesa eles viam a escola como algo desnecessário para os trabalhadores, seria perda de tempo e produção a menos, ou seja, afirmavam que as crianças não estavam colaborando para o crescimento da produção.

Para a sociedade moderna, saber significa força produtiva e segundo Bacon (1620) “saber é poder”, e só cabe a propriedade privada da burguesia conhecer, pois para o capitalismo, o trabalhador não pode ter meio de produção e nem ser proprietários, muito menos detentores do saber, mas conhecer somente em formas homeopáticas, saber somente para operar a produção.

Por outro lado, os trabalhadores reivindicavam uma educação digna e de qualidade e a classe dominante relutou para essa expansão, mas como diz o saudoso Paulo Freire a educação é libertadora, porém nem todos usam esse instrumento ao seu favor.

Adam Smith (1981), afirmava que os trabalhadores poderiam dispor somente da educação básica, para se inserirem no processo produtivo, flexíveis, ágeis e tornaram-se mais aptos para viver na sociedade, porém ele defendia no seguinte aspecto “instrumento para os trabalhadores, porém em doses homeopáticas”, ou seja, o autor defende a transmissão de uma instrução mínima, pois o mesmo já era suficiente para a sociedade menos favorecida, ultrapassando isso, já se tornaria algo perigoso. Uma vez que essa realidade está cada vez mais próxima de nós, pois nem todos tem acesso e garantia do direito a educação.

A educação para a classe dominante e proprietários era diferenciada da educação escolar repassada aos trabalhadores. Pois essa educação era considerada geral, voltada para a maioria, onde o próprio trabalho que educava o povo, onde aprendiam com a realidade na prática. Na qual a humanidade se divide até hoje, onde de um lado, há uma classe que explora e outra que domina, na qual reconhecemos como sociedade capitalista que está visível na sociedade. Segundo Oliveira (2003) afirma que,

Todavia, as condições precárias de vida e de trabalho dessas comunidades encontram sua causa histórica, sendo intensificada nos tempos contemporâneos, principalmente, de um lado, pela omissão e negligência dos poderes públicos em não implementarem políticas públicas estruturais [...] de outro, pela perversidade da lógica do mercado [...] (2003, p. 46).

O trabalho como princípio educativo, vincula-se, então, à própria forma de ser dos seres humanos. Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. É pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma

condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e educativo.

Essa contradição educacional vem quando as escolas de elite formam uma classe intelectual e por outro lado a escola de massas, na qual limita a escolaridade básica, onde fica restrita somente no profissional. Atualmente essa contradição está bem mais expressiva, podemos citar os cursos profissionalizantes, na qual os jovens saem da escola sem muita perspectiva de fazer uma faculdade, mas sim conseguir de imediato um trabalho e ganhar seu próprio dinheiro, tornando-se mais uma mão de obra, sem reflexão e por diversas situações.

Existem diferentes formas de educar, não somente na escola como muitos pensam, a educação pode acontecer por meio de movimentos sociais, sindicatos, no clube, na praça, através do trabalho, por meio das conversas informais entre as pessoas, pois acontece uma troca de informação que porventura vem a reflexão. Essas características a educação formal, informal, não formal precisam ser debatidas e dialogadas nas escolas, porém a maioria dos professores não valorizam e deixam esse momento significativo passar.

Logo, as universidades têm um grande papel nesse processo formativo onde vai contribuir para construção docente e especial com a Educação do Campo para que possam refletir sobre a realidade das escolas, as práticas, particularidades que precisam ser repensadas e efetivadas.

Karl Marx (1996), defende a importância do processo e força do trabalho, onde é uma categoria de suma importância e necessário para a nossa existência, é a mediação entre o homem e natureza, é uma condição de sobrevivência e o caminho da construção da identidade. Ou seja, esse ponto de vista não está errado, pois se formos fazer uma reflexão sobre como é a rotina dos trabalhadores de fato, somos condicionados pelo capitalismo, onde tudo gira em torno do capital. O autor defende que o trabalho é responsável pela emancipação e humanização do sujeito, mas por outro lado pode ser um instrumento de sofrimento e até mesmo de escravização.

O trabalho é uma construção e existência humana no seu sentido amplo e concreto, é impossível pensar o ser humano sem o trabalho, pois é um meio criativo e essencial, visto que o ser humano aprende vivendo, trabalhando, estudando entre outras ações, ou seja, por meio da educação compreendemos a si mesmo, na qual ajuda na formação cidadã e reconhece o ser humano como histórico e ontológico.

Estamos em uma sociedade em que as operações intelectuais humanas estão sendo transferidas para as máquinas, os homens realizam seus trabalhos por meio das máquinas com operações amplas, complexas e por tempo prolongado, porém quem domina, controla e é criador desse processo ainda é o homem, ou seja, ele continua sendo o trabalhador, mesmo

consistindo e sendo desenvolvidas conforme a necessidade. Portanto, ainda podemos afirmar que o trabalho foi e ainda continua sendo como princípio educativo no sistema desse conjunto natureza e homem.

No ponto de vista do capitalismo o trabalho é visto como comércio, negócio, mercadoria, onde se torna evidente que as riquezas estão nas mãos de poucos e quase nada está nas mãos de muitos. Mesmo com projetos parlamentares e programas sociais, as políticas públicas do nosso país precisam se consolidar e avançar para a classe desfavorecida que está à margem da sociedade.

Segundo Marx (1996), o ser humano constrói sua identidade pelo trabalho, pois é por meio dele que se dá início a sua formação. Atualmente o trabalho passou a ser somente uma mercadoria, comprada pelos que detêm do capital e na qual aliena o trabalhador durante o processo. Porém o trabalho por outro lado pode ser emancipador e responsável pela humanização, ou pode também ser um instrumento de submissão e escravização do trabalho, gerando assim satisfação ou problemas dependendo de cada indivíduo.

Saviani (1984) enfatiza que há uma ligação entre trabalho e educação (escola), ou seja, a educação considera o trabalho como um elemento significativo na vida do ser humano. Pois ao contrário dos animais, o ser humano adapta a natureza a si, conforme a sua necessidade e não ao contrário, ou seja, a natureza não se adapta ao ser humano, nesse modo o ser humano produz sua existência por meio do trabalho e não há outro ser vivo com essa inteligência racional.

Segundo Demo (2006) na concepção dialética o homem vai se definir, criar e recriar o trabalho, compreender o trabalho como princípio fundamental desenvolvendo a potencialidade do ser humano.

O ser humano é um ser social, político, histórico e cultural, relação homem e natureza com sentido de transformar a sua vida. O trabalho como princípio educativo busca na visão de Marx integrar o trabalho e educação em busca de conhecimento na formação humana para o mundo do trabalho, superando a formação comprometida com o trabalho, onde se reconheça e vivencie o trabalho como processo de constante renovação cultural e histórica.

O trabalho não pode ser submisso ao capital, a educação tem esse papel na sociedade, ainda continuamos passando por muitas lutas. Por isso, o trabalho como princípio educativo é uma perspectiva de emancipação humana, na qual mostra que o trabalho é a condição básica e fundamental de toda a vida humana, ou seja, o trabalho criou o próprio homem.

Segundo Marx (1996) defende o trabalho como uma atividade que forma o homem como ser social e humano para a produção de bens e serviços que mantêm a nossa existência, por

meio do trabalho o homem pode moldar o que está a sua volta. Pois a capacidade humana de transformar o mundo conforme suas necessidades estão no centro do processo de humanização.

A capacidade de transformar algo é uma característica técnica e o trabalho é exercício social dessa relação, aperfeiçoa nossas faculdades mentais, entre elas trabalho e o processo de humanização são processos que andam juntas.

O trabalho se praticado de forma racional e solidária edifica e educa, entretanto enfrentamos grande índice de trabalho e mesmo desperta o senso criativo dos estudantes nas aulas, é preciso discutir nas aulas sobre a categoria trabalho, pois a educação é uma mediação importante mais por si só não cria isso, segundo o autor “[...] se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso, o ensino é a razão da pesquisa. O importante é compreender que sem pesquisa não há ensino. A ausência da pesquisa degrada o ensino a patamares típicos de reprodução imitativa” (DEMO, 2006, p.50).

O autor defende que é necessário educar pela pesquisa, e a característica emancipatória da educação exige pesquisa como método formativo pela razão principal de que somente um ambiente de sujeitos gesta sujeitos.

A origem da educação surge por meio da prática humana, o ensino e aprendizagem é também uma forma de trabalhar que constitui na formação pela dignidade do ser humano. A relação entre teórica e prática, traz um resultado conceitual e prático da pesquisa.

Infelizmente algumas universidades não estão preocupadas com a produção de pesquisas científicas, mas segundo Demo (2007, p.8) “a base da educação escolar é a pesquisa”. Ou seja, o saber científico é essencial para o desenvolvimento da sociedade, não existe hierarquia entre o saber científico e saber técnico, e sim diferenças.

Educação é ler a realidade de modo questionador caminho de mudança, o estudante não é objeto de estudo, mas de ensino, pois é sujeito faz parte do processo de trabalho, onde o estudante que se diferencia é aquele que pesquisa.

Paulo Freire (1983) enfatiza que a entrada das novas tecnologias no mercado não deveria estar associada ao desemprego, pois com novos avanços científicos tecnológicos, há um alto índice de homens e mulheres desempregados. As tecnologias vieram para transformar vidas, mas o capitalismo se apropriou muito rápido da situação, precisamos nos aproximar dessas tecnologias e dar sentido às novas formas de trabalho.

Percebe-se que somente uma parte da sociedade tem acesso às tecnologias, onde eles se sobressaem no mercado de trabalho, assim como as desigualdades sociais se elevam, pois nem todos têm oportunidade das informações básicas, menos ainda as ferramentas tecnológicas.

Entretanto, observamos que a sociedade está em constante aprendizado, na qual percebemos o quanto o trabalho como princípio educativo precisa ser discutido nos ambientes escolares tecendo reflexões, pois a educação é imprescindível para transformar o que nos cerca.

Cavalcante (2012) enfatiza que a escola não é somente um espaço de ensino, mas vai além, pois vai envolver as relações socioculturais que parte do lugar, saberes, ambientes como processo de construção de conhecimento.

Educação e trabalho é algo que precisa ser constantemente discutido no currículo das escolas do campo. Pois é preciso valorizar e repensar essa atividade da classe trabalhadora. O trabalho pelo lado do capitalismo é algo negativo, que vem seguida de exploração dos trabalhadores, além de aliená-los. Mas por outro ponto ótico, o trabalho na educação é aprender na coletividade, nos movimentos sociais, na escola e fora dela.

Segundo Dermeval Saviani (2007 p.160), ressalta que o trabalho como princípio educativo se dá por meio da escola ainda que não se limite somente a ela, ou seja” a relação entre trabalho e educação é implícita e indireta”.

[...] aprender a ler, escrever e contar, além dos rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais, constituem-se pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive, inclusive para entender a própria incorporação, pelo trabalho dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade” (SAVIANI, 2003, p.136).

Sousa Junior (2009, p.9), nos fez refletir que o trabalho é uma categoria fundante, na qual tem assumido na sociedade um papel importante que pode ajudar na transformação social, no processo de luta pela classe trabalhadora.

As experiências e vivências do ser humano ocorrem por meio do processo vinculado a produção que é expresso por meio do trabalho. Ou seja, a relação comunidade e escola não pode passar despercebida, dimensão da vida e dia a dia dos sujeitos, seja elas nas condições de estudantes, pais e familiares, ou na participação ativa e melhor compressão no processo de aprendizagem que se torne um conteúdo escolar significativo

[...] a experiência que nos marca a todos, é a experiência do trabalho, da produção, o ato produtivo que nos produz como pessoas. O ser humano não produz apenas alimentos, roupas, ele se produz na medida em que produz. [...] a terra é mais do que terra. A produção é mais do que produção. Por que? Porque ela produz a gente. A cultura da roça, do milho, é mais do que cultura. É cultivo do ser humano. É o processo em que se constitui sujeito cultural. Por isso, vocês não separam produção de educação, não separam produção de escola (ARROYO, 2004, p. 76-77)

O processo de conscientização e socialização precisa existir na sociedade. Pois acredita-se que a escola possa potencializar a formação crítica dos estudantes para que assim

haja um desenvolvimento local do campo, ampliar os horizontes e entrelaçar o trabalho como elemento essencial nesse processo de construção.

Defende-se um currículo que compreenda o trabalho em suas múltiplas dimensões, assim como vinculada à práxis. Para Marx (1996), o trabalho humaniza o homem, quando nos referimos ao trabalho como princípio educativo logo nos referimos ao ensino, ou seja, articular o conhecimento adquirido no decorrer do tempo e o processo que ocorre atualmente.

Por meio dos processos sociais é possível reconhecer o trabalho como capaz de desenvolver as potencialidades do ser humano, ou seja, os pilares da Educação do Campo é educação e trabalho que ajuda na formação do indivíduo. É preciso ficarmos atentos.

O ser humano se diferencia dos outros seres vivos devido ao trabalho, pois ele precisa produzir para sobreviver, precisa adaptar a natureza conforme sua realidade, ou seja, o trabalho é algo intencional, pois é uma ação que tem uma finalidade para continuar, ele precisa extrair algo por meio do seu trabalho para sobreviver (LESSA, 2002).

Ou seja, o trabalho como princípio educativo significa unir a instrução intelectual e o trabalho produtivo, pois para ele faz-se necessário para uma proposta pedagógica de ensino, onde a categoria trabalho é a centralidade.

Pitrask (2000), diz que no interior dos movimentos sociais buscam uma articulação entre ensino, formação e educação. A escola deve ser um lugar para exercer a liberdade com compromisso e autonomia, sempre pensando no coletivo para assim acontecer a emancipação.

Segundo o autor, as escolas que mais têm avanços nas áreas de reforma agrária são onde o trabalho é organizado coletivamente. Ou seja, a teoria é importante e necessária, pois ajuda no processo de compreensão e nos dar as possíveis possibilidades, porém sem essa reflexão não tem como melhorar a prática e muito menos transformar o que nos cerca, portanto é por meio do trabalho na prática que vamos conhecer a fundo os fenômenos. O homem por meio do seu trabalho consegue colocar em prática aquilo que aprendeu, mesmo com fragilidade teórica, busca superar o modo de produção do capital.

O autor diz que precisa haver um trabalho coletivo, caso contrário “será uma disposição abortiva” (PISTRAK, 2000:176), pois é necessário ter autonomia e objetivos em comum e assim ter apropriação dos elementos desse processo histórico. Ou seja, é necessário ter uma postura crítica da realidade para avançar e continuar uma proposta educativa que vai além do modo de produção.

A partir do momento que o trabalho se torna um trabalho em condições de exploração, o mesmo não é uma atividade formativa do homem. É importante diferenciar e refletir sobre o

trabalho manual e intelectual, pois está ligada a desigualdades sociais e é necessário, superar a hegemonia capitalista e respeitar a dignidade do ser humano.

Marx percebeu que as classes trabalhadoras viviam objetivamente em condições de miséria física e moral, mas que mesmo aí a experiência do trabalho poderia favorecer o desenvolvimento de qualidades de sociabilidade diferentes e superiores. Marx e Engels sistematizaram uma teoria sobre as contradições do trabalho dentro das relações capitalistas capaz de demonstrar o quanto da experiência de trabalho - por maior que fosse o embrutecimento por ela causado - se podem extrair ricos elementos para a formação/educação dos trabalhadores (SOUZA JUNIOR, 2010, p.2).

Através do trabalho educativo que tem os valores de uso. É preciso pensar em todos que se educam através do trabalho, sejam eles crianças, adolescentes, jovens e adultos. Para Marx o trabalho mais alienante e humilhante que seja, é possível transformar em uma prática social educativa repleta de possibilidades e oferecer oportunidades que superem o capital.

Por meio do trabalho que o homem se constituiu como um ser social, é o processo da nossa existência assim como nos possibilita a produção de conhecimentos.

Para os autores que defendem o trabalho como princípio educativo, os mesmos dizem que a educação precisa estar conectada com a vida e o trabalho, seja na teoria e na prática pedagógica. Pois os mesmos não podem ser somente um tema ou exemplo ensinado nas aulas, mas precisa fazer parte dessa ação escolar. Segundo

A relação entre o mundo do trabalho e os processos educacionais escolarizados tem origem recente na história da humanidade. O trabalho sempre foi uma atividade separada da atividade da escola – o primeiro, próprio do mundo do fazer e da servidão; a segunda, própria do mundo do saber, das atividades superiores do espírito. Como dois mundos separados, eles delimitaram na tradição do Ocidente o universo social e suas diferentes classes de homens, formas de atividade e categorias de análise. (CIAVATTA, 2009, p.19)

Por meio dessas forças produtivas que são os meios de produção, os instrumentos utilizados para transformar ou controlar a natureza são as máquinas, técnicas, materiais, infraestrutura, conhecimentos tendo como objetivo a produção de bens materiais. Porém a principal força produtiva é do homem com sua energia, corpo, inteligência e conhecimento.

Por meio das relações é criado símbolos, linguagens, conhecimentos, culturas etc. E assim é criada a condições e sentido da vida, a partir disso é organizado as relações sociais de produção onde irão dividir funções e tarefas para retirar da natureza seu sustento. Segundo Ciavatta (2009):

Há uma urgência em se refletir sobre o que é o trabalho e seu significado educativo para o trabalhador – isto é, pensar o trabalho no sentido não apenas de mão de obra para a empresa, mas de ação própria do homem, processos de que participam homem

e natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza, gera a cultura e as técnicas, as diferentes formas de produzir, apropriar-se do produto do trabalho e organizar-se socialmente (CIAVATTA, 2009, p. 23).

Já para o ponto de vista do capitalismo tudo é transformado em mercadoria, como a força de trabalho que é vendido para o dono do capital em troca do seu salário, visando somente o lucro. Compreender a relação entre educação e trabalho é ajudar no dia a dia do campo, pois o professor precisa ter uma noção básica do território, sobre a história, relações humanas e sociais, pois tudo está interligado.

A emancipação acontece quando não há submissão aos interesses do capital. Ou seja, cada ser humano precisa se sentir dono da produção, ou seja, os estudantes precisam participar de forma direta e ativa nesse processo seja: currículo, avaliação, gestão e atividades escolares etc.

Por isso é preciso pensar uma escola sem relações de subordinação, ou seja, tanto professor quanto estudante fazem parte do mesmo contexto e participam do processo de ensino e aprendizagem, tendo como centro o trabalho como princípio educativo, por meio da teoria e prática em diferentes áreas do conhecimento e que podem ajudar na transformação da realidade.

2.2 O trabalho como princípio educativo e a prática pedagógica

É preciso compreender sobre o que são práticas pedagógicas para então colocarmos no dia a dia o que aprendemos, compartilhar experiências e saberes com os povos do campo, buscando conhecer um pouco dessa realidade.

Nas práticas pedagógicas inicialmente precisa ter a participação dos sujeitos que ensinam e os que aprendem, uma vez que é preciso incorporar reflexão contínua e coletiva para que a intencionalidade seja realizada pela práxis na ação participativa e consciente, que só será compreendida por meio da pedagogia.

As práticas pedagógicas buscam potencializar, interpretar e organizar determinada atividade, ou seja, vai além da sua dinâmica. Segundo Marx (1996), os sujeitos e objeto estão em constante contradição interna, assim como formação contínua e dialética por meio da mediação humana. Ou seja, o autor sugere que a filosofia da práxis deve ser realizada por meio das ações para a transformação da realidade sócio histórica “na e para a práxis”, conscientes da sua tarefa na sociedade. Logo as práticas são fundamentais para a prática docente, Caldeira e Zaidan (2010, p.21), retratam as particularidades das práticas pedagógicas “sua experiência, sua corporeidade, sua formação, condições de trabalho e escolhas profissionais”.

O processo de ensinar e aprender acontece por meio das práticas pedagógicas com expectativas educacionais, com contínuas modificações, ou seja, assim como exige reflexão e ação, exige também compromisso, decisão, atitude e força para colocar na prática de ambas as partes, estudantes e professor.

Certeau (1994), ressalta que as práticas falam, reagem, respondem e transgredem, ou seja, dialoga conforme a necessidade do estudante, acompanha o processo e o interesse, constrói aprendizado, pois acredita-se que essa é uma resposta importante para os estudantes, pais e professores, pois há uma finalidade e responsabilidade social.

Segundo Freire (1979), o diálogo só pode ocorrer nas práxis quando busca superar e promover a consciência crítica. Ou seja, as práticas pedagógicas são resistências com um processo de emancipação e aprendizagem da sociedade. Freire diz que “o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas libertando-se” (Freire, 1979, p.25). Ou seja, o professor precisa constituir-se de saberes, quando os mesmos buscam conhecimentos e ações sobre a prática, não sentirá dificuldade em trabalhar em qualquer contexto.

Certeau, (1994), enfatiza que a educação é uma prática, um processo histórico e social humano, na qual emerge a dialética a qual transforma pela ação do homem todos que dela participam.

As práticas pedagógicas são constantemente construídas e tecidas a todo momento e circunstâncias. Segundo Certeau (1994), as práticas vão desde planejamento ao processo de aprendizagem, seja de forma particular e coletiva como relação cultural, social e ideológica na qual trabalha dentro e fora da escola, logo o professor não consegue transformar a sala de aula que está configurada com a sociedade, tornando-se difícil.

As práticas pedagógicas condizem conforme as necessidades específicas de transformação, especialmente para os sujeitos do campo. O foco não pode centrar no professor, por isso a Educação do Campo pretende superar essa concepção, ou seja, busca-se se opor ao ensino tradicional, a qual busca desenvolver uma metodologia de ensino voltada para uma proposta humanizadora ampla e contínua.

Não podemos deixar de mencionar a importância da articulação do saber científico e comum, segundo Freire (2005), é preciso acontecer o diálogo entre professor e estudante nas trocas de experiências de mundo com suas experiências e vivências.

O diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro,

nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, P.91)

A educação é emancipadora e esse processo é marcado pela interação entre a vida escolar e cotidiana, assim como escola e sociedade. Segundo Caldart (2008), a Educação do Campo só é compreendida por meio dos movimentos históricos que fez necessário, chamado de tríade: campo-políticas públicas- educação, e sua origem vem dos movimentos sociais e luta pela reforma agrária, na qual busca combater o cenário que se encontra e expressa por meio das concepções da realidade, seja ela teórica ou crítica que precisa refletir a práxis.

É necessário ter uma fundamentação teórica para pensar e refletir de forma crítica todos os envolvidos. As práticas pedagógicas nos possibilitam ter uma relação com o outro, na qual oferece uma gama de possibilidades, entre elas em diversas ações por meio do diálogo reflexivo e crítico, pois vivemos em um país com muitas contradições, e as práticas pedagógicas são resistência “a prática da didática é, portanto, uma prática pedagógica. A prática pedagógica inclui a didática e a transcende”.

Carr (1996), enfatiza que o processo de ensinar e aprender acontece por meio das práticas pedagógicas, ou seja, deve ter intencionalidades, que dá sentido à ação, faz intervenção, transformação da realidade “nem a teoria, nem a prática tem anterioridade, cada uma modifica e revisa continuamente a outra. É por meio da prática que conseguimos distinguir a práxis que é uma forma reflexiva e uma realização da liberdade humana. Onde a práxis é uma atividade do ser humano e não podem se contrapor, pois é uma intervenção pedagógica.

Segundo Freire (1983), o diálogo acontece por meio do “parto que traz o mundo este homem novo, não mais opressor, não mais oprimido, mas o homem libertando-se”, superando contradições e emancipando do saber. Se ajudarmos a produzir conhecimentos voltados para a prática, conseqüentemente ajudamos a potencializá-lo.

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade, demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Freire (1983), ressalta a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamento a que está submetido seu ato”.

Ou seja, a prática pedagógica vai desde sistematizar e planejar, o processo de aprendizagem que vai além, como uma forma de garantir o insumo de atividades e conteúdos, na qual ajuda a formação em busca de mecanismo e espaço educativos que são construídos.

É importante que o professor observe as transformações dos estudantes e interprete o fenômeno. Segundo Certeau (1994), as práticas pedagógicas buscam construir e tecer

conhecimento em cada momento e circunstância, pois podemos verificar diversas estratégias e maneiras para se reinventar.

O professor não pode desistir dos estudantes, mas é preciso estar em constante mudança de estratégias e metodologias, refazer, insistir, descobrir e compreender buscando caminhos. Por isso é necessário um posicionamento, pois o professor precisa trabalhar com a contradição uma vez que discutir, mediar, propor concepções didáticas significa crescimento.

Segundo Souza (2008), diz que as práticas pedagógicas são estabelecidas entre a relação dos conhecimentos da educação, política locais, por meio das ações do cotidiano, ou seja, trazem consigo conhecimentos, aprendizagens e serve como norte para as escolhas relacionadas aos conteúdos, objetivos e metodologia, buscando ultrapassar a concepção dialógica e crítica articulando as dimensões técnica e humana, assim como criar espaços para resistências

Logo, a prática pedagógica envolve diversas interações, segundo Freire (1993), enfatiza que o sujeito não é neutro, mas é um sujeito ativo de saber e pensa sua postura pedagógica e sua prática. Devemos ir contra a sociedade monocultural, na qual os professores precisam conscientizar a cultura e as raízes entre a articulação entre cultura e poder.

[...] refletir sua prática docente em termos do efeito desta prática nas relações humanas estabelecidas na sala de aula e no desenvolvimento da capacidade de autoreflexão e auto-aceitação de cada aluno. Em termos da diversidade cultural, tal paradigma é imbuído por uma postura de ACEITAÇÃO CULTURAL, ou seja: o incentivo a práticas pedagógicas que estimulem a incorporação da diversidade cultural em conteúdos veiculados, buscando também promover a compreensão e a aceitação do outro “nas relações interpessoais (CANEN, 2003, p. 224)

Percebemos a necessidade de estudar e de desenvolver práticas pedagógicas críticas, uma vez que os desafios da realidade são inesperados. Portanto, precisa de sensibilidade para conseguir dar acesso e incluir a diversidade no contexto que estamos inseridos, é preciso adequar a práxis conforme a realidade. Por isso enfatizamos com frequência sobre as formações contínuas para os professores para ajudar nas suas práticas pedagógicas.

Os desafios são diversos, especificamente no campo, uma vez que as políticas públicas deixam bastante a desejar, mas não podemos descartar a persistência e compromisso de muitos professores e líderes de movimentos sociais que lutam pelas melhorias do campo.

Hage (2013), ressalta em articular teoria e prática como uma estratégia interessante na perspectiva de trabalhar a reflexão diante aos problemas sociais vivenciados por eles no meio que os cerca, uma forma de transformação social. Superando o mero instrumento de reprodução de conhecimento, tendo o estudante como o centro do currículo sendo instigados a pensar e agir diferente e de maneira crítica.

Diante disso, é necessário pensar as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio da Educação do Campo que busque articular os saberes locais e científicos que seja capaz de contribuir para que os sujeitos do campo compreendam seu contexto, assim como possam construir e reconstruir a identidade dos sujeitos que vivem, moram e trabalham no campo, a fim de compreender e valorizar o lugar onde vivem.

Hage (2013), destaca que a formação docente está fragilizada, devido à dissociação entre teoria e prática, sem uma preparação e formação adequada. Tal problemática tem sido objeto de pesquisa e reflexão por considerar que esta questão prejudica a qualidade de ensino aprendizagem de muitas crianças, jovens e adultos. Os professores precisam contar com um conjunto de ações articuladas que os auxilie no trabalho que realizam.

É necessário continuar a luta por um conjunto de ações articuladas que assegurem a melhoria do ensino nas redes existentes, bem como, a formação dos professores, produção de material didático específico, acesso, recuperação da infraestrutura e qualidade na educação no campo em todas as etapas e modalidades (BRASIL, 2012, p. 04).

Os professores precisam constantemente se reconstruir, produzir e inovar as práticas pedagógicas docentes e para isso são necessárias alternativas para os docentes que moram em lugares de difícil acesso e amenizar suas dificuldades formativas como sugere (SILVA, 2017).

Dessa forma, o ensino dos conteúdos não pode estar dissociado dessa formação humana, que para Paulo Freire inclui a formação moral e ética, ou seja, pensar certo exige profundidade, compreensão da realidade que é complexa, e que todas as ideias comportam suas contradições, exige ainda que os professores e estudantes estejam disponíveis para realizar os próprios conceitos e reconhecer não apenas a possibilidade, mas o direito de fazer, cabe ter a responsabilidade de assumir a mudança.

Paulo Freire (1987), argumenta que é preciso criar caminhos entre os saberes curriculares dos estudantes e a experiência social que eles têm como sujeitos. Entretanto o que observamos é que o ambiente escolar foi historicamente construído como um espaço tradicional em que os estudantes não têm direito de participar do processo de transformação dos conhecimentos escolares, porque os mesmos são tratados com uma caixa vazia, que deve apenas receber o conteúdo e aceitar independente de suas necessidades ou curiosidades, de forma passiva. Porém, Paulo Freire e nós criticamos esse modelo, porque não relaciona os saberes das disciplinas com as reflexões críticas dos fatos.

A esse respeito, concordamos com Oliveira (2010), quando afirma que o governo precisa investir na formação de professores e reconheça que a educação é o elemento chave da transformação da sociedade e reformas dos sistemas educacionais.

A partir dessa compreensão, destacamos o quanto é necessário escutar os professores das escolas do campo para repensar a formação de professores do campo para sua atuação profissional, desenvolvimento de suas funções pedagógicas e sociais, assim como os líderes de movimentos sociais, pais e estudantes, todos precisam participar desse processo de construção.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Pesquisa Científica

A pesquisa científica é um estudo em constante desenvolvimento, pois é através desse processo investigativo que nós, professores, pesquisadores, podemos pesquisar de forma mais aprofundada determinadas situações e temáticas que nos cercam. E assim construímos ciências e expandimos conhecimento.

A pesquisa é de cunho quali-quantitativa que valoriza as informações e experiências dos sujeitos de forma investigativa mais profunda, pois uma complementa a outra, principalmente na análise de dados. Ou seja, ambas abordagens se solidificam diante dos métodos.

[...] que se traduzem por números podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais. Mais ainda, a combinação deste tipo de dados com dados oriundos de metodologias qualitativas, podem vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos e processos. As duas abordagens demandam, no entanto, o esforço de reflexão do pesquisador para dar sentido ao material levantado e analisado. (GATTI, 2004, p. 4).

Os dois tipos de pesquisas ainda são desconhecidas e ainda confundem os estudantes, pesquisadores, uma vez que é preciso conhecer as abordagens, os objetos que estão sendo estudados, pois por um lado a coleta de dados está voltada para o quantitativo que verifica os dados, e a abordagem qualitativa compreende os fenômenos e as causas dos resultados.

Nesse sentido a pesquisa quali-quantitativa busca interpretar a dinâmica da realidade seja ela no contexto político, social, cultural, econômico e etc. Nela se percebe que a natureza se transforma e se relaciona continuamente, buscando compreender, aprofundar-se nas relações, conexões existentes e resalta que os fatos não são compreendidos de forma isolada, assim como no contexto educacional do campo, todos que participam dessa realidade e se consideram da comunidade precisam juntar forças e lutar pelos direitos básicos que lhe cabem.

Buscamos conhecer o contexto das práticas pedagógicas como princípio educativo na Educação do Campo, sob a ótica do materialismo histórico dialético buscou compreender os fenômenos sociais da sociedade para transformar a realidade, onde o campo até os dias atuais continua sendo um território explorado e desvalorizado, deixando os trabalhadores em condição

de opressão, estamos no século XXI cercado de meios e conhecimentos, e infelizmente há pessoas que se encontram nessa condição.

O materialismo histórico dialético é um método que busca dialogar, raciocinar e analisar a realidade e os conceitos na qual se depara, não se contentando somente com um ponto de vista, mas percebe os significados, segundo Medeiros (2019) vivemos em uma sociedade em constante contradições com características contraditórias, onde acaba dando origens a outras novas ideias na qual busca-se possíveis soluções ou alternativas.

Ou seja, o materialismo dialético interpreta e apresenta leis, princípios e categorias de análise, uma corrente dos fenômenos sociais, quando busca-se pesquisar nessa perspectiva faz um estudo aprofundado na sua totalidade e uma visão sistemática, logo esse método nos faz refletir e respeitar vários pontos de vista, não tendo uma única verdade absoluta.

Segundo Medeiros (2019), a dialética significa “caminho entre as ideias” e teve sua origem na Grécia Antiga que consiste na busca do conhecimento a partir dos conceitos, ideias que se convergem e questionam por meio da crítica de Sócrates que foi desenvolvida e influenciada no pensamento ocidental. Para o filósofo, a filosofia se construía por meio da essência das coisas e esse método tem essa capacidade de perceber o processo da complexidade e perceber que esse método é consistente e completo.

Para o autor o ser humano é capaz de dominar a natureza por meio do trabalho, é um elemento que separa o humano da natureza. O trabalho para Marx e Hegel é força humanizadora, ou seja, se dá por meio das lutas de classes, onde a história da humanidade precisa ser compreendida e transformada. Porém na perspectiva capitalista tem caráter alienante.

Leandro Konder (2013), enfatiza que a dialética é o método de questionar, é exercício crítico capaz de desestruturar o pensamento vigente e nessa perspectiva que a pesquisa sobre práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo está sendo pesquisado para que possamos apresentar para a sociedade dados satisfatórios.

Para Gil (2002 pg. 44), pesquisa bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Ou seja, na pesquisa bibliográfica foi realizada o levantamento em livros, dissertações, teses, artigos científicos para compreender os estudos pesquisado por outros pesquisadores e produções existentes sobre esse estudo.

Utilizamos a observação livre e participante onde buscamos um contato direto com os sujeitos pesquisados, buscamos conhecer e obter informações sobre o contexto em que está inserido. Segundo Trivinos (2008), “observar naturalmente, não é simplesmente olhar.

Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho, expressões). Observar um fenômeno social”, por meio da estratégia da coleta de dados, subsídios teóricos compreendemos melhor a realidade, as relações culturais e sociais das escolas e comunidade do e no campo.

A observação participante teve como finalidade coletar informações para entender o problema social e compreender a situação com profundidade, sua cultura, valores, crenças, religião e etc.

E para realizar a pesquisa precisamos vivenciar a realidade da comunidade e sentir-se parte do processo percebendo os detalhes da pesquisa. Por meio da observação, buscamos envolver-se no diálogo, atividades e interação dos sujeitos para repassar confiança por parte do estudo realizado.

A entrevista semiestruturada é a interação entre uma ou mais pessoas em forma de diálogo para se obter informações, fazendo que os sujeito se expressasse livremente sobre os assuntos que fossem surgindo, porém, sempre direcionado para a pesquisa. A entrevista semiestruturada vai muito além e permitiu a aproximação dos fatos e os assuntos analisados no processo de coleta de informações, na qual elaboramos um roteiro com perguntas que atingiram os objetivos da pesquisa, como características e questionamentos.

A entrevista teve como finalidade coletar informações de percepções, expectativas, opiniões sobre fatos ou objetos ocorridos, que passam despercebidos na maioria das vezes pelos pesquisadores, principalmente sobre acontecimentos históricos, sociais e culturais.

Utilizamos o questionário, na qual continha algumas perguntas relacionadas à pesquisa onde conseguimos informações precisas. Severino (2007, p.125) ressalta que o questionário é um “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”.

A roda de conversa é um método rico nas pesquisas adotadas por Paulo Freire (1983), denominadas de "Círculos de Cultura" em que valoriza o diálogo, as falas e escutas dos sujeitos, que expressam e compartilham seus sentimentos e descontentamentos do lugar onde vivem, moram e trabalham.

O círculo de cultura é uma estratégia metodológica que é embasada na educação popular, na qual os sujeitos são os protagonistas do saber, expressam e compartilham o trabalho em grupo, há o diálogo, respeito e a participação é recíproco, onde todos criam um espaço de ensinar e aprender.

As rodas de conversa proporcionam a troca de experiência e aprendizagem contínua que busca atingir os objetivos propostos. É uma metodologia freiriana que busca construir e reconstruir no meio, através da fala e escuta dos sujeitos a discussão e participação na roda de conversa por meio do ato reflexivo. Embasado na educação libertadora de Paulo Freire (1983) essa metodologia segundo Brasil (2014), articula práticas, saberes culturais e direitos humanos.

A teoria Freiriana tem relação com a dialética, na qual os atos políticos e educativos se complementam, onde a educação está intrinsecamente ligada na problematização da realidade que está presente nesse processo de liberdade e criticidade para que se possa compreender o mundo que dialoga e respeita o outro.

Segundo Freire (2005), diz que não podemos esquecer que o ser humano é um ser histórico e social que constrói conhecimentos, os pontos de vista e respeito precisam prevalecer para que a divulgação científica se amplie cada vez mais.

Pensamos na impossibilidade de realizar a pesquisa de forma presencial, pois ainda estávamos na pandemia, e assim iríamos utilizar o uso de ferramentas tecnológicas a distância ao nosso favor, como; meet, grupo de WhatsApp, google forms, pois não podíamos colocar a vida dos participantes em risco, mesmo a internet em nosso município sendo muito ruim, mas foi possível realizá-la face a face e não foi preciso utilizar dos recursos tecnológicos.

A pesquisa foi realizada de forma presencial por meio dos procedimentos da coleta de dados, porém estávamos cientes que ainda estamos em pandemia (COVID-19), que era preciso ter todos os cuidados necessários, pois tratava-se de uma doença respiratória, portanto tivemos todas as medidas preventivas como: o distanciamento entre os participantes, a utilização de álcool em gel e etc.

A roda de conversa de forma presencial foi aberta às pessoas que quiseram participar, compartilhar experiências, conhecimentos participaram 10 sujeitos como havia sido proposto.

Os pais, responsáveis e professores responderam um questionário, participaram da entrevista semiestruturada, porém antes disso fizeram a leitura do termo e por meio da assinatura concordaram em participar da pesquisa. O questionário foi realizado no fim da roda de conversa que realizamos com os participantes.

A pesquisa aconteceu no segundo semestre de 2022, com a permissão da Secretaria Municipal de Educação de Parintins (SEMED), em seguida entramos em contato com uma professora da alocada na comunidade, seguida da gestora da escola e demos início a pesquisa em lócus.

A referente pesquisa foi desenvolvida em uma escola do campo na era de várzea no município de Parintins, tendo como instrumento de coleta de dados, as práticas pedagógicas dos

professores que atuam em salas multisseriadas, aprendemos bastante com cada um, principalmente com as experiências de vida deles, em especial na carreira profissional.

Os sujeitos da pesquisa são 10 sujeitos entre eles 5 professores, 3 pais, 2 lideranças de movimentos sociais, os nomes dos sujeitos são fictícios como forma de preservar as suas identidades. O critério que utilizamos para selecionar os sujeitos participantes são os que trabalham, moram, vivem no campo e que participam dos movimentos como fóruns, oficinas, palestras, formações entre eles homens, mulheres na faixa etária de 24 a 75 anos. Os mesmos são identificados pelas letras do alfabeto “M, N, O, P, Q”, “R, S, T, U, V”.

Segundo Gunther (2006), todos os instrumentos são fundamentais para a relevância da pesquisa e para melhor sistematização das informações, utilizaremos documentos, registros fotográficos, gravações de vídeos e notas no caderno de campo.

3.2 Contexto da Pesquisa: Município de Parintins

Quando navegamos pelo rio Amazonas temos a oportunidade de contemplar ao longo das margens a exuberante floresta e o grande rio que nos rodeia, assim como as casas de madeiras cobertas de telhas ou de palhas, assim como animais e plantações da fauna e flora.

O Município de Parintins está localizado ao leste da capital, a margem direita do rio Amazonas com área de 7.069 com 111.575 habitantes em 2015, situado a 369 km da capital de Manaus, via fluvial. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Parintins é considerado o 2º município desenvolvido do Estado e se destaca pela festa grandiosa realizada a céu aberto no mês de junho. Além de ser composta por populações da área rural e urbana, uma socieodiversidade de habitantes (SOUZA, 2013).

Figura 1- Vista aérea de Parintins, terra dos bumbás Caprichoso e Garantido



Fonte: Foto Pedro Coelho Divulgação

Conforme os dados do IBGE (2015), o estado do Amazonas é formado por mais de 90 mil comunidades ribeirinhas que existem às margens de rios, lagos e igarapés que formam hidrografia da região Amazônia. E essas famílias na sua maioria sobrevivem da caça, pesca, agricultura, produção de farinha entre outros. Oliveira (2000, p.35), ressalta que,

Chega-se a maioria das cidades da Amazônia pelo rio e delas é possível se contemplar uma paisagem cujo limite é o reencontro das paralelas no horizonte em que o céu e as águas parecem se abraçar, quer se olhe em direção ao Ocidente ou ao Oriente. A paisagem citadina avista-se ao longe, aparecendo aos poucos, preguiçosamente aos olhos de quem se aproxima sem pressa de chegar. Quase sempre, o primeiro sinal é a torre da igreja, tão distante que até parece nunca será alcançada [...].

O autor destaca que se faz necessário descrever o município de Parintins e para compreender melhor o aspecto histórico da cidade precisamos inicialmente saber o porquê da denominação de Parintins, uma vez que se deu em homenagem aos índios Parintintin antigos habitantes da ilha, a segunda cidade da Amazônia depois de Manaus que é oriundo de uma ocupação colonial.

Souza, (2013, p.45), afirma “como muitos municípios brasileiros, Parintins foi primeiramente habitado por indígenas”. Ou seja, grupos indígenas habitavam a região do Baixo Amazonas, porém foi oficializada em 1749, quando o explorador José Fonseca notou a ilha ao navegar à margem do rio.

O município de Parintins é rodeado de comunidades rurais que fomentam o meio econômico do Município, o principal meio de transporte da cidade é o fluvial como o barco, rabeta⁶, canoa entre outros, uma vez que a cidade é considerada uma ilha, pois seus arredores são cercados pelos rios e o tráfego comum das pessoas para ir e vir até as cidades ou outras localidades são por meio dos rios.

⁶ Rabeta: Pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente

Fotografia 2- Barco de recreio



Fonte: Castro (2022)

Em relação à educação, o município de Parintins é considerado a cidade universitária do interior do Amazonas. Possui universidades públicas e privadas, como a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), o Instituto Federal de Educação (IFAM), a FAMETRO, a UNIP, o CLARENTIANO e a UNOPAR. Além disso, existem vinte e uma (21) escolas estaduais, cento e cinquenta e quatro (154) escolas municipais e quatro (4) escolas particulares, que atendem a educação infantil e o ensino fundamental. No entanto, o município ainda não possui creches para atender crianças de zero a dois anos.

A educação escolar das comunidades ainda é um tema que precisa ser constantemente discutido. As políticas públicas educacionais devem garantir uma educação escolar no campo que possibilite transformar sua própria realidade, além de permitir que sejam protagonistas de suas histórias. Na maioria das vezes, a realidade educacional é desconhecida e, dependendo da localização geográfica das comunidades, nos deparamos com um serviço público de educação insuficiente e oferecido de forma precária.

No entorno da cidade de Parintins há o lago do Macurany, o lago do Parananema, lago do Aninga cujas vias de acesso se dá também por meio das estradas até às comunidades, mas que ficam localizadas em Parintins, ressaltamos que em cada comunidade mencionada há uma escola da educação infantil até ao 5º ano do ensino fundamental facilitando a escolaridade para os moradores dessa localidade, porém o ensino a partir do 6º ano até o ensino médio os estudantes precisam se deslocar até as escolas da cidade, dificultando às vezes o acesso devido à distância. Pois precisam percorrer as estradas da cidade, na qual ficam vulneráveis a acidentes e assaltos.

Além do lago da francesa o mesmo também dá o acesso aos canais até as comunidades da zona rural e outros lugares por meio da via fluvial como municípios entre Nhamundá, Barreirinha, Vila Amazônia, Maués e etc.

Quanto à analogia, observamos que a paisagem destacada pelo Rio Amazonas é de que suas margens são de matas homogêneas, verde infinito, boas para contemplar, mas a realidade é bem diferente, cada pedaço daquela pretensa mata homogênea, esconde, aos olhos do observador passageiro, uma rica diversidade, feita de muitas pessoas em comunidades rurais/ribeirinhas, comunidades de povos indígenas, quilombolas, que vivem das florestas, das terras, das águas, das cidades, do esporte, produção rural, do comércio, da pesca, do mito e da religião, da interação. (VASCONCELOS, 2010, P.119).

O deslocamento das pessoas do município de Parintins é facilitado por meio dos caminhos fluviais e das estradas. Dessa forma, eles podem transportar seus produtos agrícolas, navegar pelos rios, lagos ou igarapés e buscar novas experiências e concretizar sonhos, visando a melhoria das condições de vida.

Geralmente as comunidades ribeirinhas da Amazônia continuam sendo vistas como atrasadas sob a ótica de um campesinato tradicional, ou seja, precisamos respeitar as diversas perspectivas, “há ribeirinhos que querem deixar os parâmetros de subsistência [...] outros aumentar seu acesso a bens e serviços [...] outros preferem reforçar os valores comunitários” (MAYBURY-LEWIS, 1997, p. 55).

As comunidades rurais vêm passando por constantes mudanças históricas, assim como em relação aos fenômenos, quanto às estruturas políticas que observamos nos últimos anos. Há situações em que as pessoas precisam se deslocar para as cidades, optando por conseguir um trabalho, dar continuidade nos estudos ou ampliar seus horizontes (HARRIS, 2006).

Para Benchimol (1990, apud FRAXE, 2004, p. 309) o processo cultural do povoamento e ocupação humana da Amazônia está em constante crescimento populacional.

[...] teve como característica principal a multidiversidade de povos e nações, etnodiversidade histórica e original que se manifesta, não por caracteres raciais, mas por aspectos antropológicos e culturais ricos, típicos e diferenciados na linguagem, ritos, magia, usos, costumes, produtos ergológicos, formas próprias de subsistência nas lavouras itinerantes, nos processos de caça e pesca e, sobretudo, no uso e aproveitamento dos recursos florestais.

A identidade na região amazônica é uma diversidade de múltiplos saberes e práticas interativas e dinâmicas que representa os universos de costumes, culturas e significados, “[...] de forma homogênea, desconsiderando-se, inclusive, a identidade de cada povo que vive e convive nesse espaço amplo e diverso, que pode ser caracterizado não como Amazônia, mas como Amazônia” (OLIVEIRA, 2003, p. 23).

Por isso torna-se necessário preservar e conhecer sua história, identidade e cultura para evitar uma exclusão silenciosa, superando os processos de homogeneização e hierarquia.

As pessoas que moram nas comunidades rurais estão em constante busca de solução de problemas que são enfrentados no seu dia a dia, na sua realidade, seja no roçado, pescaria, percurso até a cidade ou direitos básicos como uma educação de qualidade (SOUZA, 2008).

O maior desenvolvimento do Município de Parintins são as atividades agrícolas e agropecuárias fatores estes que contribuem para o desenvolvimento da cidade, segundo o Instituto de desenvolvimento agropecuário do Estado das Amazonas (IDAM), devido a decorrência do processo natural da vazante e enchente, há seus pontos positivos e negativos, uma vez que há períodos de cultivo, plantações, criação de animais. Ou seja, os benefícios sociais, econômicos e culturais podem trazer bastante benefícios se forem usados a favor dos cidadãos Parintinenses.

As comunidades ribeirinhas contribuem com a economia do Município, faz parte da extensão, porém o trabalho dos ribeirinhos ainda é de pequeno porte, devido à falta de investimentos de políticas públicas, porém não deixa de ser importante e movimenta a economia. Os parintinenses tem como meio de sobrevivência a pesca, plantações diversas, criação bovina, suína e aves etc.

Segundo Oliveira (2003), enfatiza que os educandos aprendem por meio dos ensinamentos dos pais, ao considerar a terra (solo) como matéria prima, força produtiva colocadas em prática nas suas atividades do cotidiano.

Pelas águas barrentas descendo o rio Amazonas deparamos com a cidade de Parintins, lugar conhecido como a ilha da magia por realizar uma das grandes festas folclóricas do mundo, conhecida Festival Folclórico de Parintins com os bois bumbás Caprichoso e Garantido, que reúne pessoas de vários lugares do mundo, onde pessoas vem prestigiar essa festa.

Figura 3- Bumbódromo em noite de apresentação



Fonte: França (2014)

O bumbódromo é o lugar onde é apresentado um espetáculo grandioso como lendas amazônicas, regionais e itens que representam a cultura da Amazônia como cunhã-poranga, rainha do folclore, porta estandarte, pajé e sinhazinha, onde a economia é bastante aquecida nesse período, assim também quando os turistas chegam no porto da cidade e se deparam com a torre da catedral, um dos principais pontos turísticos da cidade.

O município de Parintins é conhecido pelo festival folclórico dos bois-bumbás caprichoso e garantido. A região norte do Brasil é reconhecida pelos talentos artísticos do povo parintinense. A cidade se orgulha da sua cultura, na qual expressam por meio da arte popular o orgulho de ser amazônida.

Figura 4- Bois Caprichoso e Garantido



Fonte: Portal Edilene Mafra tudo sobre cultura Amazônica

A maioria dos pais que tem preferência por um dos boi bumbás, caprichoso que representa a cor a azul ou o garantido que tem a cor vermelha, desde infância criam esse interesse nos seu filhos para torcer pelos bois, levam as crianças nos ensaios dos bois nos currais, assim como aprendem as toadas e coreografias, ou seja, a cultura amazonenses é conhecida em vários lugares, podemos dizer que até do mundo, pois durante o festival a cidade fica

movimentada e vem pessoas que muitos lugares como Japão, Alemanha, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades do Brasil assistir o grande espetáculo cultural da cidade.

Ressalta Freire (2001, p.21) “não só por suas relações e por suas respostas o homem é criador de cultura, ele é também fazedor da história. Na medida em que o ser humano cria e decide, as épocas vão se formando e reformando”. Ou seja, é uma tradição que é passada de geração para geração.

As tradições perduram até os dias de hoje, por meio das manifestações culturais da região norte. Ao mesmo tempo que o boi bumbá é um símbolo da cultura do Município, a cidade tem uma conexão religiosa onde tem como padroeira para os cristãos católicos a Festa em Honra Nossa Senhora do Carmo que acontece entre os dias 6 a 16 de julho, e vem pessoas de vários lugares nesse período, inclusive pessoas que moram nas comunidades rurais, que são conhecidas como pagadores de promessa.

Além do Festival Folclórico proporcionar o desenvolvimento da cultura, ele busca abrir novos mercados para melhorar a condição de vida das pessoas que aqui residem, ou seja, a partir da história de Parintins que a educação rural começa a existir e ter uma maior abrangência. Porém não podemos pensar a Amazônia só com rios e florestas, é preciso ressaltar que os povos do campo são pessoas que constroem saberes e cultura, é por meio das práticas pedagógicas que há esse diálogo e troca de experiências.

É necessário valorizar as riquezas ambientais e culturais que nos cerca e por meio das práticas pedagógicas as transformações acontecem, uma vez que as escolas enquanto espaço de reflexão e cidadania são responsáveis deste processo de formação da identidade cultural dos estudantes, na qual busca articular com a diversidade. Assim é necessário “[...] construir práticas pedagógicas que realmente expressem a riqueza das identidades e da diversidade cultural presentes na escola e na sociedade” (GOMES, 2007, p. 25).

No espaço escolar lida com diversos sujeitos de gênero, etnia, religião, cultura diferente que interagem, aprendem e trocam experiências, constroem histórias, experimentam conflitos, desrespeito às diferentes formas de manifestar e ser, ambos norteados pela homogeneização. Logo as escolas do campo que estão em realidade com múltiplos contextos, representações, precisam considerar as particularidades locais dos sujeitos que moram no interior das florestas e nas margens de rios, lagos e igarapés (SILVA, 2017).

Somos um povo com traços marcantes, com diferentes etnias, uma miscigenação, uma vez que o processo de dominação e exploração vem desde período colonial, desde época dos europeus que exploraram e dominaram a população nativa que aqui viviam (MEIRELLES FILHO, 2004).

No município de Parintins tem um movimento social do campo conhecido como Fórum de Educação do Campo, das florestas e das águas Paulo Freire- FOPINECAF que está buscando a efetivação do direito dos povos do campo nas localidades próximas, por meio das rodas de conversa diversos assuntos são debatidos.

Os movimentos sociais do Município Parintins vinham se articulando e discutindo a educação do campo desde a década de 1990. Mas só ganhou força por meio do FOPINECAF criado no dia 24 de outubro de 2017, durante a V semana de Pedagogia no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ/UFAM), após a realização de uma mesa redonda intitulada “Diálogos com movimentos sociais e instituições públicas por uma Educação do Campo em Parintins” (PRATA, SILVA 2022)

O Fórum busca fortalecer as discussões que trazem a marca e expressam a real necessidade dos sujeitos, inseridos em territórios do campo. O objetivo do FOPINECAF é ultrapassar os discursos, lutando pela garantia dos direitos básicos no que trata a educação dos sujeitos do campo, digna e fortalecida.

O FOPINECAF é um conjunto de movimentos sociais e instituições públicas que se articulam juntamente com as comunidades rurais para debater e dialogar sobre a Educação do Campo, onde busca escutar dos sujeitos na apresentação das suas demandas e propostas, considerando a realidade das comunidades, escolas, trabalho, enfim do ensino oferecido e das condições de trabalho dos professores e estudantes (PRATA, SILVA 2022)

O movimento social FOPINECAF tem uma identidade própria da Amazônia, que não luta somente pela educação escolar, mas pela cultura, tradições, dignidade humana e saberes dos povos tradicionais da Amazônia. A base do movimento social é a Pedagogia de Paulo Freire, onde dialoga e reflete uma educação libertadora e luta por uma Educação do Campo que valorize a diversidade, onde o sujeito seja o protagonista do conhecimento.

Contudo, a realidade escolar do campo se encontra desestruturada seja em relação ao respeito à diversidade, qualidade de vida, educação digna, assim como saneamento básico, saúde etc. E por meio desse contexto tentamos compreender como se dá e de que forma podemos trazer possíveis respostas para essas indagações.

4 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NA ÁREA DE VÁRZEA EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Durante o percurso para a comunidade fomos observando a realidade do campo e as belezas naturais: as árvores, rios, pássaros, cada detalhe que a natureza tem, uma beleza sem igual, que traz uma calma e revigora as energias mesmo diante dos desafios.

A comunidade onde realizamos a pesquisa é área de várzea⁷ as casas são de assoalho de madeiras, assim como a escola, para se prevenir da inundação no período da enchente. Essa foi a primeira experiência na escola do campo como pesquisadora, onde vivenciamos a realidade durante a duração da pesquisa. E ao chegarmos na comunidade nos deparamos com a frente da comunidade São Sebastião do Boto como mostra na figura 5.

Fotografia 5- Frente da escola São Sebastião do Boto



Fonte: Prata (2022)

O interesse de pesquisar a Educação do Campo surgiu na graduação, uma vez que sempre viajávamos para as rodas de conversa do FOPINECAF, em alguma comunidade com os professores, retornávamos à tarde ou no dia seguinte.

Quando se aproximou o período da pesquisa, precisei ir para a escola na comunidade. Muitos questionamentos vieram e aquela sensação de medo pelo desconhecido, sabia que não poderia voltar atrás, pois desde início havia pensado em pesquisar em uma comunidade do campo, e a professora orientadora nos deixou livres para fazer a coleta de dados, as estratégias que usaríamos e sempre trocávamos ideias.

Foi levado a solicitação para a SEMED, no mês de maio e ficamos aguardando o parecer do Comitê de Ética. Em junho tivemos a notícia que o projeto tinha sido aprovado e que poderíamos dar início à pesquisa de campo. No início não sabíamos exatamente qual escola pesquisar, pois queríamos pesquisar em uma área de várzea. Foi então que recordamos que na graduação visitamos uma comunidade de várzea e que a gestora foi muito acolhedora e resolvemos ir para essa escola.

Como a escola é de várzea, no período de julho ainda era a período da cheia dos rios e

⁷ área de várzea são as regiões à margem de um curso d'água que fica inundada durante as cheias.

as aulas tinham dado uma pausa e só retornariam no início de agosto, nesse sentido deu tempo nos prepararmos, aproveitamos para trocar experiências com pessoas que viajavam com frequência para o campo e nos tranquilizaram sobre os questionamentos que tinha preestabelecido etc.

Muitas foram as orientações em relação à água, ao uso banheiro, ao ataque dos insetos, bichos peçonhentos e outros. Próximo ao dia da viagem comprei algumas coisas para levar, pois não sabia como seria e o que me esperava.

Comprei materiais pessoais de higiene e alimentos para levar, quando cheguei na comunidade fui surpreendida, pois fui muito bem acolhida pelas professoras que estavam a minha espera na varanda da escola. Apresentamo-nos e disseram que a gestora havia pedido para que elas me recebessem e no dia seguinte pela parte da manhã ela estaria na escola e conversaríamos. Na escola núcleo só tem aula pela parte da manhã e pela parte da tarde as aulas aconteciam na escola anexo em outra comunidade.

Compartilhei o quarto com uma das professoras, e disse-lhe sobre a finalidade de estar na comunidade. Partilhamos os alimentos, ela me apresentou algumas coisas na comunidade e nos fins da tarde passeávamos na comunidade conversando e trocando experiências.

No início da pesquisa chegávamos até as casas e escola com facilidades, mas na vazante se tornou complicado, pois tínhamos que andar um pouco mais até chegar ao nosso destino. Para conhecer ainda melhor a realidade propus conhecer de perto os desafios e os sonhos dos comunitários.

Na escola núcleo, onde foi realizada a pesquisa ao lado há uma igreja construída em alvenaria pintada de azul e uma torre no formato tradicional, que foi substituída por uma igreja de madeira, logo atrás da igreja antiga, devido as terras estarem caindo, os comunitários acharam melhor construir outra igreja para a segurança das pessoas que são católicas e frequentam os cultos da palavra aos domingos.

Fotografia 7- Igreja de madeira



Fonte: Prata (2022)

A escola é de assoalho pintada nas cores amarela e azul, ainda é de madeira, larga, tem 3 (três) salas de aulas, 1 (uma) secretaria, 1 (uma) varanda na parte da frente e na lateral do lado direito, há 3 (três) quartos, onde os professores moram, devido não ter uma casa específica para a moradia deles na comunidade e tem 2 (dois) banheiros de alvenaria no fim da escola após um barracão.

No lado da escola só mora uma família, onde tem criação de gados, galinhas e plantação de melancia. Há outras casas do outro lado de um igarapé, a primeira casa na ponta do igarapé tem uma família que possui um barco que faz transporte, denominado de recreio, que leva e traz as pessoas da cidade de Parintins para as áreas rurais, comunidades chamadas de interior e vice-versa. Há outras casas que são um pouco distantes uma das outras. Alguns metros atrás da escola tem um campo de futebol, onde os jovens e comunitários se reúnem todas as tardes para jogarem bola, assim como as mulheres, as crianças uma das características das pessoas que moram nas comunidades do campo.

Na lateral da escola de madeira está sendo construída uma escola de alvenaria, esperase que até o final de 2023 a escola seja finalizada e inaugurada. Todos estão ansiosos, inclusive os estudantes, pais e professores, como está na figura 7.

Fotografia 7- Construção da nova escola em alvenaria (escola núcleo)



Fonte: Prata (2022)

Um dos pontos que nos intrigou foi devido a comunidade não ter uma casa própria para os professores, uma vez que a maioria deles não é da comunidade onde está situada a escola e eles precisam se deslocar da cidade para o interior, logo deveriam ter um lugar para morar. Inclusive as condições de moradia para os professores ainda são mínimas. Assim que a nova

escola estiver construída, um dos professores relatou que terão que verificar um outro lugar para morar, fato este que é preocupante.

Sabemos que a experiência dos egressos da universidade, na maioria das vezes, é nas escolas do campo, na qual não tem muita opção e acabam aceitando, mesmo não se identificando às vezes com a realidade, pois é a primeira experiência à docência.

Ser professor iniciante significa um enorme desafio a cada dia e exige uma nova postura perante a sociedade. A prática docente requer grande esforço para se concretizar de forma próspera, tanto pessoal quanto profissionalmente, mas estar à frente da educação de um país é uma honra e ao mesmo tempo uma responsabilidade gigante, a qual deve ser mais valorizada (FERREIRA, 2011, p. 63).

Uns egressos se identificam e outros não, mas a necessidade de trabalhar é maior, mesmo na maioria das vezes não terem um conhecimento básico sobre essa realidade do campo. Sentem o impacto assim que se deparam com os desafios apresentados como foi relatado pelos professores que foram trabalhar na comunidade.

Durante a graduação não tivemos a oportunidade de ter uma disciplina específica sobre a Educação do Campo, mas em uma das disciplinas ministradas pela professora de “alfabetização e letramento”, ela nos levou para fazer uma pesquisa de campo em uma comunidade, onde estou realizando a pesquisa atualmente, uma vez que a primeira experiência para a maioria dos colegas foi diferente da qual estamos acostumados no dia a dia das escolas da cidade, ou onde geralmente fazemos nossos estágios.

Por meio do Movimento Social da Educação do Campo, criado em 2017 na semana de Pedagogia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na qual estava participando e identifiquei-me a partir daquela roda de diálogo e as proposituras que foram estabelecidas para o fortalecimento do movimento social do campo, foi a partir daí que tive a oportunidade de conhecer diversas realidades do campo, seja elas em comunidade de várzea ou terra firme, pela qual comecei a conhecer e fazer parte do Movimento Social onde luta por melhorias e educação de qualidade, além de ajudar as pessoas do campo a construírem o senso crítico sobre o que os cerca e assim tornarem protagonistas das suas histórias.

No período da tarde íamos até a comunidade Santa Rita para dar continuidade à pesquisa sobre as práticas e o trabalho como princípio educativo. Essa experiência foi diferente e principalmente uma aventura para quem não está habituada com essa rotina, ou seja, fiquei indo a comunidade uma semana de cada mês durante um semestre, e ficamos me perguntando e os professores que vivem, trabalham e moram na comunidade experimentam essas realidades todos os dias.

Fotografia 8- Frente da escola Santa Rita (escola anexo)



Fonte: Prata (2022)

A estrutura da escola anexo é pequena, assoalhada, de madeira, pintada de amarela e azul, tem 2 (duas) salas, 1 (uma) cozinha, 1 (um) quarto para o professor, 1 (uma) varanda em parte lateral da escola do lado esquerda e 2 dois banheiros. Tem uma igreja ao lado da escola, pequena de madeira e pintada de branca e bege, tem uma outra cobertura próxima da igreja onde funciona uma sala que é para os estudantes de 8º ano, quando é preciso ensinar um conteúdo mais específico para eles. Tem outro anexo que é utilizado nos períodos da festividade em Honra a Santa Rita de Cássia, padroeira da comunidade e geralmente quando tem mais de um professor na comunidade podem morar nesse barracão.

Na parte da tarde íamos para outra comunidade, que fica um pouco distante da escola núcleo. A escola anexa foi criada com objetivo de dar acesso às crianças, adolescentes e jovens que estavam crescendo na comunidade, e devido haver famílias morando naquela localidade ficou distante para os mesmos se locomoverem até a escola núcleo, então foi acordado em fazer um anexo na comunidade para facilitar e dar o acesso a eles também, um acordo interno da gestora, professores e Secretária de Educação- SEMED.

No início das atividades, na escola anexo só tinha cadeiras para os estudantes. Na parte da tarde na escola anexo é muito abafada a sala, devido ao tamanho, além do excessivo calor no período do verão. Nesse sentido, percebemos o descaso com a educação no campo que começa pelas condições e estruturas físicas das escolas que são precárias.

Mesmo sendo uma escola anexo, as condições precisam ser dignas, assim como os materiais didáticos e uma estrutura de qualidade no mínimo. A professora disse que já tem um tempo que está solicitando materiais para escola, enfrenta fila, às vezes vai na cidade e não tem retorno. No mês seguinte, quando retornei à escola, as salas já tinham mesas para os professores, cadeiras novas para os estudantes e os ventiladores desta vez estavam funcionando. Ou seja, é

necessária uma fiscalização e principalmente força de vontade do poder público para a garantia desses direitos dos estudantes.

Na escola anexo tem uma turma de 1º período a 5º ano, e 6º ao 8º ano do ensino fundamental, pela parte da tarde a partir das 14h30 horas a sala começa a se agitar devido ao calor que faz durante o verão.

As aulas da escola anexo terminam às 16h, devido alguns estudantes morarem distante da escola e para não chegarem tarde para suas casas, como é o caso de 3 estudantes, 2 irmãos que são gêmeos que fazem o 8º ano, há outro estudante do 1º ano do fundamental que vêm para a escola na companhia às vezes desses jovens a cavalo, pois ele mora distante e precisa sair da sua casa cedo para chegar à escola no horário.

A jovem que trabalha como serviço gerais e merendeira na escola anexo, mãe de duas estudantes faz o 3º ano do ensino médio tecnológico que fica na escola núcleo e relata que na seca vão andando em grupo com os colegas no meio da mata, no período da cheia vão de rabeta, mas não desistem dos seus objetivos, são jovens sonhadores.

Essa jovem é um exemplo, pois mesmo tendo duas filhas conseguem conciliar o seu tempo, além de motivar as filhas que estudam na escola anexo, uma faz o 1º ano e a outra o 5º ano, elas estudam juntas, pois a turma é multisseriada. Ela pretende concluir o ensino médio, tentar o vestibular e ingressar na universidade no curso de Pedagogia. Ela diz que sua família toma conta da igreja que tem na comunidade, mas infelizmente está sendo pouco frequentada pelos comunitários.

Um dia quando estávamos em uma das salas, no intervalo vimos uma cobra morta próximo do assoalho, e jovem mãe que trabalha na escola anexo disse que estava varrendo e encontrou a cobra perto do armário e que ela levou um susto, a cobra tentou dar o bote, mas ela foi mais rápida e conseguiu matá-la, fiquei abismada com a coragem dela. Isso é algo comum de quem mora no campo, por isso é preciso ficar atento.

Para chegar à escola anexo pegamos uma rabeta⁸, no início do trajeto pegamos um pouco do banzeiro⁹ do rio Amazonas, onde as águas são agitadas e depois dobramos no igarapé, onde as águas são tranquilas, porém dá um certo medo de cair na água.

No igarapé tem seus perigos porque tem galhos de árvores caídas no caminho, capim além de troncos na maioria das vezes submersos, onde a rabeta pode bater e virar, então isso

⁸ Rabeta: Pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente pelos ribeirinhos.

⁹ Banzeiro: é um termo regionalizado que se utiliza para destacar ou descrever quando o rio se movimenta e causa ondulações na água.

vinha constantemente nos meus pensamentos, mas ao mesmo tempo confiava nas pessoas que moram na comunidade e estão acostumadas com os trajetos.

Fotografia 9- Igarapé do Boto



Fonte: Prata (2022)

Fotografia 10- Percurso até a escola anexo



Fonte: Prata (2022)

As vezes ouvia relatos de que a rabeta tinha batido em um pau ou que a rabeta quase virava etc. Para chegar até a escola anexo durava 45 minutos, isso indo de rabeta na velocidade média. Pude experimentar a realidade durante uma semana, a rotina dos professores que vão e voltam todos os dias fazendo esse percurso até a outra comunidade, assim como foi possível

observar a chegada e saída dos estudantes. E com o transporte escolar funcionando facilitou o acesso dos estudantes novamente à escola e nesse período o dia a dia nas escolas ficavam movimentadas.

Um dia ocorreu um fato, ao retornar para a comunidade fomos pela primeira vez tentar tomar banho no rio, mesmo não sendo adequado devido ser rio Amazonas de água barrenta, quando entramos em uma parte rasa as piranhas e camarões começaram a beliscar nossas pernas. Isso não deu muito certo, saímos logo do rio, mas foi divertido.

Nas quintas feiras acontecia a Educação Física da turma de 1º período ao 5º ano. Esse dia é o mais esperado pelos estudantes, pois eles vão para o campo jogar futebol, um esporte que a comunidade gosta bastante, os menores brincam de manja pega, coelhinho na toca ou a professora faz alguma atividade de roda com eles. Participei também com eles da partida de futebol para que eles sentissem confiança em mim e não vissem somente como uma professora da cidade, como mostra na figura 11.

Fotografia 11- Educação física na comunidade



Fonte: Prata (2022)

Durante a realização da pesquisa, percebemos o quanto as pessoas gostam da vida que levam no campo que é tranquila. Eles têm uma boa relação das atividades de lazer e trabalho e buscam auxiliar uns aos outros segundo uma mãe de um estudante que tem uma taberna¹⁰ a margem do igarapé, diz que gosta de morar na comunidade, pois estão longe da vida que há na cidade, que envolve a preocupação excessiva com violências, assaltos, drogas, o que preocupa ainda são as bebidas alcoólicas que os jovens acabam consumindo na maioria das vezes nas comunidades de forma desenfreada.

4.1 Comunidade pesquisada: São Sebastião do Boto

O percurso para chegar até a comunidade é 1h30 pelo Rio Amazonas, os horários de saída geralmente são as 12h ou 13h nos dias de segunda, terça e quintas-feiras saindo do porto de Parintins ou rampa do Mercado Municipal e quando retornamos da comunidade geralmente os barcos de recreio passam as 4h da madrugada nas quartas e sextas-feiras.

Figura 12- Mapa da comunidade São Sebastião do Boto **Figura 13-** Mapa Comunidade Santa Rita

¹⁰ **Taberna:** estabelecimento de venda



Fonte: Google Map (2022)



Fonte: Google Map (2022)

A festa do padroeiro São Sebastião acontece no mês de outubro geralmente com 3 (três) dias de festividade com a realização de bingos, torneios esportivos, vendas de comidas destinadas para algum objetivo da igreja, as Pessoas de outras comunidades ou que moram próximo participam desses festejos.

Aos domingos acontece o culto da palavra e pela parte da tarde tem os campeonatos de futebol tanto masculino quanto feminino. Quem ministra o culto é a gestora da escola onde faço a pesquisa, ela é ministra da palavra e alguns professores lhe auxiliam aos domingos com a proclamação das leituras e cantos, junto com os pais que participam da comunidade.

Na comunidade não há posto de saúde, então se acontecer algo que não tenha como solucionar ou se for grave é acionado a ambulância (lancha hospitalar) que está disponível para atender e encaminhar os doentes até a cidade.

Na tabela abaixo há informações das turmas na qual foi realizada a pesquisa, pela parte da manhã a escola núcleo Whashington Luiz e a tarde a escola anexa Santa Rita que fica em outra comunidade, além do quantitativo de famílias nas comunidades.

Quadro 1- Quantitativo das escolas e comunidades pesquisadas

Comunidades				
Escola	Turno	Ano	Estudantes	Famílias
São Sebastião do Boto Núcleo	manhã	1º ano e 2º ano 3º ano, 4º ano e 5º ano	31	63
Santa Rita-Anexo	Tarde	1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano, 6º ano, 7º ano e 8º ano.	19	25

Fonte: Pesquisadora (2022)

Uma das características da comunidade são as quedas naturais das terras, ou seja, aos poucos as terras vão desaparecendo e as pessoas vão se adaptando conforme suas necessidades, pois quem nasceu na comunidade é algo quase natural, onde precisam se reinventar todos os anos dependendo da elevação das águas (enchente) e na maioria das vezes eles não precisam se descolar para outro lugar, devido suas casas estarem suspensas nas terras, que são casas de assoalho.

Fotografia 14- Escola núcleo na enchente



Fonte: Souza (2022)

Fotografia 15- Uma das casas da comunidade



Fonte: Prata (2022)

A maioria das casas são construídas de madeira com assoalho, onde os próprios moradores constroem. Como podemos observar na imagem, no período da cheia a terra é submergida pela água, aparecendo somente as casas e árvores, há pessoas que gostam e outras não desse fenômeno, pois por um lado facilita na questão do pescado por exemplo, já por outro precisa na maioria das vezes se descolar para uma área de terra firme ou cidade.

Na região pescam bastante camarões, além de cultivar as plantações de melancia, cheiro verdes, couves, criação bovina, suína, aves entre outros, além da pesca que é cultural dos povos dos campos. Eles trabalham de forma simples, vendem para os vizinhos e parentes seus produtos, quando possível vão à cidade vender nas feiras pelo menos duas vezes na semana, que ajuda no sustento das suas famílias.

As pessoas na área de várzea se organizam constantemente para as suas plantações e criações de animais. Durante o período da enchente e oscilação das águas, os gados por exemplo são transportados para a área de terra firme, ou seja, áreas que não são alagadiças. Que é conhecido como a passagem dos gados nesse período e o que chama atenção é a ajuda mútua que existe entre eles.

No fim da tarde a comunidade vai ficando calma, é possível escutar o cantar dos pássaros, barulho dos rios e no início da noite barulho dos sapos, grilos e carapanãs, ou barulho

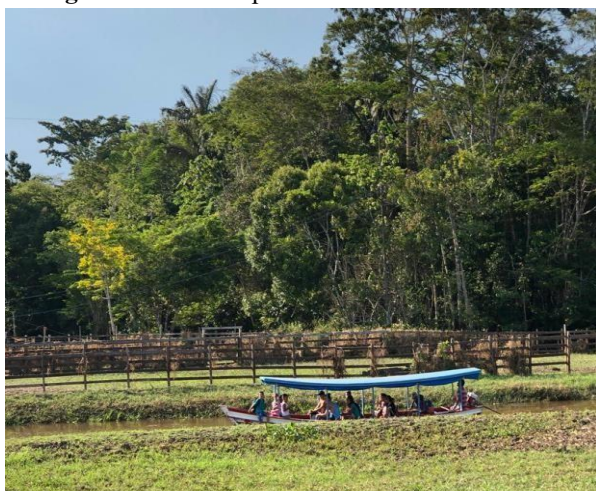
das rabetas ou barcos que passam no rio na frente da escola. No campo se acorda cedo, e há o privilégio de contemplar o nascer e pôr do sol da porta do quarto. Na hora do almoço todos se reúnem na mesa para almoçar e uns ajudam os outros a fazer as refeições.

4.2 Meio de transporte

Nas comunidades rurais cada família tem pelo menos um meio de transporte, como a canoa, rabeta ou barco, que serve para se deslocarem a outras comunidades ou até Parintins, mulheres e crianças aprendem a dirigir, pois serve para levar seus produtos para a venda entre outras coisas. Ou seja, esses meios de transporte são vistos como o principal transporte dos povos do campo.

Ao iniciar a pesquisa, no segundo semestre, muitos estudantes não estavam frequentando a escola por não ter um transportador na comunidade devido à falta de valorização do profissional, e então houveram poucas participações na escola nesse período. Só frequentavam a escola em agosto os filhos dos pais que tinham uma condição a mais para abastecer seus transportes. Uma das professoras da escola que tinha uma rabeta, dava carona para alguns estudantes que moravam perto da sua casa.

Fotografia 16- Transporte escolar da escola anexo



Fonte: Prata (2022)

Fotografia 17- Transporte escolar da escola núcleo



Fonte: Prata (2022)

A falta do transporte escolar ocorreu devido a remuneração do transportador estar atrasada, além de ser um valor mínimo que ele recebe, o mesmo ainda tinha de comprar o diesel para transportar os estudantes. Este é um fato injusto, pois o mesmo disponibiliza tempo, além dos gastos que tem para manter o barco. Então o mesmo saiu e logo em seguida foi contratado para fazer o transporte dos estudantes do ensino médio à noite, da qual é o Governo do Estado que arca com o pagamento do transporte.

Os estudantes que têm transporte próprio chegam cedo na escola. A maioria das vezes é um irmão mais velho que traz os menores. Por outro lado, eles correm perigo devido serem ainda crianças e principalmente por não usarem coletes como mostra a Figura 18.

Fotografia 18- Estudantes dirigindo as rabetas



Fonte: Souza (2022)

Nas embarcações, principalmente dos moradores do campo, não são usados os coletes salva vidas, uma vez que é importante usá-los, caso haja algum acidente fluvial. Devido a maioria não ter o hábito de usar o colete, acabam colocando a vida dos seus familiares e de si próprios em risco. Infelizmente acontecem acidentes frequentes nos rios, na qual as vítimas na maioria das vezes são as crianças.

Os rios da Amazônia são agitados e bem movimentados com banzeiros, principalmente em tempos de ventos e chuvas. Precisamos ter os cuidados necessários no tráfego fluvial, para cuidar e proteger as crianças, adolescentes e jovens. Nesse viés, deveria haver uma fiscalização fluvial.

O Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (PNATE), está na Lei 10.880, de 9 de junho de 2004, tem o objetivo de financiar o transporte público escolar, com a finalidade de garantir o acesso dos estudantes à escola na área rural.

No tempo da seca, alguns veículos fluviais ficam impossibilitados de trafegar, por isso são usados modelos menores. Além de conter na maioria das vezes lama no embarque e desembarque dos estudantes nas escolas.

Diante dessa situação alguns estudantes são prejudicados por causa da dificuldade de chegar às escolas. Antes dos estudantes irem para suas salas, eles fazem a oração universal e depois vão para as turmas, isso demonstra a grande influência da religiosidade na vida do campo, acontece especificamente na escola núcleo.

As aulas pela parte da manhã iniciam às 7h30 e termina às 11h, alguns estudantes só chegam às suas casas às 13h da tarde, devido a longa distância. A comunidade é dividida na parte de cima, meio e baixo. Para a segurança dos estudantes, o transportador deixa cada um na frente das suas casas, devido a essa preocupação há a demora para que todos cheguem ao seu destino, por outro lado os pais não ficam tão preocupados.

Conversando com a gestora e algumas pessoas, elas relatam que podem haver críticas sobre o não cumprimento do horário escolar no campo, mas é preciso conhecer a realidade da comunidade e fazer adaptações quando necessário, pois as crianças não podem ser prejudicadas.

Durante as viagens foi observando de forma minuciosa todo percurso. Toda essa observação foi importante para compreender o cotidiano das pessoas que vivem, moram e trabalham no campo. As pessoas que viajam para a cidade, são os professores e pais dos estudantes, por motivos pessoais e para o transporte de produtos agrícolas.

4.3 Escola multisseriada

Foi notado que um dos desafios é a estrutura de madeira das salas de aula, no qual não há muita concentração devido a explicação do professor da outra sala interferir na explicação do professor da sala da sala ao lado, além dos barulhos externos. Percebemos que nível dos estudantes são diferentes, o professor tem que adaptar atividades conforme o nível de cada estudante, ou de um grupo, principalmente os que apresentam dificuldades nos assuntos.

Fotografia 19- estrutura da sala de aula



Fonte: Prata (2022)

Por um lado, é bom para os professores ensinarem, pois não há tantos estudantes como na cidade. Por outro lado, eles ensinam várias turmas ao mesmo tempo, de etapas diferentes, devido a isso, é necessário uma formação contínua e modernizada para atender as expectativas, algo que muitas vezes não acontece, pois na maioria da vezes aquele professor não pode deixar

a escola para se especializar, se não os estudantes ficam sem suas devidas atividades escolares. É algo que precisa ser pensado, discutido por todos, pois será por uma boa causa e melhorias da educação.

A escola multisseriada faz parte do princípio social a qual contribui na formação do sujeito. Porém a junção das turmas na maioria das vezes é desafiadora, “[...] o acúmulo de funções e de tarefas que assumem nas escolas multisseriadas, dificulta aos professores realizar o atendimento necessário aos estudantes que não dominam a leitura e a escrita [...]” (HAGE, 2005, p.53).

Vivemos em uma sociedade diversa e é preciso valorizar e respeitar a todos. As turmas multisseriadas às vezes acabam dificultando o processo de ensino e aprendizagem, mas para isso os professores precisam estar preparados para ensinar e socializar os conhecimentos. Muitos são os desafios enfrentados pelos professores nas escolas multisseriadas, porém no decorrer do dia a dia, a educação precisa ser pensada na realidade do campo. “[...]a precarização das escolas multisseriadas se faz notar por um conjunto de particularidades que comprometem o processo de ensino-aprendizagem [...]” (HAGE, 2005, p.45).

A Educação do Campo quer avançar no que tange às classes multisseriadas, mas há um longo caminho a ser percorrido, iniciando com as condições e estruturas físicas das escolas do campo, pois a realidade é outra. Segundo Hage (2005, p.53),

[...] muitos estudantes ainda são obrigados a abandonar a escola para realizar atividades produtivas, ou acompanhar os pais em atividades de trabalho itinerantes [...], prejudiciais à saúde [...], em face das precárias condições de vida que enfrentam os sujeitos no campo, corroborando para intensificar o fracasso escolar nas escolas multisseriadas.

O poder público precisa dar mais atenção para escolas do campo, assim como secretarias de educação e todos que são responsáveis por esse serviço. Pois é preciso olhar o lado dos estudantes, pais, comunitários e professores.

[...] a problemática atual da educação do campo e especificamente das classes multisseriadas é necessário cruzar aspectos, tais como: a precariedade da estrutura física das escolas; [...]; as irregularidades com relação à merenda escola; inexistência de material didático; descaso com a formação dos docentes; falta de acompanhamento pedagógico; [...] o Currículo (PEREIRA, 2005, p. 9).

Em relação às turmas multisseriadas, é possível refletir o ensino e a aprendizagem em relação a essa prática educativa. Diante dessa realidade os conteúdos nas turmas multisseriadas não estão prontos, pois é uma seleção e construção constante de conhecimentos das práticas pedagógicas que são criados por meio dos contextos, realidade social, intelectual, cultural e política.

Nesse sentido as escolas do campo, neste município, na sua maioria são multisseriadas, e, mesmo tendo poucos estudantes, o professor precisa dar atenção de maneira igual para todos os estudantes, principalmente se houver um estudante com mais dificuldade, pois é esse que vai precisar de mais atenção. Por isso, é preciso que o professor planeje as aulas e articule as questões que fazem parte da vida dos estudantes para problematizar o conteúdo, no sentido de torná-lo mais próximos da realidade deles.

4.4 Práticas pedagógicas em uma escola do campo na área de várzea

As práticas pedagógicas são fundamentais para a educação em todos os âmbitos, porém é necessário compreender o processo histórico e social que emerge em qualquer contexto que ainda é uma situação desafiadora, em especial na área de várzea. Pois é preciso superar a condição de oprimido e transformar o que os cerca. Segundo Freire (1996, p.22) “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Logo a escola tem uma grande responsabilidade de alterar a realidade e ajudar na construção do caráter humano.

No campo de pesquisa as salas de aula (Figuras 20 e 21) da escola núcleo têm cartazes e algumas cadeiras para os estudantes, há ventiladores que não funcionam e isto dificulta o processo de ensino aprendizagem, porque os estudantes se agitam em um determinado horário, seja no turno da manhã, seja a tarde na outra escola. Infelizmente as escolas do campo na sua maioria não recebem os investimentos de que necessitam, pois até as cadeiras não são suficientes para os estudantes, aspecto que é inadmissível para qualquer processo educativo. Mas os professores são comprometidos com o seu trabalho e as salas são organizadas.

Fotografia 20- sala de aula escola núcleo



Fonte: Prata (2022)

Fotografia 21- sala de aula escola núcleo



Fonte: Prata (2022)

A professora da turma do 3º ao 5º ano faz mestrado em Língua Portuguesa a distância em uma Universidade dos Estados Unidos, isso é relevante para o campo, pois os professores estão buscando se aperfeiçoar na sua área, a professora trabalha nos 2 (dois) horários manhã e tarde, na escola núcleo e escola anexo.

A professora busca materiais pedagógicos e metodologias diferenciadas para ensinar. Isto é admirável por parte dela, pois os estudantes que têm dificuldades, ela busca acompanhar mais de perto e traz atividades diferenciadas para trabalhar junto com eles, diversas são as metodologias, colagem, texto fatiado, fichas, leitura, interpretação de texto, massa de modelar, tampa de garrafa entre outros materiais que ela utiliza que estão contidos no campo, como mostra a seguir nas (Figuras 22 e 23).

Fotografia 22- texto fatiado de colagem



Fonte: Prata (2022)

Fotografia 23- Reconhecendo os números



Fonte: Prata (2022)

A professora disse que tem 2 (dois) estudantes que são irmãos que vieram da terra firme¹¹ no meio do ano letivo e que têm muitas dificuldades, a educadora está buscando atividades e estratégias para ensiná-los e tentar colocá-los no mesmo nível dos demais estudantes da mesma idade.

Nesse aspecto, Gadotti (2004, p. 464) afirma que: “Escolher a profissão de professor não é escolher uma profissão qualquer”, pois esse profissional que contribui para a formação humana, especialmente ajuda na formação de outros profissionais.

De fato, os professores se empenham para ensinar nas condições que se encontram, mas na maioria das vezes se conformam com as mínimas condições e é no decorrer desse percurso que o professor constrói sua identidade profissional. Uma vez que não é fácil ser professor, é uma responsabilidade redobrada que esse profissional carrega no seu compromisso de educar.

¹¹ terra firme são terrenos situados fora do alcance das inundações.

Fotografia 24- Atividade de coordenação

Fonte: Prata (2022)

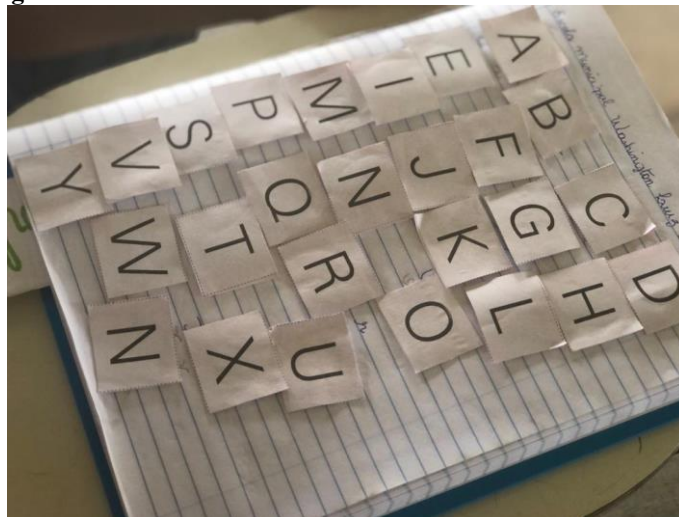
Fotografia 25- Atividade de matemática com massinha de modelar

Fonte: Prata (2022)

No percurso da pesquisa, pudemos observar um estudante que está no 3º ano, o qual tem muita dificuldade, pois ainda está aprendendo a fazer o nome em caixa alta, não conhece números e nem as letras do alfabeto. Nesse período tentei ajudá-lo trabalhando com ele jogos e atividades impressas a pedido da professora, enquanto ela auxiliava outros estudantes.

Outros já têm autonomia para realizar as atividades e buscam ajudar os colegas que têm dificuldades. Os estudantes do 1º período ou 2º ano estão indo bem, eles já reconhecem as letras,

conseguem ler palavras simples, ou seja, eles estão se alfabetizando no nível certo e isso é um avanço significativo nesse contexto educativo.

Fotografia 26- atividade com letras do alfabeto

Fonte: Prata (2022)

Os estudantes têm um bom desempenho nas atividades, pois mesmo tendo que percorrer um longo percurso até chegar na escola, a professora sempre busca estratégias e metodologias de ensino e aprendizagem, em que ela e outros professores comprem materiais com seu próprio dinheiro para trabalhar com os estudantes, pois eles sabem que a maioria dos pais não tem condições para comprar materiais, devido alguns pais terem mais de um filho estudando, então eles buscam ajudar os estudantes dessa forma, embora saibamos que não era para isso acontecer, mas infelizmente essa é a realidade na maioria das vezes das escolas do campo.

Até o momento ainda é oferecido o mínimo nas escolas do campo, como transporte escolar, merenda, materiais didáticos e outros, fato que vem prejudicando a aprendizagem dos estudantes, sendo que na maioria das vezes presenciamos a “formação de professores inadequados, presença de professor leigo em sala de aula, material didático incompatível, e instalações físicas que em sua maioria precárias” (LEINEKER; ABREU, 2012, p. 10).

O professor que tem formação de matemática e ministra também aulas de história e biologia, embora utilizem metodologias muito dinâmicas, é visível que na sua área consegue dominar os conteúdos, interagir nas aulas com os estudantes e faz os estudantes terem melhor compreensão, durante as aulas por exemplo relembrei de expressões e fórmulas matemáticas no período da escola.

Tem um professor formado em Língua Portuguesa, ensina também Língua Inglesa, Geografia e artes, em uma das atividades na disciplina de Geografia, o professor pediu para os estudantes fazerem uma comparação entre os tipos de árvores de terra firme e de várzea, deu alguns exemplos, foi uma atividade de corte e colagem, caso não encontrassem os tipos de árvores nos livros que separou para realizar a atividade, eles poderiam desenhar e classificar.

No término da atividade o professor fez uma observação importante, que os estudantes valorizassem as árvores que tinham ao redor da escola, na comunidade ou no quintal das suas casas, pois eles fizeram a colagem de árvores de outros lugares como Maceira, videira etc. E o professor fez uma observação importante para esse ponto apresentado pelos estudantes, pois na maioria das vezes não valorizamos o que está ao nosso redor, mas damos valor somente o que é de fora, de outro lugar.

A situação do professor ministrar aula fora da sua habilitação é prejudicial ao ensino e aprendizagem dos estudantes, pois o mesmo não se qualificou na área que lhes remanejaram, mesmo estudando de forma superficial nas disciplinas durante a graduação, não é conhecimento do seu domínio. Mas essa é uma realidade frequente no campo, onde os professores precisam ministrar outras disciplinas que não são da sua competência, pois se quiserem continuar nos

seus trabalhos, precisam se submeter a essa condição, uma vez que a maior parte deles estão na condição de contratados, onde ensinam da forma superficial o que compreendem do assunto nas aulas e não podem questionar ou discordar do mesmo.

Portanto, é visível quando o professor ensina os assuntos específicos da sua área de formação, a explanação do conteúdo flui e os estudantes interagem e compreendem com facilidade. Porque não contratar profissionais de suas áreas e fazer concursos públicos para uma educação efetiva e promissora. Será que somente a área urbana pode ter esse privilégio de ter professores para cada disciplina?

4.5 Fenômenos naturais

A seca na comunidade chegou em outubro. Em determinado dia, caí na subida da ponte da escola anexo, pois o barco que transporta as crianças encostou na ponte e deslizou a estrutura, quando fui sair da canoa, caí, porém não foi nada grave, fiquei com as pernas molhadas até retornar para a comunidade.

No retorno para a comunidade tive a experiência de me atolar quando sair da embarcação (a rabeta), afundei e minhas sandálias sumiram na lama, o filho da professora ajudou a recuperá-las, passamos por cada experiência.

No fim de novembro foi observado que o percurso até a comunidade já havia se modificado. Em apenas algumas semanas tivemos a possibilidade de conhecer os três períodos que a comunidade passa no decorrer do ano que são: a cheia, vazante e seca. Estas ocorrem no período de novembro, quando a terra fica em forma de lama, impossibilitando que os estudantes e professores que moram em outra comunidade se desloquem de canoa ou rabeta.

A paisagem sofre alterações sazonais, exigindo das pessoas que vivem no campo a capacidade de se adaptarem a cada período específico. Neste ano de 2023, as aulas tiveram início em 02 de janeiro para as comunidades localizadas em áreas de várzea. No entanto, após três meses, será necessário conceder um recesso devido ao fenômeno da subida das águas.

Se antes os barcos, as canoas e rabetas (os transportes) nesse período ficavam próximos das casas, depois ficou um pouco distante, devido à seca, além do mais as terras caem durante esse período. Segundo relatos de professores, quando as terras caem ouve-se um estrondo (som forte) na terra, ao qual eles já estão acostumados, porém a preocupação vem devido aos constantes desmoronamentos.



Fonte: Prata (2022)

As principais atividades da comunidade são a pesca, agricultura e algumas famílias que têm criação de gado. No período da cheia as camaroeiras, mulheres que pescam camarão, vão para a cidade de Parintins fazer a venda dos seus produtos. Os pais e filhos vão para os rios pescar, tanto para seu sustento como para comercializar, utilizando suas malhadeiras e tarrafas para suas pescas.

Fotografia 28- Indo para cidade vender produtos



Fonte: Prata (2022)

No mês de novembro a seca estava grande, os meios de transporte fluviais não passavam mais no lago que dava acesso a outra comunidade, então a única possibilidade de chegar até na outra comunidade era andando por caminhos feito nas matas feita pelos comunitários ou a cavalo.

No período descrito anteriormente, um dos professores resolveu morar na outra comunidade, onde ficava a escola núcleo, pois para ele ficaria mais viável o deslocamento,

então tive a oportunidade de ir para a comunidade à noite, usando o meio de transporte (na rabeta) durante a mudança. Era uma noite escura e durante o percurso no igarapé, só percebíamos o som dos peixes pulando para dentro da rabeta, assim como víamos os olhos dos jacarés na beira do igarapé, ouvindo, também, o barulho dos sapos e grilos, só íamos nos guiando pela claridade da lua. Naquela viagem foi uma grande aventura, mas confiei neles, porque eles têm experiência e conhecem o percurso mesmo sendo à noite, só tinha receio da canoa virar, mas a ida e volta deram certo.

Outro meio de transporte que existe no local são os cavalos, e mesmo gostando desses animais eu não sei montar e nem cavalgar, entretanto, em novembro quando retornei à comunidade para continuar a pesquisa, o professor disse que iríamos a cavalo para a escola anexo no dia seguinte.

Fotografia 29- Indo de cavalo até a escola anexo



Fonte: Prata (2022)

No período do mês de janeiro que se estende até junho é um momento de bastante chuvas, considerado como inverno na região, quando há frequentes tempestades com trovões, relâmpagos acontecem as cheias dos rios que às vezes chega alcançar as casas que ficam às margens, de onde algumas famílias se deslocam para outras localidades, mas algumas famílias permanecem no local.

Nesse período as famílias precisam ter um cuidado redobrado, devido à exposição de animais peçonhentos que se refugiam na casa dos moradores, assim como o cuidado com as crianças menores, por causa das proximidades com o rio. Às vezes fica impossibilitado das

famílias se deslocarem, devido à enchente ou por não terem para onde ir e acabam construindo marombas¹² para se deslocarem dentro das suas casas e na comunidade.

Durante o período de enchente, a situação se torna mais desafiadora para a população ribeirinha, especialmente para aqueles que vivem em áreas de várzea. O alagamento da comunidade dificulta a obtenção de renda e alimentação para as famílias. Além disso, o calendário escolar é alterado de acordo com as especificidades geográficas de cada região, seja ela terra firme ou várzea.

Ocorrem deslocamentos das pessoas durante esse período, direcionando-se às casas de parentes localizadas em áreas de terra firme ou para a zona urbana. Com a redução do nível das águas dos rios, os moradores da várzea retornam às suas residências. Durante essa fase, há a necessidade de adaptação dos agricultores locais, ajustando seus cultivos de acordo com os períodos específicos, a fim de evitar possíveis prejuízos. É importante ressaltar que esse

intervalo de tempo é favorável para a agricultura, pois os solos apresentam maior fertilidade, o que traz benefícios significativos para as famílias que dependem da atividade agrícola.

4.6 Realização de atividade artística com os estudantes

Ao término da pesquisa, realizei uma atividade artística com os estudantes de cada turma, seguido uma solicitação dos professores. Elaborei uma atividade artística, onde os estudantes foram incentivados a explorar a interação, criatividade, liderança, autonomia e trabalho em grupo, com o objetivo de representar sua comunidade e escola, e expressar como eles gostariam que estivessem daqui a dois anos. Através dessas atividades, os estudantes puderam exercitar suas habilidades artísticas e compartilhar suas visões e aspirações para o futuro.

A atividade teve início com a participação dos estudantes do 1º e 2º ano, sendo um total de 4 estudantes. Eles realizaram a atividade em grupo, na qual tiveram a oportunidade de expressar, por meio de uma folha de cartolina, como era a sua escola e o entorno dela. Foram disponibilizados materiais como tintas acrílicas, lápis preto, lápis de cor, pincel, cartolina e cola.

Antes de iniciar a atividade, pedi que os estudantes fossem até a frente da escola para observar o ambiente. Disse que poderiam utilizar pequenos objetos ou folhas para representar as árvores, os estudantes ficaram empolgados e começaram a pegar galhos secos e capim.

¹² Maromba: São pontes feitas de tábuas ou troncos, utilizados durante as grandes enchentes na região amazônica, é uma forma das pessoas se defenderem das águas dos grandes rios.

Ao retornarem para a sala de aula, realizaram a atividade de forma livre, trabalhando em equipe. Um dos estudantes desenhou a igreja, outro a escola, e em seguida desenharam as pessoas, as árvores, o sol e o céu. As crianças demonstraram grande criatividade durante a atividade.

Fotografia 30- Atividade artística 1º período, 1º e 2º ano escola núcleo grupo



Fonte: Prata (2022)



Fonte: Prata (2022)

Nas turmas do 3º ao 5º ano, a atividade foi repetida para estimular a criatividade dos estudantes. Como havia um total de 12 estudantes, eles foram divididos em 3 grupos de 4 estudantes cada. Cada grupo teve a oportunidade de expressar sua perspectiva e criatividade ao retratar a escola e a comunidade em que estão inseridos.

Fotografia 32- Atividade artística 1º período, 1º e 2º ano **Fotografia 33-** atividade artística em grupo na escola anexo



Fonte: Prata (2022)



Fonte: Prata (2022)

Na atividade, foram evidenciados diversos talentos expressos nas cartolinas. Mesmo entre os estudantes que não tinham muita afinidade, houve uma oportunidade de interação e socialização. Ao final, os estudantes entregaram seus trabalhos, concluindo a atividade de forma positiva.

Para Read (2001) os desenhos são considerados um modo de comunicação e expressão, onde revela a relações que a criança estabelece com em seu meio. Ou seja, por meio dos desenhos elaborados foi percebido como as crianças e adolescentes veem sua escola e comunidade.

Durante o desenvolvimento das atividades, foi observado que alguns estudantes enfrentavam dificuldades na colaboração em grupo. No entanto, à medida que foram atribuindo tarefas específicas e assumindo responsabilidades, gradualmente começaram a mostrar seus talentos individuais e espírito de liderança, além de expressarem sua criatividade.

Na escola, foi realizado um projeto envolvendo estudantes desde o 1º até o 5º ano. Os grupos foram formados considerando a inclusão de estudantes mais novos, além da mescla entre estudantes dos 3º, 4º e 5º anos. A atividade foi devidamente explicada e, ao final, os estudantes foram convidados a compartilhar na frente da turma as informações sobre o que elaboraram.

Fotografia 34- Atividade artística 3º,4º e 5º ano



Fonte: Prata (2022)

Fotografia 35- Atividade artística entre os grupos



Fonte: Prata (2022)

Nesse mesmo dia, a escola recebeu a visita da equipe técnica da Secretaria da Educação - SEMED. Três professores da SEMED estiveram presentes nas salas de aula, aplicando atividades de avaliação para verificar o rendimento de aprendizagem dos estudantes. Em seguida, foram fornecidas algumas orientações aos professores da escola.

Durante a permanência na turma do 3º ao 5º ano, foi realizado um conjunto de três atividades diferenciadas por um técnico da SEMED com o objetivo de avaliar o nível de

aprendizado dos estudantes. À medida que os estudantes concluíam cada atividade, o técnico fornecia novas tarefas. No encerramento, o técnico realizou uma correção interativa e dinâmica de algumas questões do teste, que foi recebida com entusiasmo pelos estudantes. É importante ressaltar que visitas e formações contínuas são necessárias, uma vez que os professores muitas vezes enfrentam dificuldades para preparar materiais e pesquisar conteúdos específicos, especialmente quando lidam com turmas e níveis diferentes. As orientações fornecidas pelo técnico foram consideradas relevantes e úteis para a prática docente.

A metodologia utilizada pelo técnico da SEMED foi bastante envolvente e divertida, utilizou materiais concretos e uma explicação dinâmica na resolução das questões. Os estudantes tiveram a oportunidade de interagir durante a atividade. Além disso, foi destacado que não se trata apenas de identificar as falhas, mas também de apresentar alternativas e soluções para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Durante a visita técnica, foi apresentada aos estudantes uma abordagem específica para aprender a lidar com gráficos e resolver problemas matemáticos com termos adicionais ou ausentes, foi a primeira vez em que participei de uma visita técnica e a maneira que a equipe conduziu foi diferente e interessante.

Fica evidente que o ensino e a aprendizagem no contexto rural não são impossíveis, mas há diferenças significativas em relação ao ambiente urbano. No campo, o acesso a materiais e formações frequentes é mais limitado e menos acessível. Portanto, ao avaliar o desempenho dos estudantes e dos professores, é crucial considerar esses aspectos e rever as condições prévias necessárias antes de qualquer expectativa ou demanda. É fundamental garantir que sejam fornecidas condições adequadas antes de fazer quaisquer exigências.

4.7 Roda de conversa com pais, professores e líderes de movimentos sociais

É necessário que os sujeitos participem ativamente das discussões e sejam de fato os protagonistas da sua trajetória, ou seja, as ideias e projetos precisam ser pensados coletivamente, estudantes, professores, comunitários, lideranças e instituições de educação precisam estar juntos nessa empreitada (HAGE, 2013).

Com a finalidade de alcançar os objetivos previstos para pesquisa, realizamos uma roda de conversa para conhecer alguns pontos da Educação do Campo na concepção dos pais, professores e líderes de movimentos sociais, buscando conhecer os anseios, as expectativas, os sonhos. Esta atividade foi seguida de questionários: um para os pais e líderes de movimentos sociais e outro para os professores da escola. As questões feitas foram sobre assuntos relacionados à comunidade, às práticas pedagógicas, ao trabalho e à visão sobre Educação do

Campo. Foram elaboradas 7 (sete) perguntas para os pais, responsáveis e líderes de movimentos sociais e 13 (treze) perguntas para os professores. Também foram feitas entrevistas semiestruturadas.

Para concluir a pesquisa na comunidade realizei uma roda de conversa com os pais, responsáveis, professores e líderes de movimentos sociais. Este foi um momento significativo, pois surge o diálogo, partilha de experiência, além de envolvê-los na atividade. Freire (1986, p.67) “para alcançar os objetivos da transformação, o diálogo implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina e objetivos”.

Foi um momento muito bom para troca de conhecimentos e experiências, iniciando com agradecimentos pela acolhida na comunidade, fazendo brevemente uma abordagem da minha trajetória acadêmica e sobre a pesquisa. Foi feita a solicitação para que cada membro pudesse falar um pouco sobre como é sua vida no campo, seus anseios, perspectivas e sonhos para a escola e comunidade, uma vez que Fernandes (2006), enfatiza que é importante quando as demandas do campo são apontadas diretamente pelos envolvidos na problemática. Afinal, o acesso aos direitos públicos é exercido por poucos e de forma insuficiente, especialmente para aqueles que vivem e trabalham no campo, resultando gradualmente na negação dos direitos que foram conquistados.

Fotografia 36- Roda de conversa



Fonte: Castro (2022)

Fotografia 37- dinâmica



Fonte: Prata (2022)

Por meio da roda de conversa esperávamos um maior posicionamento relacionado à comunidade e à escola, mas as falas foram bem sutis, expressaram mais sobre a participação dos filhos nas aulas. Segundo Paulo Freire, a formação é capaz de construir sujeitos críticos, porque a educação não pode deixar de lado a criticidade.

Todos falaram um pouco de si. Foi realizada uma dinâmica, em que os participantes podiam desenhar, escrever uma palavra ou frase que definisse a Educação do Campo. Participaram 5 (cinco) professores, 4 (quatro) pais e 1(um) líder social. Uma vez que são os professores que ajudam e tem iniciativas na comunidade.

Quadro 3- Perfis dos pais, líderes de movimentos sociais participantes da pesquisa

Ident.	Profissão	Ida.	Q. de Filhos	Est. Civil	Escolaridade	Sexo
M	Agricultora	39	3	Amasiada	9º ano Ensino Fundamental	Feminino
N	transportador	27	2	Solteiro	Ensino Fundamental	Masculino
O	cozinheira	43	3	Casada	Ensino Fundamental	Feminino
P	agricultor	44	3	Casado	2º ano Fund	Masculino
Q	agricultora	45	10	Casada	7º Ensino Fundamental	Feminino

Fonte: Pesquisadora (2022)

No **quadro 3**, indicamos que todos os participantes, pais e líder social têm escolaridade até o ensino fundamental. Eles relataram a falta de continuação dos estudos foi devido à pouca oportunidade quando eram mais jovens, pois precisavam ajudar seus pais e também era difícil a existência de escola nas comunidades do campo naquela época. Constituíam suas famílias muito jovens, e podemos observar no quadro que há uma família com bastante filhos, devido à falta de informações, orientações e na maioria das vezes por ser tradição familiar de ter famílias numerosas, onde a maioria dos participantes são mães agricultoras.

Como você é em sua comunidade? Explique.

***M:** Sou um comunitário participativo, eu procuro ajudar a minha comunidade quando posso na parte religiosa nos deveres da comunidade.*

***N:** Eu sou bom com as pessoas, as pessoas são boas comigo. A convivência é ótima.*

***O:** Eu sou uma pessoa feliz na minha comunidade, porque eu nasci vivo hoje e quero ficar para sempre aqui.*

***P:** É uma comunidade de união.*

***Q:** É uma comunidade acolhedora e ajuda quem precisa.*

No ponto de vista dos participantes, percebemos uma relação boa entre os comunitários, buscam ajudar na comunidade e estão dispostos a ajudar uns aos outros. Na fala deles percebemos que estão satisfeitos com o lugar onde moram.

No Art. 12º, inciso VI, da LDBEN nº 9.394/96 ressalta que é necessário a articulação da família e comunidade, ou seja, esse espaço social busca criar uma relação que promova a reflexão, diálogo entre escola e família.

É importante que haja esse fortalecimento entre família e escola para a qual estão comprometidos com a justiça social, pois a educação ainda é um instrumento que pode transformar a realidade.

Sabemos que precisamos respeitar a opinião dos participantes, porém esperávamos que os participantes pudessem expressar ou tivessem colocado alguns pontos que a comunidade precisa melhorar como estrutura, educação, saúde etc.

Na concepção de pesquisadora, quem está de fora da realidade, consegue perceber alguns aspectos que ainda precisam de melhorias. Pois os direitos básicos precisam no mínimo ser efetivados, aguardávamos um olhar mais crítico em relação a algumas perguntas do questionário ou mesmo na roda de conversa.

Durante a roda de conversa e questionário, buscamos não intervir nas respostas, mas percebemos nas falas por parte dos pais e responsáveis que há uma perspectiva reprimida que precisa ser mais ousada, com exceção de um pai que é líder social.

Como você vê a escola? A escola corresponde a expectativa da família? Comente.

M: Que meus filhos procurem estudar mais, que eles não desistam nunca do seu estudo que procurem se esforçar mais.

N: No meu ponto de vista eu vejo a escola um local de aprendizagem, muito bom com as pessoas, bons professores, ótimos alunos, é isso, a escola e comunidade é uma só família unida.

O: Sim, a escola é uma esperança para nossos filhos, como eles podem se desempenhar na vida escolar; como na família trazendo uma expectativa de diálogo e desenvolvimento a cada um de nós.

P: Ser unida escola e família

Q: Vejo a escola como parte da família que incentiva a educação, o convívio com as pessoas, e ajuda a resolver os problemas familiares, a responsabilidade é grande para com os nossos filhos.

Nessa questão os pais falam sobre a importância da escola para a educação e formação dos seus filhos, ou seja, a escola é vista como um ambiente essencial para que os estudantes se desenvolvam intelectualmente e ajude seus pais e a comunidade, espera-se bastante da educação e principalmente dos conhecimentos que são ensinados e aprendidos nesse espaço educativo. Mas precisamos conscientizar os sujeitos do campo para que se organizem de forma coletiva para ir contra o trabalho precário, desemprego, ausência de materiais que advém da luta social. O papel da escola vai além do processo de ensino e aprendizagem de conteúdos e conhecimentos científicos. Porque a Educação ajuda na formação cidadã capaz de transformar o que os cerca, por meio do desenvolvimento do ser humano. Além de desenvolver o pensamento crítico, aprende a se posicionar socialmente e politicamente, desenvolvendo suas percepções e habilidades.

As escolas do campo oferecem um ambiente mínimo, na qual prejudica o desenvolvimento de aprendizagem dos estudantes “formação de professores inadequados, presença de professor leigo em sala de aula, material didático incompatível, e instalações físicas que em sua maioria precárias” (LEINEKER; ABREU, 2012, p. 10)

Contudo, estamos vivenciando um período de desmonte de direitos que foram conquistados por meio de lutas, direitos estes, ora negados, negligenciados. Mesmo que o direito da educação tenha chegado ao campo por meio de lutas, é preciso continuar lutando, pois, o mesmo chegou de forma precária e esperamos que o mesmo seja superado pelo governo atual (FONEC, 2015).

O que você acrescentaria nas práticas dos professores? Comente.

M: Que eles possam ser professores mais atenciosos com os alunos e que eles se esforcem muito na aprendizagem deles.

N: Na prática, eu a crestaria mais brincadeira com os alunos, mas desempenho com as crianças, mais atenção.

O: Formação adequada para ajudar mais os professores

P: Ser mais e mais incentivadores

Q: Um pouco de psicologia

Na resposta dos pais, percebemos que eles esperam sempre algo mais do professor, pois nas comunidades os mesmos são tidos como aqueles que tem muitos conhecimentos, e às vezes são chamados de “doutores”. Outros pais ressaltam sobre investir na formação para os professores, pois na roda de conversa os professores falaram sobre os desafios que enfrentam no dia a dia, seja na parte de ensinar porque exige apoio da família para que os filhos sejam assíduos nas aulas, além dos fenômenos naturais, seja da cheia, vazante e seca.

Nas escolas do campo não há uma equipe pedagógica multidisciplinar que existem em algumas escolas da cidade, então o gestor (a), acaba sendo às vezes o secretário, vigia, serviço gerais, auxiliando um pouco em cada setor, assim também os professores atuam como o psicólogo dos estudantes ou assumindo o papel dos pais algumas vezes, pois é necessário. Por isso é preciso que haja de fato essa parceria como foi mencionada entre escola, família e comunidade.

As práticas pedagógicas em escolas do campo multisseriadas devem aliar-se às estratégias de ensino com outros espaços de aprendizagem que fazem parte da vida dos atores sociais envolvidos em um exercício contínuo de pesquisa, de reflexão e de construção de conhecimentos (COSTA, 2019, p. 42).

Buscando relacionar os conteúdos com os contextos dos estudantes, se torna significativo, pois os conteúdos são trabalhados de forma interdisciplinar para a compreensão

dos estudantes para reconhecer-se no território em que se encontram situados, assim como refletir sobre os espaços e saberes construídos.

Por isso os professores e estudantes precisam dialogar e ter uma formação crítica de modo que possam exercitar novas percepções sobre o mundo, por isso o professor precisa conhecer os recursos expressivos para conquistar e criar um ambiente favorável para a curiosidade e recursos indispensáveis para aprendizagem.

Na sua opinião os conteúdos ministrados na escola valorizam o trabalho realizado pelas famílias para atender às necessidades ou sustento das mesmas? Comente

M: Sim

N: Sim, valorizam muito o trabalho pelas famílias principalmente das crianças com os conteúdos que passado nas escolas.

O: Sim, valoriza como na escola e na família, sem escola não existe família e sem família não existe escola

P: Valorizar mais os nossos professores Q: Sim

As respostas ainda são um pouco vagas, em relação a algumas questões, pois a conscientização no campo ainda não foi trabalhada com os comunitários. Mas todos concordaram que os conteúdos da sala são valorizados e articulados com o dia a dia dos estudantes.

Por outro lado, é importante envolver instituições, universidades, pais, estudantes e líderes para pensar a Educação do Campo, e assim fortalecer a luta por meio de diálogos, fóruns e movimentos sociais para unificar as forças e assumir um compromisso ético, político e moral com a sociedade.

O que você deseja para o futuro do seu filho (a)? Comente

M: O futuro dos meus filhos com que estudam muito para poder formar, eles poderem trabalhar para ganharem o dinheiro deles.

N: Ótimo futuro para meus filhos, não só para os meus, mas para todas as crianças da comunidade

O: Para o futuro dos meus filhos quero que eles sejam umas pessoas de muito caráter e sejam uma pessoa de formação

P: Uma formação de qualidade

Q: Desejo que eles sejam felizes, tenham sucesso, paz, amor, respeito e principalmente honestidade

Os pais desejam o melhor para seus filhos, como ter uma formação acadêmica, principalmente ter uma profissão, serem independentes, pessoas de caráter e que possam ter uma vida estável.

Na roda de conversa percebemos que os próprios pais não valorizam o seu trabalho no campo, seja na pesca ou agricultura, pois a maioria sempre mencionava que não queriam que

seus filhos seguissem o mesmo caminho que eles tiveram. Ou seja, nas falas deles infelizmente estão se inferiorizando, não se achando dignos de ter uma vida de qualidade por não terem estudado.

Entretanto, percebemos o quanto participar de movimentos sociais é necessário, pois nos faz ter um olhar crítico da realidade, por isso é preciso romper com esse pensamento, pois se a maioria dos pais não se reconhecem como pessoas de direitos, não veem seu trabalho de pescador ou agricultor digno.

É algo que precisa ser repensado e trabalhado. “Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 2004, p. 36).

Infelizmente a sociedade acaba criando uma identidade para o homem do campo, na qual não valoriza sua realidade, suas histórias, hábitos, costumes e raízes. Uma vez que é importante manter as tradições que são passadas de geração para geração. Sendo que a produção de alimentos depende desse povo que trabalha, mora e vive no campo.

A identidade é construída no convívio com outras pessoas, familiares, amigos, pessoas próximas, ou seja, é construída no decorrer da vida, independente de lugar, classe social e etc.

As pessoas do campo ainda são vistas pela sociedade como atrasadas, porém não é bem assim, pois o homem do campo está globalizado, pois aprimora cada vez mais suas técnicas de agricultura e que mesmo diante da modernidade ainda mantém a relação de solidariedade e prefere uma vida calma e simples. Porém é necessário haver investimento e incentivo para que essas famílias possam permanecer e trabalhar dignamente.

O que você entende por trabalho? Qual trabalho você desenvolve para o sustento da sua família? Comente.

*M: O meu trabalho é na agricultura e faço balcão e vende cheiro verde e outras coisas
N: Meu trabalho que eu desenvolvo para meu sustento é de transportador das crianças.*

O: O sustento na minha família é manter firme e solidário na fé com o trabalho que conquistamos no dia a dia P: Em agricultura para o sustento

Q: Trabalho é tudo o que fizemos no nosso dia a dia. Tenho plantação de cheiro verde, macaxeira e Hortaliças

A maior parte dos pais são agricultores, pescadores ou trabalham como servidor público do Município como: merendeiro, vigia, transportador e outros. E que valorizam bastante o que fazem e dão valor ao trabalho.

Através do trabalho o ser humano se relaciona com a natureza, compartilha saberes e conhecimentos, pois aprende a dividir o momento do trabalho que é uma característica da

Amazônia, relacionando ao trabalho coletivo como a agricultura familiar (MOURÃO, 2014). A floresta, a água e a terra participam de forma decisiva, porque todos desempenham função no meio que os cerca. Onde todos se envolvem, em especial os filhos que crescem compreendendo que precisam ajudar aos pais e ainda aprendem que precisam retirar da natureza o essencial, preservando o meio ambiente e buscando ter melhor qualidade de vida (WITKOSKI, 2010).

Ou seja, o trabalho no campo é muito importante, uma vez que se luta pelo protagonismo dos sujeitos do campo, assim como a resistência dos movimentos sociais, onde não desrespeitem qualquer forma da classe trabalhadora.

Quais são os anseios e perspectivas para sua comunidade? Comente.

M: Em ajudar a comunidade

N: Perspectivas que nossa comunidade evolua mais que seja mais conhecida pelas pessoas das outras comunidades.

O: Para minha comunidade viver em harmonia e paz entre escola e comunidade

P: Unir mais a minha comunidade

Q: A perspectiva para minha comunidade e que os nossos agricultores sejam olhados pelas autoridades técnicas.

As perspectivas dos comunitários, pais e líderes sociais para sua comunidade são as melhores, pois desejam que eles, sujeitos que vivem moram, trabalham no campo, agricultores possam ser valorizados de fato, assim como reconhecidos. Portanto, essa auto estima precisa partir inicialmente deles. Os sujeitos da comunidade não podem esperar somente pela iniciativa do poder público para sentir-se valorizados, por isso é necessário organizar-se, buscar conhecer e se envolver em movimentos sociais do campo para compreender que são sujeitos de direitos e assim conseguir melhorias para a sua comunidade.

No quadro 4 trazemos alguns dados sobre o perfil dos participantes da pesquisa, nesse caso os professores que atuam na escola núcleo e anexo na comunidade pesquisada.

Quadro 4: Perfis dos professores participantes na pesquisa

Função	Ident.	Ida.	F./ M	T. de trab.	Formação	Espec.	Est. civil	Efetivo/ contratado
Professora	R	26	F	1	Pedagogia	Sim	Solteira	Contratada 20h
Professora	S	44	F	17	Normal superior	Sim	Casada	40h efetiva
Professor	T	33	M	12	Letras	Sim	Solteiro	Contratado 40h
Professor	U	27	M	5	Matemática	Sim	Solteiro	40h contratado

Professora	V	40	F	6	Geografia	Não	Casada	Contratado 20h
------------	---	----	---	---	-----------	-----	--------	-------------------

Fonte: Pesquisadora (2022)

Como podemos observar no quadro acima, a maioria dos professores são do sexo feminino, somente um deles tem formação em pedagogia, a maioria tem alguma especialização, dois professores são novatos ainda na área, a maioria está na condição de contratados e somente um deles é professor efetivo, ou seja, isso é muito ruim para o ensino e aprendizagem dos estudantes, pois às vezes tem a rotatividade de ser transferidos a qualquer momento para outra escola. Além da preocupação se vai ser renovado o contrato no início do ano letivo ou não perdura entre os professores.

É preciso continuar a luta pela realização de concursos públicos, pois não podemos esquecer que vivemos em uma sociedade marcada por um mercado competitivo e os recémformados acabam enfrentando dificuldades em conseguir o seu primeiro emprego. Em Parintins, a maioria dos professores que trabalham nas escolas da zona rural são contratados, não é diferente na área urbana (SILVA, 2017).

Para se atuar na educação básica é necessário ter uma licenciatura, ter primeiramente a formação para se trabalhar na área, especialmente ter a formação em pedagogia para se trabalhar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental como está instituído na LDBEN/96 e nas Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia (DCNs). Conforme art. 62º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN, Lei nº 9.394/96.

(...) a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Na vida de muitas pessoas a licenciatura é vista como um curso fácil, que é feita como última opção, levando à desvalorização da profissão na maioria das vezes. Ou seja, os cursos considerados da elite são os mais procurados e são vistos como um curso melhor que exige mais no desempenho acadêmico. Porém sabe-se que não é assim, pois cada área tem suas especificidades e exigência, não há um curso melhor que outro, pois vai depender principalmente do estudante que está se capacitando em aperfeiçoar sua prática no decorrer da sua carreira e levar sua formação com responsabilidade e compromisso.

Reafirma Libâneo (2007, p. 93), “(...) a desvalorização econômica e social do magistério, além de comprometer o status social da profissão, também retira o status acadêmico dos campos de conhecimentos que lhe correspondem, tornando o ensino uma linha de pesquisa

menos nobre.” E na maioria das vezes essa desvalorização reflete principalmente na educação. Segundo as diretrizes curriculares à docência no artigo 2º,

no curso de Pedagogia se aplicam à formação inicial para o exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, nos cursos de ensino médio, na modalidade Normal, e em cursos de educação profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Ou seja, é a base da formação do sujeito e pode atuar em diversas áreas como pedagogo, coordenador pedagógico ou gestor escolar entre outras áreas, pois o curso é amplo.

Trata-se, portanto, de uma discussão pertinente, pois pensando na Educação do Campo, precisamos compreender que esta necessita de políticas públicas, com professores valorizados, salário, formação e carreira. A seguir iremos apresentar o questionário realizado aos professores.

O que você entende por Educação do Campo? Justifique

R: A educação nos dá a possibilidade de trabalhar a educação científica e a prática com as crianças ex: como plantar, cultivar etc.

S: Forma de relacionar o dia a dia do aluno com o mundo onde mesmo está inserido

T: O ato de exercer as atividades nas escolas rurais

U: A educação do campo é diferenciada, principalmente área de várzea, devido aos desafios climáticos

V: Uma educação que muitas das vezes é dificultosa, mas se for administrada com segurança, amor e responsabilidade, se torna uma educação prazerosa.

Quando falamos sobre Educação do Campo, logo nos remete a uma educação diferenciada como foi mencionada, pelo menos que se deseja especialmente na área de várzea e terra firme. Buscando relacionar a educação científica com a prática por meio da realidade do estudante, como valorizar as origens da sua região como plantar, pescar, cultivar etc.

A Educação do Campo faz uma discussão e um resgate histórico necessário de compreender e discutir. Segundo Weisheimer (2005), as escolas não estão conseguindo atingir suas finalidades por meio da educação nas comunidades do campo, uma vez que a educação na maioria das vezes parece distanciada do trabalho do dia a dia do campo, o que acaba introduzindo somente estilos de vida urbanos na cultura local.

Você participou ou participa de formação específica para a Educação do Campo? Comente.

R: Trabalho em uma escola no campo, mas não participei de nenhuma formação específica S: Não

T: Sim. Sempre que inicia o ano letivo faz-se uma qualificação voltada ao ensino e a realidade do campo.

U: Sim, porém de forma escassa visto que precisamos de mais capacitação direcionada a área.

V: Não

Entre a resposta de cinco professores percebemos o não conhecimento por parte de alguns sobre o movimento social que há no município de Parintins que é sobre a Educação do Campo, conhecido como “FOPINECAF”.

Um professor disse que já participou de formação sobre a Educação do Campo, porém ainda percebe a dificuldade de ter uma capacitação de fato para os professores que trabalham no campo, a distância geográfica é um dos grandes empecilhos etc.

A esse respeito, concordamos com Oliveira (2010), quando afirma que o governo precisa investir na formação de professores e reconheça que a educação é o elemento chave da transformação da sociedade e reformas dos sistemas educacionais. E para isso são necessárias alternativas para os professores que moram em lugares de difícil acesso e amenizar suas dificuldades formativas

Outros têm noção, mas ainda não participaram de uma formação específica do campo, uma vez que é preciso devido à realização das atividades que precisam estar voltadas para a realidade dos estudantes.

Com relação a sua experiência na Educação do Campo, como você avalia: pontos positivos e pontos desafiadores.

R: Como foi citado antes nos possibilita a vivência em meio a natureza podemos passar uma aula de geografia teórica e mostrar na prática para as crianças

S: Pontos positivos: contribui com o ensino aprendizagem dos alunos, pontos desafiadores: locomoção até a escola, materiais pedagógicos

T: Positivos: natureza, ar puro, fartura de comida, frutos, pessoas agradáveis, trabalho em sala de aula tranquila, colegas de trabalho amigáveis. Desafios: chuvas intensas, lamas, sol, distanciamento, localidades, falta de materiais didáticos.

U: Pontos positivos: são vários a prática pedagógica, a relação professor, aluno e comunidade entre outras. Desafios: são muitos, mas tudo é válido quando se trata de educação.

V: Pontos positivos: educar e aprender com crianças que vivem em lugares diferentes. Pontos desafiadores: distância da família e adaptação

Os pontos positivos é que as pessoas na sua maioria se identificam com a comunidade, no contato com a natureza, boa relação com os comunitários, além da sala ser tranquila, a locomoção até a escola, os materiais pedagógicos, o distanciamento, isso influencia na vivência ou no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Para que haja um bom rendimento os professores precisam inicialmente estar bem, esses profissionais precisam ser valorizados.

Como se vê, as falas revelam que há professores contribuindo para melhorar o ensino, mas, por outro lado, revelam que é preciso fortalecer a categoria dos professores que precisam ser valorizados. Os professores precisam contar com um conjunto de ações articuladas que os auxilie no trabalho que realizam:

Um conjunto de ações articuladas que assegurem a melhoria do ensino nas redes existentes, bem como, a formação dos professores, produção de material didático

específico, acesso e recuperação da infraestrutura e qualidade na educação no campo em todas as etapas e modalidades (BRASIL, 2012, p. 04).

É importante esclarecermos que não há somente aspectos negativos em relação ao ensino do campo, pois há professores trabalhando e ensinando mesmo em condições precárias do campo que se identificam e buscam superar os desafios, o que nos leva a refletir o quanto é importante a existência de projetos, uma base teórica sólida no processo formativo como condição para que o ensino se torne mais favorável.

Com relação ao seu trabalho pedagógico, a escola disponibiliza acompanhamento pedagógico para auxiliar no desenvolvimento das atividades? Comente.

R: Sim, às vezes

S: Sim, livros didáticos, wi-fi, entre outros

T: Às vezes, pois quando não há mesmo, resolvemos as dificuldades por aqui. U: Sim, recorre-se aos técnicos pedagógicos existentes nas SEMED. Sempre nos apoiam e com a melhoria da comunicação ficou mais fácil.

V: Não. A escola não possui este profissional para auxiliar professores e alunos nas dificuldades

Um dos desafios no campo é em relação aos materiais pedagógicos, o acompanhamento de perto nas escolas do campo, mas por outro lado os professores buscam sempre alternativas para suprir essa necessidade e ensinar o que está ao seu alcance.

De modo geral, passados anos a luta pela Educação do Campo continua desvalorizada, ou seja, o poder público não tem uma preocupação com a educação e nem questões do campo. Vasconcelos (2010, p. 65), revela que o contexto escolar ribeirinho está “imerso em situações de precariedade, no que tange às práticas pedagógicas, formação docente, salários precários e abandono no campo das políticas públicas de ensino”, que precisa ser revertido.

Com relação aos materiais pedagógicos, os mesmos são suficientes para o desenvolvimento das atividades escolares? Comente.

R: Materiais não são suficientes, temos que comprar uma boa parte

S: Em partes facilita, pois nem todos os alunos compreendem o que está tentando ser repassado fazendo com que o professor busque outros meios de ensino.

T: Não. Primeiro não é pedido dos pais no início os materiais necessários para usarmos em sala de aula e a escola nem sempre dispõe de materiais

U: Não, visto que precisamos de materiais mais atuais como internet, computador, uma energia elétrica de qualidade e salas de aula padronizadas. V: Sim

De fato, para ajudar no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes em especial dos que têm dificuldades, a professora nos fala que tira do seu salário para comprar materiais pedagógicos e confeccionar jogos para ajudar as crianças, pois não é solicitado dos pais os materiais, devido compreenderem as condições de algumas famílias, onde tem vários filhos

estudando e ficaria complicado comprar materiais escolares básicos como caderno, caneta, cola lápis, borracha para cada filho se fosse solicitado.

Outro professor menciona sobre a questão, não somente de materiais pedagógicos, mas fala também, sobre a estrutura física da escola, assim como equipamentos tecnológicos, energia elétrica e especialmente uma sala de aula adequada.

Nos fale de suas práticas pedagógicas. Como você planeja e desenvolve suas atividades? Comente.

R: Faço sempre meus planejamentos sempre em um dia antes. Todos os planos são de acordo com BNCC

S: Através de pesquisas em sites e livros buscando relacionar o conteúdo com o dia a dia dos alunos

T: Planejamento é bimestral, mas as atividades e os desenvolvimento das aulas são feitas diariamente e sequência didática

U: O planejamento varia por semana ou quinzenal dependendo da aprendizagem do dia a dia, as atividades sempre desenvolvidas em grupo facilitam a aprendizagem. V: Planejamento, semanalmente, de acordo com as dificuldades de cada aluno.

Em relação ao planejamento percebemos o empenho de cada professor durante as aulas, ou seja, buscam trabalhar bimestralmente como está no calendário, porém os conteúdos podem ser alterados conforme a dificuldades apresentadas nas aulas ou não, às vezes varia para semanal, quinzenal ou até mesmo em um dia quando o professor percebe que é necessário acrescentar, revisar e avaliar a prática.

Hage (2013), destaca que a formação docente está fragilizada, devido a dissociação na maioria das vezes entre teoria e prática nas aulas, ou sem uma preparação e formação adequada. Uma vez que esta questão prejudica a qualidade de ensino aprendizagem de muitas crianças, jovens e adultos. Sendo que os professores precisam constantemente se reconstruir, produzir e inovar as práticas pedagógicas docentes.

Assim como o plano é desenvolvido pelos colegas professores, baseado na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, orientado pela equipe técnica de educação, por meio da fala dos professores busca-se trabalhar a realidade do estudante para facilitar nesse desenvolvimento. A partir dessa compreensão, destacamos o quanto é necessário a escuta em relação aos professores das escolas, assim como dos comunitários para repensar sobre alguns aspectos em relação ao ensino etc.

Durante o desenvolvimento das suas atividades, como você trabalha em relação ao cotidiano de vida dos estudantes do campo? Comente.

R: Primeiramente faço uma roda de conversa onde todos podem falar um pouco de suas vivências e então procuro encaixar no nosso estudo

S: Mostrando para eles que a teoria e a prática estão entrelaçados, sendo que a maioria das vezes muitas coisas que eles não conseguem aprender na teoria eles desenvolvem na prática

T: Nas atividades de sala de aula, são respeitadas a realidade das comunidades dos alunos, assim como os seus valores, costumes e sua cultura

U: Levamos em consideração o modo de vida, as relações familiares e a cultura local

V: Sempre tentando facilitar as atividades, assim fazendo com que os mesmos desenvolvam assuntos que são do seu interesse.

Podemos observar que mesmo não participando diretamente de uma formação específica do campo ou participando do Movimento social, os professores compreendem que é necessário levar em conta a vivência dos estudantes, respeitando suas peculiaridades, isso é de suma importância, pois os estudantes e pais sentem-se valorizados.

Uma vez que é por meio do trabalho que os pais realizam que provém o sustento das famílias, por outro lado faz com que os estudantes tenham maior compreensão dos conteúdos relacionando com o dia a dia deles, assim como desmistificando os conceitos diversos que lhe são atribuídos.

Segundo a fala de uma professora o ensinar exige respeito aos saberes dos estudantes, assim, as disciplinas ministradas em sala de aula não podem ser desconectadas da sua realidade, o professor precisa conhecer o contexto dos estudantes, para que as disciplinas consigam dialogar com as necessidades e desejos deles, por isso, as experiências que os estudantes vivenciam no seu dia a dia devem ser refletidas na escola, ou seja, “os saberes dos estudantes devem se conectar aos saberes da disciplina”. Ou seja, a partir do momento que eles compreendem quem são e de onde estão, eles começam a ter um outro ponto de vista, senso crítico e acabam envolvendo-se na causa.

Paulo Freire (1987), questiona porque não incorporar a experiência que os estudantes tem, do lugar onde moram, esquecida na maioria das vezes pelos poderes públicos para discutir nas aulas, assuntos relacionados com a poluição dos rios, lagos e igarapés, questionar sobre os índices das comunidades que vivem em torno das áreas degradadas, porque não usar a disciplina para analisar, compreender os malefícios que a degradação urbana e ambiental trazem para a comunidade que muitas vezes fazem parte da paisagem cotidiana onde vivem.

O que você entende por trabalho? Comente.

R: Trabalho é tudo o que fazemos para buscar o sustento da nossa família S: É uma forma de demonstrar nosso conhecimento independentemente da área que estamos atuando

T: Trabalho é todo tipo de atividade que se precisa realizar sendo para obter dinheiro ou não.

U: É tudo que fazemos com qualidade e respeito. Com o objetivo de garantir o sustento pessoal

V: Trabalho vai muito além de um salário no do mês, por isso tem que ter amor no que fazemos.

A definição de trabalho para os professores é uma atividade, na qual realizamos e devemos receber por ele, porém sabemos que nem sempre é assim. É por meio de determinada atividade que garantimos o nosso sustento e precisamos dá o nosso melhor.

Freire (2007, p.9) diz que “o processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a paixão de conhecer, que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil”. A busca por conhecimentos nos faz perfazer novos caminhos, galgar novos percursos e a nos desafiar constantemente. Para outros é colocar em prática o que sabemos, principalmente é preciso gostar do que faz para que seja feito com dedicação e não por obrigação.

Para você o trabalho é algo necessário para o ser humano? Por que?

R: Com certeza

S: Sim, pois nos facilita aprimorar nossos conhecimentos

T: Sim, porque através do trabalho o ser humano pode manter-se ocupado e no seu sustento.

U: Com certeza. Se queremos algo na vida precisamos correr atrás e só temos um feito de conquistar; trabalhando

V: Sim, pois através do nosso trabalho vamos adquirindo novas experiencias e vivencias

Mesmo em poucas palavras, os professores afirmam que o trabalho é necessário, especialmente para os adolescentes que vivem e moram no campo, pois crescem vendo os pais e responsáveis trabalhando e eles os ajudam na maioria das vezes, vão conhecendo a importância do trabalho na vida do ser humano, aos poucos aprendem que é por meio do trabalho que irão conquistar suas coisas, principalmente por meio das experiências adquiridas no decorrer do tempo. E que a vida não é fácil, tem seus desafios e que precisam ser superados com muito esforço.

O pais ensinam os seus saberes e motivam os filhos ao trabalho? Comente

R: Alguns sim outros nem tanto

S: Sim, pois os mesmos precisam buscar melhorias de vida

T: Sim, a criança do campo já crescem sabendo que precisa trabalhar para ajudar sua família

U: Sim, muitos são pescadores, agricultores e agropecuários, e seus filhos aprendem o aprendizado de casa, a aperfeiçoam na escola junto com os professores. V: A maioria sim

A maioria dos pais incentivam seus filhos, principalmente nos estudos, pois querem que eles tenham uma boa formação e trabalho. E os pais esperam bastante da escola, pois a educação transforma a realidade, ajuda na formação crítica por meio das experiências vividas. Através da Educação do Campo busca-se articular os conhecimentos tradicionais e científicos, onde

nenhum saber se sobrepõe ao outro. É preciso acreditar nos potenciais dos estudantes das escolas do campo, na qual pode contribuir e ajudar no desenvolvimento da sua comunidade.

Você consegue perceber como os estudantes veem o campo? Comente.

R: Sim, alguns não querem sair do campo

S: Na maioria das vezes os mesmos vêm como seu verdadeiro lar, pois para eles se torna algo repentino

T: Alguns, as crianças gostam de onde moram, da escola, da realidade, outros nem tanto.

U: Como seu lar, o lugar de onde vivem e gostam de estar

V: Como um lar para eles, onde os trabalhos são sempre os mesmos

Na visão dos professores, os estudantes gostam do lugar onde vivem, porém no decorrer da idade o jovem vai crescendo e tendo outras perspectivas de vida, como realizar um curso para se capacitar, fazer uma faculdade ou ter uma boa profissão.

Precisamos compreender a liberdade de escolhas, nem todos pretendem permanecer no campo, mas independente das escolhas, o campo é um território que precisa de investimento e políticas públicas. Apple (2011, p. 71) destaca que,

A educação está intimamente ligada à política da cultura. O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, na visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam o povo.

Ter uma vida estável é o sonho de muitas pessoas, mas para isso precisamos nos deslocar na maioria das vezes do lugar onde moramos para outro em busca de melhorar as nossas vidas, por outro lado quando o jovem do campo faz essa opção, se desafia em ir para a cidade os pais ficam preocupados, algo que é natural. Isso mostra que estão crescendo e querem ser independentes. Mas os pais se preocupam em relação aos assaltos, violência, drogas, más companhias etc.

Segundo Arroyo (2004), um dos problemas ainda é deslocar-se do seu lugar de origem, costumes e culturas para outros lugares em busca de condições melhores e novos conhecimentos, essa é uma das insatisfações das pessoas do campo, pois como seria importante ter políticas públicas que garantissem sua permanência nos campos, se assim preferissem sem precisar ir para outro lugar.

Na sua concepção, os estudantes pretendem continuar no campo? Comente.

R: Sim, alguns não querem sair do campo

S: Não, querem alcançar seus objetivos através dos estudos

T: Alguns sim, a maior parte da sua vida foi na escola, ou nas atividades do campo
U: Alguns sim, outros querem estudar e voltar para o campo almejando melhoria do mesmo
V: A maioria pretende mudar de vida, sempre falam em morar na cidade

As respostas variam, pois assim como tem jovens que querem ir para a cidade em busca de qualificação e melhoria de vida, principalmente por meio dos estudos. Outros querem permanecer e dar continuidade aos trabalhos dos pais. Alguns vão, porém um dia pretendem retornar e ajudar sua comunidade.

Isso é importante, pois a partir do momento em que o estudante se compreende e percebe que é necessário transformar o que os cerca, por meio do conhecimento, principalmente da sua iniciativa e não se conforma com sua realidade, isso mostra que uma semente foi lançada.

O professor enfatiza a importância que a escola tem na vida dos estudantes, que não é uma tarefa fácil, pois não é apenas ensinar os conteúdos, mas ensinar a pensar, e como diz Paulo Freire “pensar certo”. Ou seja, é impossível se tornar um professor crítico utilizando um método mecânico meramente memorizador, apenas repetir conteúdos invés de desafiar os estudantes.

Logo é necessário envolver os jovens nos movimentos sociais e inseri-los nesse processo de transformação social, pois essa participação precisa existir, além da participação das escolas. Uma vez que é algo tão desejado pelos movimentos sociais do campo.

Quais as perspectivas dos estudantes?

R: Estudar e ter outras profissões fora a agricultura
S: Melhoria de vida
T: Alguns pretendem ser alguém com profissão, estudados, formados.
U: Vencer na vida através dos estudos para ajudar os pais a conquistar uma vida melhor para todos.
V: Um aprendizado significativo e uma mudança positiva em suas vidas.

Um ponto positivo é que a maioria dos jovens têm sonhos e com esforço e dedicação eles conseguirão alcançar, pois buscam dar uma vida digna para seus pais. Uma vez que a maioria reconhece o esforço que os pais fazem para sustentá-los e mantê-los na escola. Como acordar cedo, fazer café, ir para a roçada, fazer comida e deixá-los dedicar-se aos estudos etc.

Por meio da fala de um professor, o ato de ensinar não se encerra no ensino superficial dos conteúdos, mas é realizado quando cria as condições para aprendizagem crítica. Saudoso Freire (1987) ressalta que essas condições exigem a presença de professores e estudantes curiosos, inquietos, instigadores, criadores, humildes e persistentes. Fala também que o aprendizado crítico dos estudantes deve vivenciar essa experiência de construir e reconstruir o saber ao lado do professor.

As pessoas do campo precisam ter uma educação de qualidade e serem alfabetizadas com dignidade, respeito e atenção para que elas se reconheçam como protagonistas das suas histórias, que possam lutar pelo desenvolvimento da comunidade. Mulheres e homens são seres históricos, sociais e culturais que se encontram em constante exercício e são capazes de apreender, comparar, escolher, decidir, aceitar e de recusar.

Nesse sentido, a transformação da realidade é uma condição indispensável para educação, onde jamais pode estar dissociada da ética “e é por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.” Assim, podemos compreender o sentido amplo da humanidade, se reinventando por meio das descobertas.

Por meio da pesquisa compreendemos que as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo são realizados nas escolas pesquisadas, inicialmente tínhamos como objetivo pesquisar a escola Washigton Luíz, mas chegando na comunidade, soubemos que havia a escola núcleo e anexo Santa Rita, nesse sentido sentimos a necessidade de pesquisar as duas escolas para refletir e debater a proposta.

O aprendizado entre professor e estudantes do campo acontece, pois ambos aprendem juntos. Onde o conhecimento se constrói e reconstrói continuamente por meio de experiências e vivências da realidade, e por meio dessa relação é relevante desenvolver habilidades e competências dos estudantes para que possam se reconhecer como sujeitos de direitos, autonomia e pensamento crítico para lutar pela melhoria da sua escola e comunidade.

No decorrer da pesquisa conhecemos um pouco sobre a trajetória da Educação do Campo no Brasil, assim como a conquista da educação no município de Parintins que é suma importância para nossa região, porém precisa chegar às comunidades e aos sujeitos que são desconhecedores desse movimento social.

Acreditamos que a partir do momento que as pessoas que moram, vivem e trabalham nas comunidades terem informações e conhecimentos sobre o verdadeiro significado da Educação do Campo e seus objetivos, talvez se motivem e possam se organizar coletivamente e lutar pelos direitos que todos temos como está prescrita na Constituição.

Em relação aos desafios observados em incorporar o trabalho como princípio educativo em suas práticas pedagógicas, ocorre devido à falta de políticas públicas no campo em todos os aspectos na qual foi mencionado no decorrer da pesquisa: estrutura física, formação de professores, transporte escolar, condições precárias, entre outros.

Portanto, por outro lado os professores do campo fazem jus à sua ética profissional na área de educação que lhes foram dados, a maioria de fato tem compromisso de ensinar e educar.

Mesmo com os desafios do campo, eles buscam superar, são verdadeiros exemplos a serem seguidos, pois não é fácil atuar nas comunidades do campo. Mas precisam ser valorizados e respeitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa sobre a temática possibilitou possíveis contribuições para os povos do campo e para profissionais que pesquisam esta área, uma vez que a luta por uma Educação do Campo digna e de qualidade continua em evidência, onde que nos depreendemos de pré-conceitos estabelecidos e nos propusemos a pesquisar em lócus. Contudo, pesquisar o campo não é uma tarefa fácil, pois envolve todo um contexto, como deslocamento, alojamento, alimentação e outros fatores.

Quando falamos de Educação do Campo estamos falando dos trabalhadores do campo, como os camponeses, entre eles os quilombolas, os indígenas, ribeirinhos e outros sujeitos que são vinculados à vida e ao trabalho do campo.

Nesse contexto os professores têm uma grande responsabilidade e precisam ajudar os estudantes a construírem o senso crítico, assim como devem contribuir com sua comunidade e lutar pela causa, pois eles precisam ter a convicção que mudar é possível. Por isso, o papel dos professores é fundamental nessa discussão, principalmente quando os direitos básicos e políticas públicas estão envolvidos.

Quando os debates são promovidos em escolas, universidades, comunidades e outros espaços que promovem as reflexões sobre a Educação do Campo, fica evidente que se precisa de uma pedagogia diferenciada que pode ser oferecida pelos professores que saibam ensinar no campo, por isso é importante que haja uma formação específica voltada para os mesmos atuarem no campo, conheçam e trabalhem a partir dela.

A Educação do campo é uma discussão bastante significativa na sociedade e se torna ainda mais interessante a partir do momento que os principais protagonistas são os sujeitos do campo, como os agricultores, ribeirinhos, índios, quilombolas, extrativistas, indígenas, sindicais, estudantes, professores, universitários e associações entre outros que se consideram dessa realidade.

Para tanto, as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio da Educação do Campo de forma articulada podem contribuir no processo de ensino aprendizagem dos estudantes, o qual evidencia as práticas, valorizam a identidade do cotidiano e sociocultural dos sujeitos do campo.

Se formos observar as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio da educação, ambos influenciam nas concepções socioculturais, filosóficas e políticas que norteiam a vida no tipo de sociedade que se quer ajudar a construir.

Diante disso, percebemos o quanto é necessário pensar as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio da Educação do Campo que busque articular os saberes locais e científicos que contribua para que estes melhores compreendam seu contexto, assim como construir e reconstruir a identidade dos sujeitos que vivem, moram e trabalham no campo, a fim de compreender e valorizar o lugar onde vivem.

As políticas públicas mais do que nunca precisam ser repensadas por meio de vários aspectos que envolve o meio social e precisa de fato ter articulação e compromisso para ser efetivado, ou seja, precisa garantir o direito básico dos cidadãos, uma educação digna e de qualidade, assim como na saúde, transporte, cultura e etc.

Para acontecer a transformação é necessário que haja o comprometimento de todos, por isso é necessário a união entre escola e trabalho, onde a prática pedagógica precisa ser envolvida nesse processo, mas para isso precisa da participação do trabalho coletivo por um único propósito em defesa dos direitos básicos, para que possa diminuir a desigualdade que existe em relação aos povos do campo. E que a mesma possa contribuir para futuras pesquisas sobre o campo

A partir do momento que os sujeitos são conhecedores e participam de movimentos sociais, a mesma pode dar possibilidade ao jovem permanecer ou não no campo, independente da sua escolha e a sua decisão precisa ser respeitada, é preciso no mínimo um suporte básico para alcançar suas metas e os seus objetivos.

É importante conhecer e se identificar com o campo, e a pesquisa infelizmente aponta o descompromisso com a Educação do Campo, percebemos os avanços significativos, porém ainda precisa avançar, pois a partir do momento que os sujeitos e trabalhadores se sentirem pertencentes nas comunidades, sem dúvidas conseguirão ajudar a sociedade.

Percebe-se que os desafios da Educação do Campo não vêm de agora, mas desde o início da história e com o passar dos anos só vem se agravando, por isso é preciso o comprometimento de todos, pois infelizmente só conseguimos alcançar os direitos constitucionais que temos garantidos por lei no nosso país, por meio da pressão governamental, manifestações e lutas em busca de melhorias para os direitos básicos.

Portanto, os profissionais de educação, em especial do campo, merecem nosso respeito, solidariedade pela causa educacional e social. E como defensores da Educação do Campo, precisamos pôr em prática os legados que Paulo Freire nos deixou, buscando articular os saberes

da escola com a realidade local dos estudantes, divulgando conhecimentos e continuando a luta por uma Educação do Campo digna e de qualidade.

REFERÊNCIAS

APPLE, M.W. (2011). **A política do conhecimento oficial**. Faz sentido a ideia de um currículo nacional? In A. F. Moreira & T.T. da Silva (Orgs), Currículo, Cultura e Sociedade (p. 59-91). São Paulo: Cortez Editora.

ARAÚJO, I. X.; SILVA, S. B. **Educação do campo e a formação sociopolítica do educador**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

ARROYO, M. G. **A educação básica e o movimento social do campo**. In, ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli S. MILINA, Monica C (Orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis-Rj: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma Educação do Campo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BACON, Francis. “Instauratio Magna”.1620.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 04 de novembro de 2010. **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA**. Brasília, DF: Diário Oficial da União - Seção 1 - 5/11/2010, Página 1. Brasília, 2010b.

BRASIL. **Programa Nacional de Apoio ao Transporte escolar – PNATE**. Instituído pela LEI Nº 10.880, DE 9 DE JUNHO DE 2004. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

BRASIL. **Educação do Campo: marcos normativos**/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI, Brasília: DF, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nova LDB** – Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. **Marco de referência da educação popular para as políticas públicas**. Brasília, DF: Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã e Grupo de Trabalho da Política Nacional de Educação, 2014c.

CALDART, Roseli S; MOLINA, Monica Castagna (Org). **Por uma Educação do CAMPO**. Petrópolis: Vozes: 2004.

CALDART. **Sobre educação do campo**. In: SANTOS, C. A. Escrever todo nome. (Org.). Educação do campo: campo, políticas públicas, educação. Brasília: INCRA/MDA, 2008. p. 6786.

CALDART, Roseli Salete. **A Escola do Campo em Movimento**, p. 87-131. 5ª EDIÇÃO. Petrópolis-RJ: Vozes 2019.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete et all (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDEIRA, A. M. S.; ZAIDAN, S. Prática pedagógica. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; VIEIRA, L. M. F. (Org.). **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: Gestrado/UFGM, 2010.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2008.

CANEN, Ana. **Formação de professores e diversidade cultural**. In: CANDAU, Vera Maria. (org.) **Magistério: construção cotidiana**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARR, W. **Una teoria para la educación: hacia una investigación educativa crítica**. Madrid: Morata, 1996.

CARVALHO, S. M. G. de. **A construção de parcerias e a educação de jovens e adultos no campo: uma análise a partir do PRONERA/UFC (1998-2002)**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., Caxambu, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012 - (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994

Clavatta, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação: Gênese e disputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-60)**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA, Eliane Miranda. **A formação do educador do campo: um estudo a partir do Procampo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012.

COSTA, Ana Cristina Sprotte. et. al. **Interdisciplinaridade como Prática Pedagógica Capaz de Superar o Problema do Analfabetismo Científico no Ensino da Física**. Disponível em: <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/snef/xvii/sys/resumos/T0032-1.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

CUNHA, Célio da. **Magistério: diretrizes de valorização e impasses**. Cadernos de Educação: Diretrizes para a Carreira e Remuneração. Brasília, v. 14, n. 21, p. 145-154, out. 2009.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DEMO, Pedro. **Educar Pela Pesquisa**. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2007

DI PIERRO; ANDRADE, M. R. **Escolarização em assentamentos no estado de São Paulo: uma análise da Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária 2004**. Rev. Bras. Educ., v. 14, n. 41, p. 246-257, 2009.

FERNANDES, B. M. **Diretrizes de uma caminhada**. In: A educação do campo: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2006.

FONEC. III **Seminário Nacional. Documento Final**. Brasília, DF, 26, 27 e 28 de agosto de 2015.

FERREIRA, F. Beatriz. **Primeira Experiência em Sala de Aula como Professora de Geografia: Superando Expectativas Ruins**. Revista Ensino de Geografia. Uberlândia, v. 2, p. 63-67, jan./jun. 2011.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura Cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, M.A. **A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE. **Política e educação**. Ensaios. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE; Paulo. In: **Revista Paulo Freire: um educador do povo**. Roseli Salete Caldart; Edgar Jorge Kolling (Orgs). 3 ed. São Paulo/SP: Ed ANCA, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FURLANETTI, Maria Peregrina de Fátima Rotta. **A pesquisa Qualitativa: Transformando o Estágio em Educador popular no campo**. V Jornada de Investigación en Educación, 2007, Córdoba. Educación y perspectivas: contribuciones Teóricas y Metodológicas em Debate, 2007.

GADOTTI. Os mestres de Rousseau. São Paulo: Cortez, 2004.

GATTI, B. A. **Estudos quantitativos em educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade e Currículo**. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Indagações Curriculares: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GUNTHER, H. **Pesquisa qualitativa versus Pesquisa quantitativa: Esta é uma questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.22, n. 2, p.201-210, mai/jun 2006.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Por uma Educação do Campo na Amazônia: currículo e diversidade cultural em debate**. 2013.

HAGE. S.A. M (Org). **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidades das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutermberg Ltda, 2005.

JÚNIOR VILHENA, Waldemar Moura; MOURÃO, Arminda Rachel Botelho. **Políticas públicas e os movimentos sociais por uma educação do campo**. In: GHEDIN, Evandro (org.). Educação do Campo: epistemologias e práticas. São Paulo: Cortes, 2012. p. 169-192.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos Homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo, 2002.

LEINEKER, M. S.L; ABREU, C. B. M de. **Educação do campo e os textos constitucionais: Um estudo a partir da constituição federal de 1934, IX ANPED, sul; seminário de pesquisa em educação da região sul**, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2007.

MARX, K. O Capital – **Crítica da Economia Política**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

KOLLING; VARGAS, M. C.; CALDART, R. S. MST e Educação. In: CALDART, R. et al. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte:** breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

MAYBURY-LEWIS, Biorn. **Terra e Água:** identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do Rio Solimões. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves (org.) Amazônia: desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida. Belém: UFPA, NUMA, 1997.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica:** prática de fichamentos, resumos, resenhas. 13.ed.São Paulo: Atlas.2019.

MEIRELLES FILHO, João. **O livro de ouro da Amazônia:** mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MOLINA, M. C. **A Contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável.** 2003. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2003.

MOLINA, Monica Castagna. **A constitucionalidade e a justiciabilidade do direito à educação dos povos do campo.** In: FERANDES, Bernardo Mançano et al. Educação do Campo: campo – políticas públicas – educação. Brasília: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2008.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria(Orgs.).**Multiculturalismo:**diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ:Vozes, 2008.

MOURÃO, A. R.B. **Trabalho como princípio educativo.** In:Borges, H. da S. (Orgs.).Trabalho e educação do/no campo:Agricultura familiar, agroecologia e alfabetização ecológica: Manaus: EDUA, 2014.p. 56-68.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na selva.** Manaus: Editora Valer, 2000

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Cartografias Ribeirinhas:** Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandoos amazônidas. Belém-Pará: CCSE-UEPA, Coleção Saberes Amazônicos, nº01, 2003.

OLIVEIRA, Sued Silva de et al. **O lugar da pesquisa na formação de professores de ciências.** 2010. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

PRATA, B. dos S., & Silva, S. S. (2022). **A educação do campo em Parintins nas rodas de conversa no FOPINECAF: FIELD EDUCATION IN PARINTINS ON THE TALKING WHEELS AT FOPINECAF.** *Educação Em Revista*, 23(1), 61–78.

PEREIRA, A. C. da S. **Lições da educação do campo:** Um enfoque nas classes multisseriadas. In HAGE, Salomão Mufarrej (org.). Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

PERREIRA, H. dos S. **A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do Rio Solimões- Amazonas.** In: FRAXE;T. de J. P.; PEREIRA; H. dos S.; WITKSOKI; A. C. (Orgs) Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.

Manaus: EDUA, 2007. PIRES, Angela Monteiro. **Educação do campo como direito humano**. São Paulo: Cortez, 2012.

Pires, A. M.(2012). **Educação do campo como direito humano**. São Paulo: Cortez Editora.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.

RIBEIRO, Marlene. **Educação Rural**. In: CALDART, Roseli Salete et all (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SACRISTAN, Gimeno. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

SAUL, A.;C.G da SILVA. **Políticas e práticas educativas inspiradas no pensamento de Paulo Freire: pesquisando diferentes contextos**. Círculo sem fronteiras .14. n.3 p.129-142, set/dez 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 38. ed. Campinas: Autores Associados, 1984

SAVIANI, Dermeval. A nova lei da educação. LDB, trajetória, limites e perspectivas. 8 ed. São Paulo, Autores Associados, 2003.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. revista e atualizada. São Paulo: Cortez 2007.

SILVA, Simone Souza. **Políticas de Formação Inicial de Professores do Campo em Parintins: contextos e contradições**. Manaus: UFAM-PPGE, 2017.

SMITH, Adam. **Riqueza das Nações**. Lisboa : Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1981 e 1983. 2 vols.

SOUZA, M. A. **Pesquisa em educação e movimentos sociais do campo**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., Caxambu, 2008.

SOUZA JUNIOR, Justino. **Princípio educativo e emancipação social: validade do trabalho e pertinência da práxis**. 33ª Reunião da ANPED, Caxambu, 2010.

SOUZA, José Camilo Ramos de. **A Geografia nas Escolas das Comunidades Ribeirinhas de Parintins: Entre o Currículo, o Cotidiano e os Saberes Tradicionais**. São Paulo: USP, 2013. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino, MEIRELES, Mariana Martins de. **A FORMA DA OUTRA BEIRA: escolas rurais –entre invisibilidades, permanências e perspectivas**. In: ANTUNES, Helenise Sangoi, FARIAS, Graziela. Franceschet. (Orgs). Desafios e perspectivas na Educação Rural: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares. Curitiba: CRV, 2014. p. 69-85.

TEIXEIRA, E. S.; BERNARTT, M. de L.; TRINDADE, G. A. **Estudos sobre pedagogia da alternância no Brasil:** revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 2, p. 227-242, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nilbaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 1 ed. 16. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira. **Identidade Cultural de Estudantes Rurais/Ribeirinhos a partir das Práticas Pedagógicas** - Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.

VEIGA, I.P.A. **Escola, currículo e ensino.** In: VEIGA, I. P. A.; CARDOSO, M.H.F (Org.). **Escola Fundamental: currículo e ensino.** Campinas-SP: Papirus, 1995.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes Rurais:** Mapa de Estudos Recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WITKOSKI, A.C. **Terras, Florestas e águas de Trabalho:** os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. São Paulo: Annablume, 2010.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO EM UMA ESCOLA DO CAMPO DE PARINTINS/AM**, sob a responsabilidade da pesquisadora Bruna dos Santos Prata, mestrande do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, cel: (92) 99277-5498, e-mail: brunaprata05@gmail.com, sendo a professora orientadora Dra. Eulina Maria Leite Nogueira, (92) 8193-9840, e-mail: eulinanog@hotmail.com, da Universidade Federal do Amazonas, do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente de Humaitá-AM. O objetivo desta pesquisa é: **compreender as práticas pedagógicas e o trabalho como princípio educativo em uma escola do campo de Parintins/AM e seus impactos no processo de construção do conhecimento**. Os objetivos específicos são: **realizar estudos sobre educação do campo no Brasil e no Amazonas; contextualizar a educação do Campo no município de Parintins-AM; Observar as práticas pedagógicas desenvolvidas em uma escola do campo de Parintins-AM, identificar os desafios dos docentes em incorporarem o trabalho como princípio educativo em suas práticas pedagógicas**.

Sua participação é voluntária e o senhor (a) está sendo convidado para contribuir na pesquisa, na qual consistirá no por meio de entrevista semiestruturada, observação livre e participante além das rodas de conversa que iremos realizar. O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço na Escola Municipal Washington Luiz Teixeira.

As perguntas são voltadas para os professores, pais e líderes de movimentos sociais pretende-se realizar a pesquisa de forma presencial e as perguntas serão voltadas para as questões sobre o campo, práticas pedagógicas e trabalho. As rodas de conversas terão um tempo médio 1h30 a 2h dependendo da interação do grupo podendo ser necessário de 1 a 3 rodas de conversa durante a pesquisa.

A entrevista semiestruturada serão no total de 13 perguntas e abordará temas ligada a temática da pesquisa. Nestes encontros o participante tem livre escolha de responder as perguntas, de ficar em silêncio, sair ou desistir da pesquisa a qualquer momento. Estes encontros serão gravados para serem utilizados na análise de dados e posteriormente descartados, garantindo o anonimato da identidade dos participantes.

Toda pesquisa envolve riscos, caso você se sinta desconfortável em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em algum tópico você sentir incômodo ao falar, podemos encaminhá-lo para o atendimento com um profissional de saúde qualificado e próximo da comunidade. No decorrer da participação desta pesquisa, você não precisa responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas em debate/ entrevista/pesquisa, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. Não há qualquer valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação. No entanto, caso haja qualquer despesa decorrente da sua participação na pesquisa, haverá ressarcimento caso seja necessário.

Outro risco referente a pesquisa presencial por meio dos procedimentos da coleta de dados é a infecção pelo coronavírus (COVID-19), que ainda precisa ter todos os cuidados necessários, pois trata-se de doença respiratória que pode ser transmitida por gotículas de saliva e caso a pesquisa aconteça de forma presencial, vamos nos comprometer com as medidas preventivas como: o distanciamento entre os participantes, o uso de máscara, a utilização de álcool em gel e etc.

Se você aceitar participar, os benefícios serão em contribuir com o conhecimento sobre o tema abordado e melhorias no processo das práticas pedagógicas dos professores do campo, além de proporcionar uma análise crítica e reflexiva no âmbito acadêmico e profissional no que diz respeito a divulgação das ciências partindo da realidade dos sujeitos que vivem, moram e trabalham no campo, disseminando o conhecimento científico nas mais diversas esferas educacionais, principalmente na realidade do Amazonas e Brasil.

Se depois de consentir a sua participação o Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no cel: (92) 9277-5498, ou poderá entrar em contato com o

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Consentimento pós-informado. Eu, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Autorizo o uso de áudios, imagens e gravações para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito à análise de dados e posteriormente o descarte do material.

Caso haja impossibilidade de realizar a pesquisa de forma presencial com os participantes iremos utilizar o uso de ferramentas tecnológicas a distância via meet, grupo de WhatsApp, google forms. Pois não podemos colocar a vida dos participantes em risco. Uma vez que a internet em nosso município é bastante ruim.

Este termo será assinado em duas vias, ficando uma cópia com o participante da pesquisa e outra com a pesquisador (a), caso seja necessário sanar alguma dúvida sobre o processo de pesquisa. Nestes termos agradecemos sua colaboração.

Bruna dos Santos Prata
Orientadora: Prof^a. DR^a. Eulina Maria Leite Nogueira
Universidade Federal do Amazonas
Campus Vale do Rio Madeira
Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Humanidades
Contato: (97) 3373-1180

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

_____, ____/____/____

Assinatura do Participante

IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPI
CA

Assinatura do Pesquisador Responsável

Rubricas

(Participante)

cel: (92) 9277-5498, ou poderá entrar em contato com o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente -
Programa de Pós-Graduação de Mestrado Ensino: Ciências e Humanidades – PPGECH

Roteiro de Entrevista – Professores



Letra de
identificação

Bloco I - Perfil do Entrevistado

Sexo: () Masculino () Feminino () LGBT+ () Outro

Idade: _____

Estado Civil: _____

Tempo de experiência no Magistério: _____

Tempo de experiência nesta escola: _____

Regime de trabalho: () efetivo () contrato temporário

Carga horária de trabalho: () 20h () 40h () 60h

Qual sua Formação? _____ Ano de conclusão: _____

Você possui pós graduação? Cite

Bloco II – Práticas Pedagógica

1. O que você entende por educação do campo? Justifique

2. Você participou ou participa de formação específica para a educação do campo? Comente.

3. Com relação a sua experiência na educação do campo, como você avalia: pontos positivos e pontos desafiadores.

4. Com relação ao seu trabalho pedagógico, a escola disponibiliza acompanhamento pedagógico para auxiliar no desenvolvimento das atividades? Comente

5. Com relação aos materiais pedagógicos, os mesmos são suficientes para o desenvolvimento das atividades escolares? Comente

6. Nos fale de suas práticas pedagógicas. Como você planeja e desenvolve suas atividades? Comente.

7. Durante o desenvolvimento das suas atividades, como você trabalha em relação ao cotidiano de vida dos estudantes do campo? Comente

8. O que você entende por trabalho? Comente.

9. Para você o trabalho é algo necessário para o ser humano? Por que?

10. O pais ensinam os seus saberes e motivam os filhos ao trabalho? Comente


11. Você consegue perceber como os estudantes veem o campo? Comente.

12. Na sua concepção, os estudantes pretendem continuar no campo? Comente.

13. Quais as perspectivas dos estudantes?

Bloco IV- Pais e líderes de movimentos sociais - Perfil do Entrevistado

Sexo: () Masculino () Feminino () LGBT+ () Outro



 Letra de
identificação

Idade: _____

Estado Civil: _____

Comunidade: _____ Quanto tempo: _____

Quantos filhos: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Qual sua Formação? _____ Ano de conclusão: _____

1. Como você é sua comunidade? Explique.

2. Como você vê a escola? A escola corresponde a expectativa da família? Comente.

3. O que você acrescentaria nas práticas dos professores? Comente.

4. Na sua opinião os conteúdos ministrados na escola valorizam o trabalho realizado pelas famílias para atender as necessidades ou sustento das mesmas? Comente

5. O que você deseja para o futuro do seu filho (a)? Comente

6. O que você entende por trabalho? Qual trabalho você desenvolve para o sustento da sua família? Comente.

7. Quais são os anseios e perspectivas para sua comunidade? Comente.
